

O DIÁLOGO, Santa Catarina de Sena

1 . CATARINA EM VIGÍLIA NOTURNA

1.1 - É pelo amor que o homem se une a Deus.

Estava certa pessoa arrebatada em grandíssimo desejo da glória divina e da salvação dos homens...Exercitara-se durante algum tempo na prática da virtude, vivendo habitualmente na cela do autoconhecimento para melhor conhecer a Deus presente em si mesma. Quem ama procura seguir a Verdade e revestir-se dela. Não existe, porém, melhor modo de saborear a Verdade e de ser por ela iluminado, que a oração humilde e contínua, baseada no conhecimento de si e de Deus. Tal oração une o homem a Deus nas pegadas de Cristo crucificado; identifica-o com ele no desejo, na afeição, na união amorosa. Jesus parece afirmar tudo isso quando diz: "Quem ama guarda as minhas palavras e eu me manifestarei a ele; será uma só coisa comigo e eu com ele (Jo 14,21; 17,21). Em outras passagens bíblicas, ainda, encontramos expressões semelhantes, que revelam ser verdade o seguinte: pelo amor, o homem torna-se um outro Cristo!

Para explicar-me melhor, recordo de ter ouvido de uma serva de Deus que, estando em oração, o Senhor não lhe ocultou seu amor pelos seus servidores, mas lho revelou dizendo entre outras coisas: "Usa a tua fé e fixa o pensamento em mim; verás a dignidade e a beleza do homem! Mas além da beleza que lhe provém da criação, presta atenção nestes que estão revestidos com a roupa nupcial da caridade, adornados com tantas e tão belas virtudes. Eles se acham unidos a mim pelo amor. Se me perguntares quem são - assim continuava o doce e amoroso Verbo - direi que são outro eu. Eles destruíram a vontade própria, revestiram-se da minha vontade, uniram-se a ela, a ela se conformaram". Realmente, é pelo amor que o homem se une a Deus.

1.2 - As quatro petições

Desejando conhecer e seguir mais virilmente a Verdade, aquela serva elevou a Deus o seu anseio: primeiramente por si mesma, convencida de que ninguém pode ser de fato, útil aos demais através do ensino, do exemplo e da oração, se não cuidar de si pela aquisição das virtudes. Ela fez quatro petições ao Pai eterno: a primeira por si mesma; a segunda, pela reforma da santa Igreja; a terceira, de caráter geral, pelo mundo todo, sobretudo em favor da pacificação dos cristãos rebeldes que tanto pecam e prejudicam a santa Igreja; na quarta,

rogava à Providência divina que cuidasse de todos, sobretudo de um caso particular.

1.3 - Catarina se oferece como vítima

O ardor era grande, contínuo. E aumentou ainda mais quando a Verdade Primeira lhe revelou as necessidades do mundo, mostrando-lhe a sua confusão e pecados. Também uma carta do diretor espiritual¹ falava de sofrimentos e dor intoleráveis, por causa das ofensas cometidas contra Deus, da condenação eterna de muitos e da perseguição contra a santa Igreja. Tudo isso lhe acendia a chama do desejo santo, num misto de tristeza pelos pecados e de alegria pela esperança de que Deus haveria de dar solução a tantos males.

Como considerasse a eucaristia como o meio mais apto para a união do homem com Deus e maior conhecimento da Verdade - pois na comunhão o homem se acha em Deus e Deus no homem, como peixe no mar e o mar no peixe - aquela serva ansiava pela aurora a fim de ir à missa. Era um sábado, o dia de Maria. Amanheceu. Na hora da missa, sentiu um desejo imenso. Com profundo conhecimento de si, envergonhava-se da própria imperfeição. Parecia-lhe ser a causa de todos os males do mundo. Por essa razão odiava-se com santa justiça, desprezava-se. Esse conhecimento, ódio, justiça, purificaram-na dos pecados que julgava ter, e que de fato lhe estavam na alma.

Dizia: "Ó eterno Pai, dirijo-me a ti para que castigues meus defeitos neste mundo. E porque, pelas minhas faltas, sou a responsável dos sofrimentos que meu próximo padece, rogo-te que bondosamente te desagraves em mim.

¹ O diretor de que fala o texto é o beato Raimundo de Cápuia, religioso dominicano.

2 . PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA FORMAÇÃO APOSTÓLICA

2.1 - A penitência sozinha não dá reparação à culpa

Então a Verdade eterna arrebatou em si, com maior violência, o desejo daquela serva. Tal qual acontecia no Antigo Testamento, quando o fogo do céu descia sobre os holocaustos oferecidos a Deus e consumia a oferenda a ele agradável, a doce Verdade enviou o fogo do Espírito Santo sobre aquela serva e aceitou o sacrifício de amor que ela fazia de si mesma. Dizia-lhe:

- Minha filha, não o sabes? Todos os sofrimentos que um homem suporta ou pode suportar

nesta vida são suficientes para satisfazer a menor culpa. Sendo eu um bem infinito, a ofensa contra mim pede satisfação infinita. Desejo que o compreendas. Os males desta existência não são punições, mas correção a filho que ofende. Assim, a satisfação se dá pelo amor, pelo arrependimento e pelo desprezo do pecado. Esse arrependimento é aceito no lugar da culpa e do reato, não pela virtude dos sofrimentos padecidos, mas pela infinitude do amor. Deus, que é infinito, quer amor e dor infinitos.

A dor por ele desejada é infinita em dois sentidos: com relação à ofensa feita contra o Criador e com relação àquela feita ao próprio homem. Quem se acha unido a mim por um amor infinito, sofre quando me ofende ou vê que outros me ofendem; igualmente, quando padece no corpo ou no espírito, qualquer seja a sua origem, tem merecimento infinito. Dessa forma satisfaz pela culpa, que era merecedora do inferno. Embora praticadas no tempo finito, são ações válidas, pois fortalecem-nas as virtudes, a caridade, a contrição, o desprezo da culpa, que são infinitos.

Foi quanto ensinou Paulo, ao afirmar: "Se eu falasse a língua dos anjos, adivinhasse o futuro, partilhasse os meus bens com os pobres, e entregasse o corpo às chamas, mas não tivesse a caridade, tudo isso de nada valeria" (1Cor 13,13). O glorioso apóstolo faz ver que os gestos finitos são insuficientes para punir ou satisfazer, sem a força da caridade.

2.2 - A culpa é reparada pelo amor

Filha, fiz-te ver que a culpa não é reparada neste mundo pelos sofrimentos, suportados unicamente como sofrimentos, mas sim pelos sofrimentos aceitos com amor, com desejo², com interna contrição. Não basta a força da mortificação; ocorre o anseio da alma. O mesmo acontece, aliás, com a caridade e qualquer outra virtude, que somente possuem valor e produzem a vida em meu Filho Jesus Cristo crucificado, isto é, na medida em que a pessoa dele recebe o amor e virtuosamente segue suas pegadas. Somente assim adquirem valor. As mortificações satisfazem pela culpa na feliz comunhão do amor, adquirido na contemplação da minha bondade. Satisfazem graças à dor e à contrição quando praticadas no autoconhecimento e na consciência das culpas pessoais. Esse conhecimento de si gera desprezo pelo mal, pela sensualidade³, induz o homem a julgar-se merecedor de castigos e indigno de recompensa. Assim - acrescentava a doce Verdade - é pela contrição interior, pelo amor paciente e pela humildade, considerando-se merecedora de castigos e não de prêmio, que a pessoa oferece reparação.

² - O desejo santo da glória divina e da salvação dos homens.

³ - A palavra sensualidade, no pensamento de Catarina, não inclui a conotação própria de lubricidade, própria do termo em português. Quer apenas indicar a sensibilidade humana, carregada de tendências para o mal, por efeito do pecado original.

2.3 - O caminho da Verdade

Tu me pedes sofrimentos como reparação das ofensas cometidas contra mim pelos homens; desejas conhecer-me e amar-me como suma Verdade. O caminho para atingir o conhecimento verdadeiro e a experiência do meu ser - Vida eterna que sou - é este: nunca abandones o autoconhecimento! Ao desceres para o vale da humildade, reconhecer-me-ás em ti, e de tal conhecimento receberás tudo aquilo de que necessitas. Nenhuma virtude tem valor sem a caridade, no entanto é a humildade que forma e nutre a caridade. Conhecendo-te, tu te humilharás ao perceber que, por ti mesma, nada és. Verás que o teu ser procede de mim, que vos amei, a ti e aos outros, antes de virdes à existência. Além disso, quando quis recriar-vos na graça com inefável amor, eu vos lavei e vos concedi uma vida nova no sangue de meu Filho unigênito; naquele sangue derramado num grande incêndio de amor. Para quem destrói em si o egoísmo, é no autoconhecimento que tal sangue manifesta a Verdade. Não existe outro meio. Por meio dele, o homem em inexprimível amor conhece-me e sofre. Não com um sofrimento angustiante, aflitivo e árido, mas com uma dor que alimenta interiormente. Ao conhecer a Verdade, a alma sofrerá terrivelmente, pois toma consciência dos próprios pecados e vê a cega ingratidão humana. Nenhuma dor sofreria, se não amasse 4.

4 - Este parágrafo resume a doutrina catariniana da cela interior, isto é, do autoconhecimento em Deus.

2.4 - A satisfação reparadora mede-se pelo amor

Logo que tu e meus servidores conhecerdes a minha Verdade através daquele caminho, tereis de sofrer tribulações, ofensas e desprezos por palavras e ações, até à morte. Tudo isso, para glória e louvor do meu nome. Sim, padecerás, sofrerás. Tu e meus servidores, portanto, armai-vos de muita paciência, arrependimento de vossos pecados e de amor à virtude, para glória e louvor do meu nome. Agindo assim, aceitarei a reparação das culpas tuas e dos demais servidores. Pela força do amor e da caridade, vossos sofrimentos serão suficientes para dar satisfação e reparação por vós mesmos e pelos demais.

Pessoalmente, receberéis o fruto da vida; serão canceladas as manchas dos vossos pecados; já não me recordarei de que me ofendestes. Quanto aos outros, graças ao vosso amor,

concederei o perdão em conformidade com suas disposições.

Para aqueles que se dispuserem com humildade e respeito aos ensinamentos dos meus servidores, perdorei a culpa e o reato. Como? No sentido de que tenham um autoconhecimento perfeito e a contrição dos pecados. Tais pessoas, graças à oração e à caridade dos meus servidores, obterão o perdão. Exige-se, porém, humildade no acolhimento; e obterão maior ou menor intensidade, de acordo com a intenção que tiverem de fazer frutificar a graça.

Para os cristãos, em geral, afirmo que pelos vossos anseios haverão de obter a remissão e o cancelamento das culpas. A não ser que sua obstinação seja tamanha, que prefiram ser reprovados por má vontade, com desprezo do sangue com que foram amorosamente remidos. Estes, que favores receberão? Por consideração aos pedidos dos meus servidores, terei paciência com eles, iluminá-los-ei, suscitarei o remorso, farei que sintam gosto pela virtude, que provem prazer na amizade com meus servidores. Algumas vezes permitirei que o mundo lhes mostre a sua face e experimentarão numerosas e diferentes impressões. Quero que percebam a instabilidade do mundo e elevem seus desejos em direção à pátria eterna. Assim e com outros expedientes invisíveis aos olhos, inenarráveis para a língua e imperceptíveis ao coração - pois são inúmeros os caminhos e recursos de que me sirvo - unicamente por amor eu os convido à graça, desejoso de que minha Verdade se realize neles. O motivo que me leva a agir dessa forma é sempre inestimável amor com que os criei; é a oração; são os anseios; é a dor dos meus servidores. Jamais desprezo a lágrima, o suor, a sua oração humilde. Pelo contrário, aceito tudo isso, uma vez que sou eu mesmo que levo meus servidores a amar e a sofrer por causa da condenação alheia. A tais pessoas, porém, não é dado a remissão do reato. Elas não se encontram pessoalmente dispostas a acolher, mediante uma caridade perfeita, o meu amor e o amor dos meus servidores. Elas não sentem dor e contrição perfeitas dos pecados cometidos; sua caridade e contrição são imperfeitas. Eis o motivo por que não alcançam a remissão da pena, como aqueles de que falei antes, mas somente o perdão da culpa.

Realmente, é mister que haja boa disposição de ambas as partes: em quem doa e em quem recebe a reparação. Sendo imperfeitos, estes últimos imperfeitamente acolhem os anseios de meus servidores, os quais com mortificações se oferecem a mim em seus lugares. Todavia, como disse acima, eles obtêm a reparação da culpa e são perdoados. Pelo modo explicado, isto é, mediante iluminação interior, pelo remorso, obtêm a satisfação da culpa. Começam a ter consciência das suas faltas, confessam-nas e recebem a graça. São os cristãos da "caridade comum"⁵. Se eles tudo aceitarem mediante conversão de vida, se não se opuserem ao amor do Espírito Santo, livrar-se-ão do pecado e alcançarão a graça. No entanto, se por maldade, se

comportarem com ingratidão, sem reconhecimento para comigo e meus servidores, o dom a eles feito por misericórdia se transformará em juízo e ruína. Isto, não por falha da misericórdia, não por falta do servidor que por eles implorava, mas unicamente pela maldade e dureza que eles mesmos, livremente, puseram em seus corações, qual diamante que somente o sangue de Cristo consegue quebrar.

Apesar de tal dureza, afirmo-te que tais pessoas, enquanto se acham nesta vida e possuem a liberdade, poderão invocar o sangue do meu Filho e derramá-lo sobre o próprio coração; então Cristo o romperá e elas receberão o fruto do sangue. Mas se demorarem, o tempo oportuno se esgotará. Já não haverá remédio, porque não aproveitaram o dom que lhes dera eu através da memória, para se recordarem dos benefícios recebidos; através da inteligência, para conhecerem a Verdade; e através da vontade, para me amarem como herança eterna. Sim, esse é o dom que vos entreguei e que deve voltar às minhas mãos paternas. Quando o homem vende ou dá ao demônio tal presente, então passa a caminhar com o maligno e leva consigo o que adquiriu na vida, ou seja, a memória cheia de recordações desonestas, de orgulho, de amor-próprio, de ódio e desprezo pelos outros, qual perseguidor dos meus servidores fiéis. Carregadas de tais pecados, essas pessoas não satisfazem pela culpa com a contrição, não abandonam o mal. A vontade lhes ofusca a inteligência e assim, na corrupção, vão para o fogo eterno.

5 - Cristãos da "caridade comum" são os leigos que vivem os mandamentos, mas não os conselhos evangélicos.

2.5 - Sumário e exortação

Ficas assim sabendo que a penitência dá reparação à culpa através da contrição perfeita, não em força das mortificações em si mesmas. Relativamente aos que se acham na via da perfeição, repara-se não somente pela culpa, mas também pelo reato; quanto aos que se acham na via da perfeição, repara-se não somente pela culpa mas também pelo reato; quanto aos que vivem na caridade comum, somente a culpa é perdoada. Estes últimos, libertos do pecado mortal, recebem o dom da graça, mas não possuindo uma contrição e amor suficientes para cancelar o reato, quando morrem vão para o Purgatório. Como vês, cada um oferece reparação de acordo com o grau de caridade que possui por mim, Bem infinito. Isso acontece tanto da parte daquele que doa orações e amor, como daquele que os recebe. Minha bondade age segundo a medida com que um doa e o outro acolhe.

Alimenta, pois, a chama do teu amor! Não deixes passar um só minuto sem clamar diante de mim, com oração humilde e contínua, em favor dos pecadores. Rogo a ti e ao teu diretor

espiritual, que vos comporteis virilmente. Vivei como mortos relativamente à própria sensualidade.

Agrada-me o desejo de padecer dificuldades e cansaços até à morte, pela salvação dos homens. Quanto mais alguém suporta dores, mais demonstra que me ama. Amado-me, conhecerá melhor a Verdade, e quanto mais a conhecer, maior será sua dor por ver-me ofendido. Pedias-me sofrimentos, que punisse em tua pessoa os pecados alheios; não percebias que, na realidade, estavas implorando amor, luz, conhecimento da verdade. Já afirmei que a dor e os sofrimentos aumentam na medida do amor; quanto maior a caridade, maior a dor. Garanto-vos: pedi e recebereis (Jo 16,24)! Não deixo de atender a quem me suplica com retidão. Convence-te de que a caridade está intimamente unida à paciência; impossível perder uma delas, sem perder a outra. Ao optar pelo meu amor, o homem faz opção também de sofrer por minha causa, qualquer seja a modalidade da dor. É na adversidade que se prova ter paciência e amor. Comportai-vos, portanto, virilmente. Agindo de outra forma, não demonstrareis ser - nem o sereis realmente - esposos fiéis e filhos da Verdade; nem provaríeis aspirar pela minha glória e pela salvação dos homens.

2.6 - Toda virtude é praticada no próximo

Vou explicar-te agora que toda virtude se realiza no próximo, bem como todo pecado.

Toda pessoa que vive longe de mim prejudica o próximo; e a si, dado que cada um é o primeiro próximo de si mesmo. Tal prejuízo pode ser desordem geral ou pessoal. Em geral, porque sois obrigados a amar os demais como a vós mesmos. De que maneira? Socorrendo espiritualmente pela oração, dando bom exemplo, auxiliando quanto ao corpo e quanto ao espírito, conforme as necessidades. No caso de alguém nada possuir, pelo menos há de ter o desejo de auxiliar! Quem não me ama, também não ama os homens; por isso não os socorre. Quem despreza a vida da graça, prejudica antes de tudo a si mesmo, mas prejudica também os outros, deixando de apresentar diante de mim - como é seu dever - orações e aspirações em favor deles. Todo e qualquer auxílio prestado ao próximo deve provir do amor que se tem por aquela pessoa, mas como consequência do amor que se tem por mim. Da mesma forma, todo mal se realiza no próximo, e quem não me ama, também não tem amor pelos outros. A origem dos pecados está na ausência da caridade para comigo e para com o homem. Para fazer o mal, basta que se deixe de fazer o bem. Contra quem se age, a quem se prejudica na prática do mal? Primeiramente contra si mesmo; depois, contra o próximo. A mim, não me prejudica. Eu não posso ser atingido, a não ser no sentido de que considero feito a mim o que se faz ao homem. Será um

prejuízo que leva à culpa com privação da graça e, nesse caso, coisa pior não poderia acontecer; ou será uma recusa de afeição e amor, obrigatórios e que exigem o socorro pela oração e súplicas diante de mim. Tudo isso é auxílio de ordem geral, porque é devido aos homens em comum.

O auxílio de ordem pessoal consiste na colaboração prestada às pessoas com quem convivemos, pois existe a obrigação aos homens de se ajudarem mutuamente com bons conselhos, ensinamentos, bons exemplos e qualquer outra obra boa de que se necessite. O bom conselho há de ser desinteressado como se fosse dado a si mesmo, sem segundas intenções egoístas. Quem não me ama, certamente não agirá convenientemente e prejudicará aos demais. Nem serão apenas prejuízos por omissão do bem, mas ações más e danos até repetidos.

Isto acontece da seguinte forma:

O pecado é externo ou interno. Externo, aquele praticado visivelmente; mas procede de um apego interior ao mal e de um desprezo interior pelo bem. É uma ação que procede do egoísmo, que destrói no homem a caridade devida a mim e aos outros. É tal egoísmo que gera, um após outro, os pecados contra o próximo; de várias maneiras, conforme aprover à vontade pervertida, chegando-se, às vezes a uma verdadeira crueldade, seja de modo geral como particular. De modo geral, quando uma pessoa põe a si mesma e aos demais em perigo de morte espiritual e condenação eterna pela privação da graça. A maldade chega a ser tão grande que o homem, sem amor pelo bem e sem fugir do mal, já não cuida de si, nem dos demais. Ao invés de dar bons exemplos, age com malícia e faz o papel dos demônios, afastando os outros da virtude e levando-os, quanto pode, para o vício. Trata-se de uma autêntica crueldade contra a própria alma, no esforço de priva-la da graça e dar-lhe a morte espiritual. Por ganância, pratica ações más, deixa de auxiliar o próximo com os bens que possui e até se apossa do alheio, espoliando os mais pobres. Outras vezes, por abuso de autoridade ou por engano e fraude, obriga o vizinho a vender seus bens e até sua pessoa.

Ó crueldade detestável, que não fruirás da misericórdia divina, a menos que o responsável retorne à piedade e ao amor pelos demais.

Acontece também que o pecador diga palavras injustas, provocando até homicídios. Cometam-se ainda desonestidades e impurezas. Pessoas há que chegam a assemelhar-se aos animais irracionais, com muita podridão. Pior é que com tais atos não atingem apenas duas ou três pessoas, mas todos aqueles que deles se aproximam por amizade ou necessidade social. E a soberba, contra quem age? Exatamente contra o próximo, por causa da procura da fama pessoal. Acreditando-se maior que os demais, o orgulhoso desagrade aos outros e os ofende. No caso de ocupar cargos, pratica injustiças e maldades, qual mercador de carne humana.

Ó filha querida, lamenta-te porque sou ofendido. Chora sobre esses mortos, para que sua morte espiritual seja vencida pela oração. Vê como, em toda parte e em todas as classes sociais, peca-se contra e através do próximo. É contra o homem que se age, de modo oculto e manifesto. De modo oculto, negando-lhe aquilo a que tem direito; de modo manifesto, através dos vícios de que te falei.

É realmente verdade, portanto, que as ofensas cometidas contra mim acontecem através do homem.

2.7 - É no homem que se ama a Deus

Como disse, todos os pecados são cometidos através do próximo, no sentido de que eles são ausência da caridade, que é a forma de todas as virtudes. No mesmo sentido, o egoísmo, que é a negação do amor pelo próximo, constitui-se como razão e fundamento de todo o mal. Ele é a raiz dos escândalos, do ódio, da maldade, dos prejuízos causados aos outros. O egoísmo envenenou o mundo inteiro e fez adoecer a hierarquia da Igreja e o povo cristão.

Já te disse que as virtudes se fundamentam no amor pelos outros; é da caridade que a virtudes recebem a vida. Sem ela nenhuma virtude existe, pois as virtudes se adquirem no puro amor por mim. Afirmei igualmente que o autoconhecimento produz na pessoa a humildade e a repulsa da paixão sensível, fazendo-a conscientizar-se da lei perversa que existe em seus membros e continuamente luta contra o espírito. Diante disto, o cristão luta e se opõe à sensualidade, com empenho a submete à razão e procura descobrir em si mesmo a grandeza da minha bondade. Inúmeros são os favores que lhe faço. Ao reconhecer que gratuitamente o retirei das trevas e o transferi para a verdadeira Sabedoria, no autoconhecimento ele se humilha. Assim consciente da minha benevolência, o homem me ama direta e indiretamente. Diretamente, não pensando em si mesmo ou em interesses pessoais; indiretamente, através da prática da virtude. Toda virtude é concebida no íntimo do homem por amor de mim; fora do ódio ao pecado e do amor à virtude, não existe maneira de me agradar e de se chegar até mim. Depois de ter concebido interiormente a virtude, a pessoa a pratica no próximo.

Aliás, tal modo de agir é a única prova de que alguém possui realmente uma virtude. Quem me ama, procura ser útil ao próximo. Nem poderia ser de outra maneira, dado que o amor por mim e pelo próximo são uma só coisa. Tanto alguém ama o próximo, quanto me ama, pois de mim se origina o amor do outro.

O próximo, eis o meio que vos dei para praticardes a virtude que existe em vós. Como nada podeis fazer de útil para mim, deveis ser de utilidade ao homem. Esta é a prova de que estou presente em vós pela graça: se auxiliais aos outros com orações numerosas e humildes, se

desejais minha glória e a salvação dos homens. Quem se apaixona por mim, jamais cessa de trabalhar pelos outros, de modo geral ou particular, com maior ou menor empenho, segundo as disposições do beneficiado e do benfeitor. Disto já falei antes quando expliquei que a mortificação, sem o amor, é insuficiente para cancelar a culpa.

Assim, graças ao amor que o une a mim, o homem torna-se útil ao próximo; preocupado com a salvação alheia, ama o próximo, presta-lhe serviços em suas necessidades. Depois de ter cuidado de si pela aquisição interior das virtudes, esforça-se por descobrir as precisões do próximo também no plano individual. Além de ajudar no plano geral, passa a prestar auxílios às pessoas mais próximas, de acordo com os diversos dons que lhe dei, ou seja, ensinando e orientando a uns com palavras, sem interesses pessoais, nem medo; a outros, com o bom exemplo. De fato, é obrigação de todos edificar os demais com uma vida boa, santa e honesta.

São essas as virtudes que o homem pratica no próximo. Existem outras mais e seria impossível enumera-las todas. Idealizei-as em multiplicidade e não as concedo todas a todos; a uns, dou umas; a outros, outras. De fato, quem possui uma delas, possui todas, porque as virtudes são conexas. Embora eu conceda muitas virtude, uma delas será como que a principal entre as demais. Por exemplo, a uma pessoa darei como virtude maior a caridade, a outra a humildade, a outra a fé viva, a outra a prudência, a temperança, a paciência, a fortaleza. Tais virtude, e outras ainda, concedo aos homens diversificadamente; uma delas constituirá o elemento virtuoso preponderante, dispondo o indivíduo a uma vivência maior dessa virtude. Essa virtude maior dominará sobre todas as demais, porém todas elas estarão interligadas pela caridade, como já disse.

Muitos são os dons, graças, virtudes e favores espirituais ou corporais, que concedi aos homens. Corporais são aqueles necessários à vida humana. Dei-os diversificadamente, isto é, não os coloquei todos em cada pessoa, para que fôsseis obrigados vos auxiliar mutuamente. Poderia ter criado os indivíduos dotando-os de todo o necessário, seja na alma como no corpo; mas preferi que um necessitasse do outro; que fôsseis administradores meus no uso das graças e benefícios recebidos. Dessa forma, querendo ou não, o homem haveria de praticar a caridade, muito embora não seja meritória a benevolência não realizada por meu amor. Como vês, a fim de que os homens exercitassem o amor, fi-los meus administradores e os coloquei em diferentes estados de vida, em diferentes posições. Isto vos mostra como existem muitas mansões em minha casa e como nada mais desejo que o amor. O amor por mim se consuma no amor pelo próximo; quem ama o próximo já observou a Lei. Quem me ama, pratica todo o bem possível, em seu estado de vida, para o benefício dos outros.

2.8 - É na dificuldade que se provam as virtudes

Acabei de explicar como, sendo útil ao próximo, o homem manifesta seu amor por mim. Agora vou dizer como cada pessoa mostra possuir a paciência ao ser injuriada pelos outros; a humildade, quando se acha diante do orgulhoso; a fé, diante do infiel; a esperança, na presença de quem nada espera; a mansidão e a benignidade, ante o irascível. Todas estas virtudes revelam sua existência e são exercitadas no próximo, da mesma forma como é nele que os maus cometem seus pecados.

Vê bem. É diante da soberba que aparece a humildade. O homem humilde vence o orgulho, pois o orgulhoso é incapaz de prejudicar quem é humilde. Do mesmo modo o descrente - que não me ama, nem em mim espera - não faz diminuir a fé do homem fiel ou a esperança daqueles que a possuem no coração por meu amor. Ao contrário, até as faz crescer e manifestar-se mediante o amor altruísta. Meu servidor, percebendo que se trata de um descrente ou desesperado que não confia em mim, nem nele - pois aquele que não me ama, também não acredita em mim, não confia em mim, mas deposita a sua afeição na própria sensualidade - meu servidor não deixa de amar verdadeiramente tal pessoa, certo de que ainda encontrará em mim a salvação. Como vês, o servidor fiel comprova sua fé na descrença e na desesperança alheia. Em casos semelhantes e em qualquer outro que ocorra, ele demonstra possuir a virtude.

Assim, a virtude da justiça não diminui diante das injustiças; evidencia-se até, pois a justiça se revela na paciência. Também a benignidade e a mansidão são evidenciadas pela doce paciência no tempo do ódio; e o amor caridoso, todo cheio da sede e desejo da salvação alheia, torna-se visível diante da inveja, do desprezo e ódio. Mais ainda! Além de provar que são virtuosas, pagando o mal com o bem, tais pessoas frequentemente atiram brasas de amor, as quais consumirão a raiva e o rancor do coração do irascível, levando-o a passar da ira à benevolência. Tudo isso acontece, graças à caridade e perfeita paciência daquele que suporta a raiva e demais defeitos do malvado. Relativamente às virtudes da fortaleza e perseverança, elas são comprovadas mediante os longos sofrimentos, as ofensas, as difamações daqueles que procuram afastar o servidor fiel do caminho verdadeiro, seja com atrativos, seja com ameaças. Quando o servidor fiel possui a fortaleza interior, mostra-se realmente forte e perseverante, dando prova disso no contato com os homens. Quando alguém não resiste no tempo das contradições, é sinal de que não possuía uma virtude verdadeira.

2.9 - O cristão precisa de humildade, caridade e discernimento

Tais são as ações santas e agradáveis, que exijo dos meus servidores, ou seja, as virtudes

internas devidamente comprovadas. Eu não me contento com atos só exteriores, corporais, realizados em diferentes e numerosas mortificações, com atos que na realidade são apenas meios para se atingir a virtude. Tais penitências pouco me agradam, se não se fazem acompanhar das virtudes internas, indicadas acima. Digo mais: se uma pessoa se penitencia sem discernimento, pondo todo o seu afeto na mortificação enquanto tal, até impedirá sua perfeição. Quem se penitencia há de valorizar o amor, desprezar a si mesmo, ser humilde, paciente; há de ter todas as virtudes, deve alimentar o desejo da minha glória e a salvação dos homens. Essas virtudes mostrarão que seu egoísmo morreu e que perenemente destrói a sensualidade através do amor pela virtude.

É com tal discernimento que se deve praticar a penitência. Em outras palavras: é mister dar mais importância às virtudes que à mortificação. Esta última será um meio para aumentar as virtudes e será feita de acordo com a necessidade, na exata medida das forças pessoais. Aqueles que consideram as mortificações como essencial, obstaculizam a própria perfeição. Seria esta uma atitude tomada sem a iluminação do autoconhecimento e sem a exata consideração da minha bondade; estaria fora do reto caminho. Seria uma atitude sem discernimento, que valoriza o que eu não valorizo, que não despreza o que eu desprezo. O discernimento consiste num exato conhecimento de si e de mim; o discernimento enraíza-se nesse autoconhecimento. É como um rebento intimamente unido à caridade.

Qual árvore de muitos galhos, a caridade possui numerosos filhos. Como as árvores recebem a vida de suas raízes enterradas no solo, assim a caridade se nutre na humildade, e o discernimento é um dos filhos ou rebentos da caridade. Não existindo este solo da humildade, o discernimento não seria verdadeira virtude, nem produziria frutos de vida. A humildade brota do autoconhecimento e o discernimento, como afirmei, consiste num real conhecimento de si e de mim, que faz o homem dar a cada um o que lhe pertence. Quanto a mim, dará glória, louvor e será grato pelas graças e favores recebidos; quanto a si mesmo, atribuirá o que julgar ter merecido, reconhecerá que nada é por si mesmo, consciente de que de mim recebeu gratuitamente o ser, agradecer-me-á por toda outra perfeição acrescentada ao ser. Julgar-se-á mesmo ingrato diante dos numerosos favores, negligente no aproveitamento do tempo e das graças, digno de castigo. O discernimento, enfim, ao fundamentar-se no humilde autoconhecimento, conduz à luta contra os pecados pessoais.

Homem sem humildade é homem sem discernimento. Seu agir baseia-se no orgulho, da mesma forma como todo discernimento vem da humildade. Tal pessoa comporta-se ainda, como um ladrão, enquanto rouba minha glória e a atribui a si mesmo, no desejo de engrandecer-se. Em sentido contrário, atribui a mim o que é absolutamente seu; queixa-se e murmura contra os misteriosos desígnios que realizo em sua vida e na alheia; em tudo acha

motivo de oposição a mim e ao próximo.

Diversamente se comporta quem possui o discernimento. Depois de ter reconhecido como meu o que me pertence, cumpre para com os outros a grande dívida do amor e da oração humilde e contínua, como é seu dever; ensina, dá bom exemplo, auxilia materialmente segundo as necessidades. Disto já falei antes. Quem tem discernimento, qualquer que seja seu estado de vida - patrão, prelado ou súdito - sempre trata o próximo com amor. Caridade e discernimento estão intimamente entrelaçados; ambos se enraízam no solo da verdadeira humildade, sendo esta o fruto do autoconhecimento.

Sabes qual é a relação mútua dessas três virtudes?

É como se tivesse no chão um círculo, do qual brotasse um tronco de árvore com um rebento ao lado. O tronco alimenta-se da terra contida no círculo e morreria, não daria frutos, se estivesse do lado de fora. Entende agora a comparação. A alma é uma árvore nascida para o amor; sem ele não vive. Privada do amor divino da caridade, não produz frutos de vida, mas de morte. É mister que a raiz desta árvore brote no círculo do autoconhecimento. Este círculo está em comunhão comigo. Como ele, não tenho princípio nem fim. Quando te encontras dentro de uma circunferência, vais girando, e não achas nem início, nem termo. Igualmente o conhecimento de si e de mim realiza-se no terreno da humildade e possui a amplitude da circunferência do conhecimento do meu ser. Sem tal característica, o autoconhecimento não formaria um círculo sem princípio nem fim; começando por conhecer-se, acabaria na confusão, longe de mim. Em conclusão, é no terreno da humildade que se alimenta a caridade e com ela brota o rebento do discernimento verdadeiro.

Medula ou cerne dessa árvore é a paciência. Esta virtude constitui o sinal externo de que eu estou numa alma e ela em mim.

Plantada com imenso amor, semelhante árvore produz virtudes perfumadas, como flores numerosas e variegadas; produz o fruto da gratidão e da bondade para com os outros homens, pelo esforço dos meus servidores, para comigo; essa árvore produz o perfume da glória e do louvor. Assim, o homem realiza a finalidade para a qual o criei, ou seja, atinge a meta final, eu mesmo, vida permanente que jamais lhe será arrebatada sem o seu consentimento.

Como vês, os frutos dessa árvore nascem do discernimento, na união comigo.

2.10 - Deus quer ações retas, não palavras

O que desejo do homem, como frutos da ação, é que prove suas virtudes na hora oportuna. Talvez ainda te recordes! Quando, há muito tempo, desejavas fazer grandes penitências por minha causa e perguntavas: "Que mortificações eu poderia fazer por ti?", eu te respondi no

pensamento: "Sou aquele que gosta de poucas palavras e de muitas ações". Então era minha intenção mostrar-te que não me comprazo no homem que apenas me chama por palavras: "Senhor, Senhor, gostaria de fazer algo por ti", ou naquele que pretende mortificar o corpo com muitas macerações, mas sem destruir a vontade própria. Queria dizer-te que desejo ações varonis e pacientes, bem como as virtudes internas, de que falei acima, as quais são todas elas operativas e produtoras de bons frutos na graça.

Ações baseadas em outros princípios constituem para mim meras palavras, realizações passageiras. Eu, qual ser infinito, quero ações infinitas, amor infinito. Desejo que as mortificações e demais exercícios corporais sejam considerados como meios, não como fins. Se neles repousar o inteiro afeto da pessoa, ser-me-ia dado algo de finito, à semelhança de uma palavra que, ao sair da boca, já não existe, quando é pronunciada sem amor. Só o amor produz e revela a virtude!

Quando uma ação, que chamei com o nome de "palavra", está embebida de caridade, então me agrada; já não se apresenta sozinha, mas acompanhada de discernimento verdadeiro, isto é, como ato que é meio para se atingir um objetivo superior. Não é exato olhar a penitência ou qualquer ato externo como base e finalidade principal; são obras limitadas, seja porque praticadas durante esta vida passageira, seja porque um dia a pessoa terá que deixá-las por resolução pessoal ou por ordem alheia. Uma vez a abandonar o homem coagido pela impossibilidade de continuar o que começou, e isto acontece em situações diversas; outras vezes por obediência à ordem do superior. Aliás, neste caso, se as continuar não terá merecimento algum e cometerá até uma falta.

Como percebes, as mortificações são coisas finitas e como tais hão de ser praticadas. São meios, não finalidade. Quem as assume como finalidade, sentir-se-á vazio quando tiver de abandoná-las. Foi quanto ensinou o glorioso apóstolo Paulo ao vos convidar em sua carta (Cl 3,5) a mortificar o corpo e a destruir a vontade própria, ou seja, a refrear o corpo mortificando a carne, quando ela se opõe ao espírito. A vontade própria deve ser destruída e submetida à minha. Tal coisa é feita pela virtude do discernimento, como expliquei antes, com o desprezo do pecado e da sensualidade, por efeito do autoconhecimento. Eis a espada que mata e corta todo egoísmo; eis os servidores que não me apresentam somente "palavras", mas ações. Eles formam o meu prazer. É em tal sentido que afirmava eu que desejo poucas palavras e muitas ações!

Ao dizer "muitas", não me refiro à quantidade. É o desejo da alma, alicerçado no amor que vivifica as virtudes, que há de atingir o infinito. Também não quis manifestar desprezo pela palavra! Apenas afirmei que desejava "poucas palavras", a indicar que todas as ações externas são finitas. Indiquei-as com o termo "poucas", mas elas bem que me agradam quando são

feitas como meios para adquirir a virtude, sem a conotação de objetivo principal.

Não se deve considerar como mais perfeito o grande penitente que arrasa o seu corpo, ao fazer a comparação com alguém que se mortifica menos. Como já disse, seu merecimento não está nisso. Se assim fosse, mal estaria quem por razões legítimas não pode fazer atos de penitência externa e vive unicamente na prática do amor, sob a luz do discernimento, sem poder agir diversamente. O discernimento leva o homem a amar-me sem limites, sem restrições, já que sou a Verdade suma e eterna. É relativamente ao amor ao próximo, que o discernimento impõe limites e formas de amar.

Ao brotar da caridade, o discernimento faz amar o próximo ordenadamente. Pela caridade exercida com retidão, ninguém pode pecar, prejudicando-se sob pretexto de ser útil aos outros. Não seria caridade com discernimento se alguém cometesse um só pecado para salvar o mundo inteiro do inferno ou para adquirir um grande ato de virtude. Seria falta de discernimento, pois é ilícito fazer uma grande ação virtuosa ou beneficente através de um ato pecaminoso. O verdadeiro discernimento ordena-se da seguinte forma: faz o homem orientar todas as suas faculdades a me servirem com virilidade e solicitude; amar o próximo realmente, mesmo sacrificando mil vezes a vida corporal, se fosse possível, para a salvação alheia; suportar dificuldades e aflições para que o outro possua a vida da graça; colocar os seus bens materiais a serviço do outro. Eis quanto realiza o discernimento na medida em que procede do amor.

Compreendes, assim, que o homem que deseja ter a graça, com discernimento tributar-me-á amor infinito, sem restrições; quanto ao próximo, ter-lhe-á juntamente com esse amor infinito uma caridade ordenada, não se prejudicando com pecados sob pretexto de ajuda-lo. A esse respeito vos advertiu São Paulo (1Cor 13,1ss) que a caridade deve começar por si mesmo, pois de outra forma não seria de perfeita utilidade para os demais. No caso de imperfeição interior, imperfeitas serão as obras feitas para si e para o próximo. Não é certo que alguém para salvar pessoas finitas e criadas por mim, viesse a ofender-me enquanto Bem infinito. Seria mais grave e de maiores proporções a culpa que o efeito decorrente. Por motivo algum, portanto, deves cometer o pecado. Sabe disto a caridade verdadeira, a qual possui a iluminação do discernimento santo.

O discernimento é uma luz que dissolve a escuridão, afasta a ignorância e alimenta as virtudes, bem como as ações externas que conduzem à virtude. Ele constitui uma atitude prudente que não padece enganos, uma atitude perseverante que não pode ser vencida. O discernimento estende-se do céu à terra, isto é, do conhecimento do meu ser até o conhecimento do próprio ser, do meu amor ao amor pelo próximo. E sempre com humildade. Prudentemente ele evita e sai ileso de todos os laços do demônio e dos homens. Sem outras

armas além da paciência, ele superou o demônio. Mediante essa doce e gloriosa iluminação, a carne reconheceu a própria fraqueza; desprezou-se; venceu o mundo; submeteu-o a um amor maior; envileceu-o; como senhor, dele fez caçada!

Devido ao discernimento, os seguidores do mundo são incapazes de destruir as virtudes internas; ao contrário, suas perseguições até as fazem aumentar, servindo-lhes de prova. Como indiquei, as virtudes são concebidas interiormente no amor e depois se revelam, exteriorizam-se através do próximo. Assim, se as virtudes não se mostrarem, agindo exteriormente no tempo da perseguição, é sinal de que não se tratava de verdadeira virtude interna. Já disse e expliquei que uma virtude não será perfeita, nem frutificará, senão em benefício dos homens. Acontece como para a mulher que concebeu um filho; enquanto não der à luz a criança, de modo que a veja a sociedade, seu marido não dirá que tem um filho. Sucede o mesmo comigo, esposo da alma; até que a pessoa não exteriorize sua virtude no amor do homem, revelando-a de acordo com as urgências em geral ou em particular, afirmo que na realidade não é interiormente virtuosa. O mesmo afirmo quanto aos vícios, pois todos eles são cometidos contra os homens.

2.11 - Sumário e exortação

Acabas de ver como eu, a Verdade, revelei a ti os princípios pelos quais poderás atingir e conservar uma grande perfeição.

Expus como dás reparações pela culpa e pelo reato em ti mesma e nos outros. A tal respeito eu ensinava que as mortificações suportadas pelo homem nesta vida mortal, por si mesmas são insuficientes a satisfazer pela culpa e pelo reato; hão de estar acompanhadas pelo amor caritativo, pela contrição verdadeira, pelo desapego do pecado. A penitência exterior possui valor satisfatório, quando enformada pela caridade. O valor não procede dos atos corporais, quaisquer sejam eles, mas unicamente do amor e dor sentida pela culpa cometida. Tal amor é adquirido sob a luz de uma inteligência e de um coração desinteressados e livres, inteiramente voltados para mim, que sou o Amor.

Expliquei tudo isto porque me pediste, desejosa de sofrer. Eu queria que tu e meus servidores conhecêsseis o modo de vos oferecerdes a mim em holocausto, num sacrifício ao mesmo tempo corporal e espiritual, à semelhança de um copo de água dado ao patrão; como o oferecimento da água seria impossível sem o copo, e como a apresentação do copo sem a água lhe seria desagradável, assim acontece convosco. O vaso que me dais são os inúmeros sofrimentos externos, preparados por mim sem que vós escolhais lugares, tempos ou tipos de dor. Tal vaso há de encontrar-se cheio, isto é, deveis sofrer com paciência e amor. Como?

Suportando, tolerando os defeitos alheios, odiando e desprezando o pecado. Assim, tais mortificações, comparadas por mim a um vaso, estarão repletas da água da graça, que vivifica a alma. Então acolhe o presente das minhas amáveis esposas, ou seja, de todos aqueles que me servem. Aceito seus desejos, lágrimas, suspiros, suas orações humildes e contínuas. Em meu amor considero tudo isso como instrumento capaz de aplacar minha ira contra os iníquos pecadores, que tanto me ofendem.

Resisti virilmente até a morte! Tal será a prova de que realmente me amais. Não deveis por a mão no arado e olhar para trás por medo de pessoas ou dores. Antes, alegrai-vos nas tribulações! O mundo se rejubila, injuriando-me muito. Ao ver tais ofensas, ficareis entristecidos. Quando me ataca, ele vos ofende. E vice-versa, pois me tornei uma só coisa convosco. Eu vos dera a minha imagem e semelhança; vós a perdestes pelo pecado. Para conceder outra vez a vida da graça, uni minha natureza com a vossa (em Cristo), revestindo-a de vossa humanidade. Como éreis minha imagem, assumi a vossa, tomando forma humana. Sou, pois, uma coisa convosco, se não vos afastais pelo pecado. Quem me ama, encontra-se em mim e eu nele (1Jo 4,16).

O mundo me persegue porque não possui conformidade comigo. Perseguiu meu Filho até a terrível morte na cruz.. O mesmo fará convosco (Jo 15,18). O mundo vos persegue e o fará até à morte, porque não me ama. Se me amasse, também vos amaria. Alegrai-vos, porém! Vossa glória no céu será perfeita.

Digo-te ainda! Quanto maiores forem as dificuldades da hierarquia da santa Igreja, maior será sua felicidade e consolação. A "felicidade" consistirá na reforma dos pastores, os quais se tornarão bons e santos. Serão flores de glória, no sentido que exalarão o perfume das verdadeiras virtudes, dando-me glória e louvor. Tal será a reforma dos meus ministros e pastores: como flores perfumadas. Quanto aos frutos, a Igreja não precisa de reforma, dado que eles não diminuem, nem são prejudicados pelos defeitos dos ministros.

Alegrai-vos, portanto, nas dificuldades. Tu, o teu diretor espiritual e os outros servidores meus. Qual Verdade eterna eu prometi-vos dar-vos consolação. Dá-la-ei depois da provação, pelo muito que suportardes pela reforma da santa Igreja.

3 . CATARINA IMPLORA A MISERICÓRDIA DIVINA

3.1 - Angústias e esperanças de Catarina

Então aquela serva sentiu-se cheia de ardor e inflamada de grandíssimo desejo. Experimentava interiormente inefável amor pela imensa bondade divina, ao tomar conhecimento e ver a extensão de seu amor. Como grande amabilidade, Deus se dignara de

responder a sua petição; dignara-se também a mitigar a amargura que a serva sentia ante as ofensas cometidas contra ele, ante os prejuízos sofridos pela santa Igreja, ante a própria miséria. Deus lhe infundira esperança. O autoconhecimento fazia a sua amargura, ao mesmo tempo, diminuir e aumentar, pois o Pai eterno, após ter lhe mostrado o caminho da perfeição (2.3), havia revelado quanto era ofendido e qual o dano que os homens recebiam. Destas coisas, porém, falarei mais largamente em seguida (4.1ss).

No autoconhecimento o homem conhece melhor a Deus. Ao contemplar a bondade divina em si e no espelho da divindade, ele compreende que tem em si uma dignidade e uma indignidade. Dignidade por reconhecer-se imagem divina por dom gratuito da criação; indignidade por ver no espelho da divindade o pecado humano. Quem se olha num espelho vê as manchas do próprio rosto; o mesmo acontece com a pessoa que, com amor e fé, se contempla em Deus. A pureza divina mostra-lhe melhor os defeitos da própria face.

Mas iluminada e esclarecida, aquela serva sentia que sua angústia aumentava e ao mesmo tempo diminuía. Diminuía pela esperança que a Verdade eterna lhe dera; mas, da mesma forma como cresce uma chama ao receber matéria combustível, assim ergueu-se o ardor daquela serva, chegou ao clímax. O corpo humano parecia não resistir e morrer. Não fosse a força da proteção divina, certamente não conseguiria mais viver. A chama do amor divino purificou-lhe a alma e a serva foi introduzida no conhecimento de si e de Deus. Cresceu o ardor, na esperança de salvar o mundo inteiro, de reformar a santa Igreja. O Pai eterno lhe fizera ver a lepra da santa Igreja e a miséria do mundo. Com segurança colocou-se diante dele e falando como Moisés, disse:

3.2 - Súplica à Trindade

Meu Senhor, olha com misericórdia para o teu povo e para a hierarquia da santa Igreja. Se perdoares a tão numerosas criaturas, concedendo-lhes a iluminação da inteligência, serás mais glorificado que só por mim, pobrezinha que tanto pequei, responsável por todos os males. Livres das trevas do pecado mortal e da condenação eterna por tua infinita bondade, todos te louvariam. Por essa razão eu te suplico, caridade divina e eterna, que te vingues sobre mim. Tem piedade do teu povo! Não me afastarei de tua presença enquanto não perceber que usaste de misericórdia para com o teu povo. Que prazer teria eu em ganhar a vida eterna, se teu povo estivesse na morte e se a escuridão aumentasse na tua Esposa - que é toda luz - por causa dos meus pecados e dos pecados dos demais? Eu quero, portanto, e imploro tal graça; que tenhas piedade do teu povo, pela caridade incriada que te levou a criar o homem à tua imagem e semelhança, quando disseste: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança"

(Gn 1,26).

Ó sublime e eterna Trindade, agiste assim a fim de que a humanidade participasse do teu ser: deste-lhe a memória, Pai eterno, para que se recordasse do teu benefício, possuindo algo do teu poder; deste-lhe a inteligência com que conhecesse tua bondade e tivesse parte na sabedoria do Filho; deste-lhe vontade para amar tudo quanto a inteligência compreendesse da tua Verdade, e com isso participasse da clemência do Espírito Santo.

Qual foi a razão que te levou a colocar o homem em tão sublime dignidade? Certamente o incompreensível amor, com que o pensaste e dele te enamoraste! Por amor criaste o homem e lhe deste o ser, desejoso de que saboreasse o teu sumo e eterno Bem. Como o compreendo! Pelo pecado o homem perdeu a dignidade em que o colocaras; rebelou-se, entrou em guerra com tua clemência. Tornamo-nos inimigos teus. Tu, movido pelo mesmo fogo criador, providenciaste o modo de reconciliar a humanidade decaída durante a guerra. A fim de transformar essa guerra em grande paz, deste-nos o Verbo, teu Filho, como Mediador. Ele tornou-se nossa justiça (1Cor 1,30). Tomou sobre si mesmo nossas maldades, realizou o que tu, Pai eterno, lhe impuseras por obediência. Tudo a partir do momento em que o revestiste de nossa natureza, pois ele a assumiu.

Ó abismo de amor! Que coração não explodiria ao ver o Altíssimo descer até a pequenez da nossa humanidade! Somos tua imagem, és a nossa imagem pela união feita no homem, quando a divindade se velou sob a miserável nuvem e corrompida matéria de Adão! Tudo por amor! Sendo Deus, te fizeste homem, e o homem se fez Deus! Pois bem, por esse amor inexprimível eu te obrigo e imploro: usa de misericórdia para com tuas criaturas!

4 . DEUS FALA DOS PECADOS DOS CRISTÃOS

4.1 - Triste situação da Igreja

Então Deus Pai, deixando-se levar pelas lágrimas e reter pelos laços do desejo santo daquela serva, olhou misericordiosamente para ela e queixou-se nestes termos:

- Filha muito amável, tuas lágrimas me coagem, porque estão unidas a mim e são derramadas por amor; prendem-me os teus sofrimentos íntimos. Olha e vê quanto minha Esposa sujou a sua face, como está leprosa por causa da impureza e egoísmo; como está intumescida pela soberba e ganância dos cristãos e mesmo dos membros da hierarquia. Falo dos ministros que se alimentam de sua riqueza e são encarregados de nutrir o povo fiel e aqueles que aspiram por deixar o paganismo e filiar-se como membros da minha Igreja. Considera com quanta maldade, incompreensão e ingratidão, com que mãos imundas são distribuídos seu alimento e seu sangue. Vê com que desconsideração e falta de respeito os

mesmos são recebidos. É esse o motivo porque muitas vezes se torna fator de morte aquilo que deveria infundir a vida! Tal coisa se verifica com o Sangue precioso do meu Filho unigênito. Tal sangue afastou a morte e a escuridão, trouxe a luz e a Verdade, confundiu a mentira. Foi ele que propiciou todos os bens, quais sejam a salvação e a total perfeição dos homens. Exige apenas as boas disposições. Se de um lado produz a vida divina e todos os benefícios da graça de acordo com a acolhida e amor de quem o recebe, do outro causa a morte para aqueles que vivem no pecado. Sim! Para aqueles que recebem indignamente, em estado de pecado mortal - e unicamente por culpa sua - este Sangue produz a morte, não a vida. Isto acontece não por falha do Sangue (de Cristo) ou do ministro, mesmo que este se encontre em situação igual ou pior. O pecado do ministro não prejudica, nem mancha o Sangue, não diminui o poder da graça. O mau ministro não prejudica a pessoa a quem distribui o Sangue de Cristo; prejudica somente a si mesmo, pois comete um pecado digno de castigo, a menos que se arrependa mediante uma sincera contrição e afastamento da culpa.

Repito: o Sangue de Cristo é prejudicial a quem o recebe indignamente, não por falha da Eucaristia ou do ministro; somente por más disposições ou defeitos pessoais, como sejam a maldade e a impureza, que mancham o espírito e o corpo, e as grandes maldades contra si mesmo e o próximo. A maldade contra si mesmo consiste na perda da graça, quando o homem egoisticamente despreza os dons recebidos no batismo. Neste a virtude do Sangue cancelara a mancha do pecado original, transmitido pelo pai e pela mãe no momento da concepção.

4.2 - A obra redentora de Cristo

Estando a humanidade corrompida pelo pecado do primeiro homem, Adão, enviei o Verbo, meu Filho unigênito. Todos vós, vasos modelados no mesmo barro, estáveis contaminados e sem condições para aceder à vida eterna. Então eu, o Altíssimo, me uni à pequenez da vossa natureza humana. Desejava remediar a corrupção e morte do homem, restituindo-lhe a graça perdida com o pecado. Todavia, a mim, Pai eterno, era impossível sujeitar-me ao sofrimento e minha justiça exigia o castigo da culpa. Os homens eram incapazes de dar a satisfação; e, se isso acontecesse, cada pessoa teria que fazê-lo para si mesma, não por todos os outros. Na realidade, nenhum de vós tinha capacidade de dar reparação, nem por si, nem pelos outros, já que a culpa atingira meu ser infinito. Queria eu, então, reconstruir a humanidade; ela, enfraquecida, não podia dar a reparação ao mal. Enviei, pois, o Verbo, meu Filho unigênito, revestido de vossa natureza, a corrompida matéria de Adão. Nessa natureza, ele haveria de sofrer, morreria mesmo, para aplacar minha ira. Por tal maneira satisfiz a minha justiça, saciei-a pela misericórdia, pois esta última queria cancelar a culpa humana e preparar a humanidade

àquela bem-aventurança para a qual a havia criado.

Assim unida à divindade, a humanidade pôde dar a reparação. Como? Seja mediante o sofrimento humano de Cristo, seja pela virtude da natureza divina infinita do Verbo encarnado. Desta união das duas naturezas, recebi e aceitei o sacrifício do Sangue. Era sangue humano, mas mesclado, amalgamado com a natureza divina, como fogo do meu amor. Este amor foi o único laço que reteve Jesus quando cravado na cruz. Foi somente dessa forma - na virtude da divindade (de Cristo) - que se tornou possível a reparação da culpa humana; foi assim que se cancelou a mancha do pecado de Adão. Dela restou apenas uma cicatriz, que é a inclinação para o mal e os defeitos corporais, à semelhança da cicatriz que fica quando uma pessoa é curada de uma ferida.

A ferida causada pela culpa de Adão era mortal. Ao chegar o grande médico, meu Filho unigênito, ele curou o doente, sorvendo a medicina amarga, impossível de ser tomada pela fraqueza humana. Cristo comportou-se como a ama-seca, que bebe o remédio em lugar da criança, dado que ela é grande e forte, ao passo que a criança é fraca e não suporta o amargor. Cristo foi o substituto. Graças ao poder e fortaleza da divindade que nele se achava unida à natureza humana, tomou o medicamento amargo, a morte na cruz, para curar e restituir a vida a vós, crianças enfraquecidas pelo pecado.

4.3 - Responsabilidades dos cristãos

Do pecado original, que contraís através do pai e da mãe na concepção, restou-vos somente uma cicatriz. Ela é apagada, embora não completamente, pelo batismo, ao qual o Sangue de Cristo concedeu a virtude de infundir a vida da graça. Quando alguém é batizado, imediatamente cancela-se o pecado original e infunde-se a graça; a inclinação para o pecado, descrita antes como uma cicatriz, fica enfraquecida e submetida ao controle da pessoa. Assim, o homem dispõe-se a receber e aumentar a graça em si mesmo. O resultado, para mais ou para menos, depende do seu esforço em servir-me com amor e anseio. Embora possuindo a graça batismal, a pessoa pode encaminhar-se livremente para o bem ou para o mal. É ao atingir o uso da razão que praticará o bem ou o mal, conforme agradar ao arbítrio de sua vontade.

Aliás, tão grande é a liberdade humana, de tal modo ficou fortalecida pelo precioso Sangue de Cristo, que demônio ou criatura alguma pode obrigar alguém à menor culpa, contra o seu parecer. Acabou-se a escravidão; o homem ficou livre. Agora, ele pode dominar a sensualidade e chegar à meta para a qual foi criado. Ó homem infeliz, que prazerosamente te enlameias no lodo, como um animal, e não reconheces os imensos favores que te dei! Pobre criatura! Mais

não poderias receber, e no entanto vives cheia de misérias!

Minha filha, procura compreender! Ao obter a graça, os homens são recriados no Sangue do meu Filho unigênito. Como disse, a graça foi restituída aos homens; mas se não a aceitam, passarão do mal para o pior. Desprezando meus benefícios, de pecado em pecado me ofendem. Além de não reconhecerem o auxílio da graça, até acham que cometo ofensas; afirmam que não desejo a sua santificação! Pois bem, quero esclarecer: semelhantes pessoas merecem um castigo mais severo! Agora que tiveram a redenção mediante o Sangue de meu Filho, a punição será mais grave do que antes, quando ainda não fora cancelada a ferida causada pela culpa de Adão.

É razoável que produza mais frutos aquele que mais recebeu; é razoável que seja maior sua dívida diante daquele de quem recebeu. Muito já me devia a humanidade. Dera-lhe o ser, ao criar o homem a minha imagem e semelhança. Então ele possuía a obrigação de dar-me glória. Recusou-se a fazê-lo, glorificou a si mesmo, não aceitou a obediência por mim imposta, tornou-se meu inimigo. Então, com humilhação, destruí sua soberba. Humilhei-me (em Cristo), assumi vossa natureza, libertei-vos da escravidão do demônio, tornei-vos livres. Se prestares atenção, não somente vos fiz livres; de fato o homem tornou-se Deus e Deus se fez homem, graças à união (hipostática) da natureza divina com a humana.

O tesouro do Sangue, pelo qual a humanidade foi recriada ficou sendo uma dívida. Entendes, pois, como depois da redenção, o homem tem maior obrigação para comigo. Devem-me glória e louvor. Uma dívida de amor para comigo e o próximo, que é paga quando as pessoas seguem as pegadas de meu Filho unigênito, Palavra encarnada, mediante a prática das virtudes interiores, das quais já falei (2.8).

Por causa desta obrigação de amar-me muito, em caso negativo, o pecado é maior. Eis a razão por que minha justiça divina pune com pena maior, com a condenação eterna. O cristão infiel padecerá mais que o homem não batizado. Embora sem destruí-lo, por justiça divina o atormenta mais o fogo. Como? Pelo tormento e aflição do remorso. Sem destruí-lo, porque os condenados (ao inferno) não são aniquilados por nenhum de seus padecimentos. Digo-te que eles bem que pedem sua destruição, mas não a alcançam, pois jamais serão reduzidos ao nada. Devido à culpa, perderam o ser da graça, não o ser da natureza.

Desse modo, após a redenção da culpa é punida com mais rigor do que antes. Os redimidos receberam mais. No entanto, parece que não se preocupam com isso, não temem os próprios pecados. Tornaram-se inimigos meus, embora resgatados pelo Sangue do meu Filho.

4.4 - Os servidores de Deus e a reforma da Igreja

Há um remédio capaz de aplacar minha ira. São os meus servidores, quando se esforçam por coagir-me ao perdão com suas lágrimas, por reter-me com os laços do amor. Com essa corrente tu me amarraste! Dei tais servidores a ti 30, porque desejava ser misericordioso para com o mundo. É por tal motivo que infundo neles o ardor e o desejo de glorificar-me, bem como de salvar os homens. Quero ser coagido por suas lágrimas, diminuir a violência de minha justiça. Tu e os meus servidores, portanto, hauri lágrimas e suor na fonte da minha divina caridade! Lavai a face da minha Esposa! Prometo que por tal forma lhe será devolvida a beleza. Não é pela espada, guerra ou crueldade que ela irá reaver sua formosura, mas pela paz, pelas orações humildes e contínuas, pelo suor e lágrimas amorosamente derramados pelos meus servidores. É assim que realizarei o teu desejo: com grandes sofrimentos, tua paciência iluminará as trevas em que vivem os pecadores do mundo. Não tenhais medo se o mundo vos perseguir. Estarei convosco; em nada vos faltará minha providência.

30 - Com a palavra "servidores", o Diálogo indica evidentemente os discípulos de Catarina. Por essa forma se vê como o livro quer ser um manual de formação dos futuros reformadores.

5 . CATARINA ROGA PELO MUNDO

Então aumentou o conhecimento daquela serva. Imensamente alegre e confortada, colocou-se diante da majestade de Deus com muita esperança na misericórdia divina. Seu amor era inexprimível, pois via que o Senhor estava disposto a perdoar aos homens em sua bondade. Embora se comportasse eles como inimigos, Deus providenciara o instrumento e o modo pelo qual seus servidores iriam cativar sua benevolência e aplacar sua ira. Sentindo Deus a seu lado, aquela serva se alegrava, não temendo as perseguições do mundo. A chama do amor cresceu tanto , que ela se sentia não realizada; era com confiança, porém, que implorava pelo mundo.

Embora já estivesse contido na segunda petição o pedido da felicidade e bem-estar dos cristãos e não-cristãos, assim mesmo ela estendia sua prece em prol do mundo inteiro, conforme a inspiração do próprio Deus. Ela clamava:

- Deus eterno! misericórdia para com tuas criaturas. Tu és o bom Pastor. Não demores em ter piedade do mundo. Parece que os homens não estão mais unidos a ti, Verdade eterna. Nem mesmo entre si, pois não se amam com uma caridade baseada em ti.

6 . QUEIXA DIVINA

Então Deus, ébrio de amor pela nossa salvação, encontrou um modo de aumentar ainda mais a caridade e a dor daquela serva, fazendo-a compreender com quanto amor criara a humanidade. Disto já falamos alguma coisa antes. Dizia-lhe:

-Não vês como todos me ofendem? No entanto eu os criei numa grande chama de amor; dei-lhes graças e favores quase infinitos, gratuitamente, sem nenhum merecimento deles. Olha, minha filha, quanto me ofendem. Especialmente por egoísmo, do qual procedem todos os outros males. O amor-próprio tudo envenenou. Da mesma forma como a caridade contém todas as virtudes benéficas aos homens, assim o egoísmo procede do orgulho e contém todos os males. Por falta de amor, os homens praticam mutuamente o mal. Não me amam nem se amam. Estes dois amores vão sempre juntos. Por isto eu te dizia (2.5) que todo mal é feito no próximo.

Tenho muito a me queixar dos homens. De mim só receberam o bem e eles me odeiam, praticando toda espécie de mal. Afirmei que somente as lágrimas de meus servidores aplacarão minha ira. Torno a repeti-lo. Servidores meus, colocai-vos diante de mim com muita oração, repletos de dor e tristeza por causa das ofensas cometidas contra mim e por causa da condenação eterna dos maus. Mitigareis a ira do meu julgamento.

Ninguém escapará de minhas mãos. "Sou aquele que sou" (Ex 3.14) e vós, vós não possuí a razão do próprio ser. Sois aquilo que eu fiz. Criei tudo o que participa do ser; somente o pecado não procede de mim, porque é negação. Por não estar em mim, o pecado não merece amor. Quem o faz, ofende toda criação e odeia-me. O homem tem obrigação de me querer bem. Sou imensamente bom, dei-lhe o ser numa chama de caridade. Todavia, os maus fogem de mim. Mas por justiça ou misericórdia, ninguém escapa de minhas mãos.

Abre, pois, os olhos da fé e fixa-os em minhas mãos. Verás como é verdade o que acabei de dizer...

7 . CATARINA VÊ O UNIVERSO NAS MÃOS DE DEUS

Então aquela serva, elevando o olhar da sua fé em obediência a Deus altíssimo, viu o universo nas suas mãos.

8 . DEUS CONFIRMA AS SUAS PROMESSAS

Dizia-lhe Deus:

-Minha filha, convence-te de que ninguém me pode escapar! Pela justiça ou pela misericórdia, como disse acima (6.), todos se encontram em minha mãos. Os homens me pertencem. Foram criados por mim, amo-os inefavelmente. Mesmo que sejam pecadores, eu lhes perdorei graças aos meus servidores. Escutarei seus pedidos, quando formulados com amor e dor diante de mim.

9 . CRESCE O DESEJO SANTO DE CATARINA

Então aquela serva, inebriada e como que fora de si, sentiu aumentar o próprio amor. Sentia-se feliz e sofredora. Feliz, porque unida a Deus, inteiramente mergulhada na misericórdia divina, saboreando sua imensa bondade; sofredora, por ver os pecados cometidos contra uma tão sublime bondade. Ela agradecia à majestade divina, que lhe mostrava os pecados dos homens, à fim de obrigá-la a empenhar-se mais no zelo e no amor. Renovaram-se em Deus os seus sentimento internos, elevou-se a chama do amor e, devido à influência da alma sobre o corpo, começou a suar. A união do espírito com Deus era maior do que com o corpo. Eram o vigor e o calor da caridade que a faziam suar. Mas a serva não se preocupava com o suor de água; seu desejo era ver sair do corpo suor de sangue. Dizia a si mesma:

- Ó minha alma, perdeste todo o tempo de tua vida passada! Por isso sobrevieram tantos males à santa Igreja, uns em particular, outros em geral. Quero que remedeies esse fato com o suor de sangue...

Realmente, aquela serva recordava-se bem do ensinamento divino de conhecer a si mesma, de conhecer Deus em si, de fazer orações humildes, contínuas e santas, no intuito de remediar os males do mundo e aplacar a ira julgadora de Deus (2.3; 2.4). Impulsionada pelo desejo santo, afervorou-se mais ainda e na fé pôs-se a refletir sobre o amor de Deus. Ela compreendia experimentalmente quanto somos obrigados a desejar e promover a glória divina e a salvação da humanidade; ela via que, para tal missão, Deus chamava seus servidores, particularmente o diretor espiritual de sua alma. Então apresentou este último a Deus, rogando que infundisse nele a luz da graça, de modo que ele realmente seguisse a Verdade.

10 . DEUS PAI FALA SOBRE JESUS CRISTO – PONTE

10.1 - O diretor espiritual

Então Deus, respondendo à terceira petição - referente à salvação pessoal daquela serva - disse-lhe:

- Filha, eis o meu desejo: que ele (o diretor espiritual) procure agradar-me mediante o ardor apostólico em grande zelo. Certamente nem ele, nem ninguém o fará livre de numerosas perseguições, por mim permitidas conforme já expliquei (2.4). Sou eu que as envio. Se desejais ver-me honrado na santa Igreja, haveis de possuir também a aspiração interior de sofrer com paciência. Nessa atitude eu verei que ele, tu e os demais servidores realmente procurais a minha glória. Somente assim ele será um filho caríssimo; somente assim ele e os outros descansarão sobre o peito do meu Filho, o qual foi colocado como ponte, a fim de que possais atingir a meta e obter o prêmio pelas fadigas suportadas por meu amor. Comportai-vos, pois virilmente.

10.2 - Jesus Cristo é uma ponte

Acabo de dizer-te que fiz do meu Filho, o Verbo encarnado, uma ponte. É a realidade. Deveis saber, meus filhos, que a estrada (do céu) fora interrompida pela desobediência de Adão. Ninguém mais chegava à vida eterna. Não mais participando daqueles bens, em vista dos quais os criara, os homens deixaram de glorificar-me, conforme era seu dever; não realizavam meu plano.

Eis meu plano: criara o homem à minha imagem e semelhança para que alcançasse a vida eterna, participando do meu ser, experimentasse minha suma, eterna e doce bondade. O pecado veio impedir-lhe de atingir essa meta. O homem deixava de realizar meu plano, pois a culpa lhe fechara o céu e a porta da minha misericórdia. O pecado fez germinar na humanidade espinhos e sofrimentos, tribulações numerosas, rebelião interna. Ao revoltar-se contra mim, o homem criava rebelião dentro de si. Em consequência da perda do estado de inocência, a carne se revoltou contra o espírito. Tornou-se o homem um animal imundo. Todas as coisas insurgiram-se, exatamente naquilo que iriam obedecer caso ele se conservasse no estado da criação. Pecou a humanidade, desobedeceu, mereceu a morte eterna para a alma e o corpo.

10.3 - O rio do pecado

Com o advento do pecado, imediatamente brotou um rio tempestuoso, cujas ondas continuam a açoitar a humanidade. São as misérias e males provenientes do próprio homem, do demônio e do mundo. Nele todos se afogavam; ninguém mais, graças às virtudes pessoais, atingia a vida eterna. Para remediar a tantos males, construí a ponte no meu Filho, que permitiria a travessia do rio sem perigo de afogar-se. O rio é o proceloso mar desta tenebrosa vida.

Considera, pois, quanto a humanidade me é devedora e quanto é tolo aquele que prefere morrer no rio, ao invés de usar o remédio que providenciei.

10.4 - Como caminha a humanidade

Usa a tua fé! Verás homens cegos e pecadores, homens imperfeitos, homens perfeitos que realmente me seguem. Desejo que chores a condenação dos maus, que exultes com a perfeição dos meus queridos filhos. Verás como andam os que seguem na luz, e aqueles que

seguem pela escuridão. Mas antes, quero que contemples a ponte do meu Filho, que vejas sua grandiosidade. Ela se estende do céu à terra, pois nela a "terra" da vossa natureza humana está unida à divindade sublime, graças à encarnação que realizei no homem.

10.5 - Grandiosidade da ponte

Como te disse (10.3), para ajudar-vos a deixar o mundo e chegar à vida eterna, foi preciso que eu reconstruísse a estrada interrompida. Com material puramente humano era impossível fazer uma ponte de envergadura tal, que atravessasse o rio do pecado e atingisse a vida eterna. Vossa natureza humana era incapaz de satisfazer pela culpa e de cancelar a mancha do pecado de Adão, mancha que estragara a humanidade e lhe dera o mau cheiro da culpa. Já falei sobre isso (4.2). Ocorreu que o humano se unisse à Deidade eterna; somente assim foi possível dar satisfação por todos os homens. A natureza humana iria padecer e a divina aceitaria o sacrifício de meu Filho, sacrifício oferecido na intenção de retirar-vos da morte e restituir-vos a vida. Desse modo, o Altíssimo humilhou-se ao plano humano e das duas naturezas construiu uma ponte, desobstruindo a estrada. Para quê? A fim de que vós pudésseis ser felizes com os anjos. Todavia, de nada adiantaria terdes meu Filho como ponte, se não a atravessásseis.

10.6 - Colaboração humana

A estas alturas, a Verdade eterna fez ver (à serva) que - se nos criou sem a nossa colaboração -, sem ela não nos salvará. Deus quer que operemos voluntária e livremente, que preenchamos o espaço de nossa vida com as verdadeiras virtudes. Aos poucos, foi dizendo:

- Todos vós deveis passar por esta ponte, louvando-me através do trabalho pela salvação dos homens e tolerando muitas dificuldades, a exemplo do meu doce e amoroso Verbo encarnado. Não há outro modo de chegar a mim. Sois operários meus; coloquei-vos a trabalhar na vinha da santa Igreja. Como enviados meus, por graça operais no povo cristão. Para isso vos dei a iluminação do santo batismo. Das mãos dos ministros hierárquicos, que pus na Igreja a trabalhar convosco, o recebestes. Vós vos encontrais no povo cristão, eles na hierarquia. São encarregados de apascentar vossas almas e ministrar-vos o Sangue de Cristo nos Sacramentos. Com estes, eles extirpam os espinhos do pecado mortal e semeiam a graça. São trabalhadores de vossas almas, inseridos na santa Igreja.

Cada pessoa tem uma vinha, a vinha da própria alma. Nela trabalha com a vontade pessoal, livre, durante o tempo desta vida. Acabado este tempo, nenhum outro trabalho será realizado,

seja para o bem como para o mal. Agora, sim, cada um pode industrializar-se na vinha em que o coloquei. O operário de tal vinha - a vontade - recebe de mim tamanha força, que criatura alguma, mesmo o demônio, é capaz de impor-lhe algo sem o seu consentimento. Semelhante força lhe é dada no batismo, bem como, o amor pela virtude e o ódio pelo vício. Esse amor e ódio provêm do Sangue de Cristo, o qual, versando o Sangue por amor a vós e repulsa ao pecado, até morreu. É deste Sangue que recebeis a vida divina no batismo.

Tendes, então, a espada do amor e do ódio. Deve ser livremente usada durante a vida terrena para destruir os pecados e semear a virtude. Mas é unicamente nos ministros, por mim postos na Igreja para lutar contra o mal e distribuir a graça no ministério do Sangue pelos sacramentos que obtereis o fruto desse Sangue. Começareis por purificar-vos com contrição interior, desapegando-vos da iniquidade e desejando a virtude. Sem essa predisposição, exigida na medida de vossas possibilidades, como ramos unidos à Videira, que é meu Filho (Jo 15,1), nada receberéis.

Dizia meu Filho: "Eu sou videira verdadeira e vós os ramos; meu Pai é o agricultor" (Jo 15,5). Sim, eu sou o agricultor. De mim se originam todos os seres. Tenho um poder incalculável pelo qual governo o universo; nada me escapa. Fui eu o agricultor que plantou a verdadeira vinha, Cristo, no chão da humanidade, para que vós, unidos a ele, possais frutificar. Quem não produzir ações santas e boas, será cortado da videira e secará. Separado, perderá a vida da graça e irá para o fogo eterno. Sim, é isso que acontece com o ramo infrutífero; será cortado e lançado ao fogo; para nada mais serve. Quem morre no pecado mortal, longe de Cristo, para nada serve e a justiça divina o envia ao fogo que não se extingue. São homens que descuidaram da própria vinha, arruinando-a, bem como a dos outros. Nada tendo semeado de bem, até arrancaram a semente da graça batismal. Depois de beber o Sangue de meu Filho, vinho da videira que é Cristo, desenterraram a semente, jogaram-na fora para alimento dos animais, isto é, dos próprios pecados. Pisotearam a semente com o egoísmo, ofenderam-me, prejudicaram a si mesmos e aos demais.

Não agem por tal forma os meus servidores. Vós deveis permanecer enxertados na videira de Cristo. Ao participar de sua seiva, produzireis muito fruto. Unidos ao Verbo, meu Filho, estareis em mim. Somos uma só coisa. Se permanecerdes nele, seguireis sua mensagem, participareis da natureza do Verbo encarnado. Em outras palavras: participareis da Deidade, dela alcançando um amor divino que inebria a alma. Como disse, participareis da substância da videira.

Sabes que faço, quando os servidores seguem a mensagem do meu amado Verbo encarnado? Eu os podo (Jo 15,2) a fim de que produzam mais fruto, um fruto bom, não selvático. Comporto-me como o lavrador, que desejando conseguir mais vinho, poda a

ramagem da videira; encontrando ramos estéreis, ele os corta e atira ao fogo. Eu, lavrador perfeito, faço o mesmo: servindo-me das contradições, podo os servidores que estão unidos a mim. Quero que frutifiquem mais e melhor; que suas virtudes sejam provadas. Quanto aos ramos infrutíferos, corto-os e jogo-os no fogo.

Os bons operários cultivam sua vinha. Extirpam o egoísmo, revolvem o solo das afeições pessoais, fazem germinar a semente da graça batismal. E ao mesmo tempo em que cultivam seu campo, ajudam no alheio, pois as vinhas são interdependentes. Já disse que todo bem ou mal se realiza nos outros. Sois operários meus; de mim, sumo e eterno agricultor, vós saístes. Enxertei-vos na videira-Cristo pela encarnação. Recorda-te de que todos os homens possuem uma vinha, diretamente limitada com a vinha do próximo. A dependência mútua é tal, que ninguém pode praticar o bem ou o mal sem envolver os outros.

Da soma de todos vós constitui-se um campo universal, aquele de todos os cristãos. que estão unidos à hierarquia da santa Igreja, da qual recebeis a vida. Nessa vinha encontra-se a videira-Cristo, à qual deveis estar enxertados. Em caso contrário, sereis filhos rebeldes da santa Igreja, membros decepados, a caminho da podridão. Durante esta vida, sempre podereis lavar-vos do mau cheiro do pecado pelo arrependimento, sempre podereis recorrer a meus ministros, os operários que possuem as chaves da adega do vinho, isto é, do Sangue de Cristo. Tal sangue é perfeitíssimo, e nenhum defeito no ministro consegue anular seus efeitos.

O laço que une tais pessoas é a caridade pela humildade, sendo esta última adquirida no duplo conhecimento de mim e de si. Sois meus operários. Exorto-vos mais uma vez. O mundo está em decadência, crescem os espinheiros que abafam a semente. Mais ninguém quer produzir frutos na graça. Quero que sejais operários fiéis; quero que com grande esforço, auxiliéis a hierarquia no cultivo das almas. Para isso vos escolho, quero ser misericordioso para com o mundo, em favor do qual tanto me suplicas!

11 . CATARINA PERGUNTA QUEM PASSA PELA PONTE

Então aquela serva, cheia de ardoroso amor, dizia:

- Ó inestimável e doce caridade, quem não se inflama de tão grande amor? Ó abismo de amor! Pareces enlouquecer pelas tuas criaturas, quase que sem elas não pudesses viver. No entanto, és Deus e não precisas de nós. Nossas perfeições não te enriquecem; és imutável. Nossos males não te prejudicam; és a bondade suma e eterna. Somente o amor, não a obrigação, nem a necessidade, torna-te tão misericordioso. Não precisas de nós, réus que somos e ímpios devedores. Se bem compreendo, ó Verdade eterna, eu sou a ladra e tu o condenado em meu lugar, pois vejo teu Filho, o Verbo encarnado, pregado numa cruz. Conforme revelaste a esta miserável serva, dele fizeste uma ponte para mim. Por tudo isso,

explode meu coração; nem podia deixar de fazê-lo pela sede e desejo adquirido em ti.

Recordo-me de que desejavas dizer-me quais são as pessoas que passam pela ponte, e quais são as que não passam. Com prazer eu veria e ouviria, se fosse do teu agrado explicar-me.

12 . DEUS PAI EXPLICA EM QUE SENTIDO CRISTO É PONTE.

12.1 - Descrição da ponte

Então o Pai eterno, a fim de atrair e incentivar aquela serva no trabalho da salvação dos homens, assim lhe respondeu:

- Antes de revelar-te algo que tenho em mente sobre o assunto que me interrogas, quero descrever-te a ponte. Já disse (10.4) que ela se estende do céu à terra, graças à união (hipostática) que realizei com o homem formado do limo da terra. Essa ponte é meu Filho e possui três degraus: dois deles foram construídos no madeiro da cruz e o terceiro, quando ele na amargura bebeu fel e vinagre. Em tais degraus reconhecerás três estados da alma, como abaixo explicarei (16 e 18). O primeiro degrau é formado pelos pés; significam o amor, pois como os pés transportam o corpo, assim o (duplo) amor faz caminhar a alma. Os pés cravados na cruz servem-te de degrau para atingir a chaga do peito, que te revela o segredo do coração. Após subir até os pés pelo amor, o homem fixa o pensamento no coração aberto de Cristo e saboreia sua caridade inefável e consumada. Disse caridade "consumada", porque Cristo vos ama sem interesse pessoal; em nada sois de utilidade para ele, que forma uma só coisa comigo. Vendo-se amada, a pessoa se enche da caridade. Enfim, após atingir o segundo degrau, chegar-se ao terceiro, que é a boca de Cristo. Nela o homem encontra a paz, depois (de vencer) a grande guerra contra as próprias culpas. No primeiro degrau o cristão se afasta da afeição terrena, despoja-se dos vícios; no segundo, adquire as virtudes; no terceiro, goza a paz. São três, portanto, os degraus da ponte: passa-se do primeiro ao segundo, para atingir o último. A ponte é alta; quando se passa por ela, a água do pecado não atinge a alma. Em Jesus não houve pecado.

12.2 - Cristo atrai a si todas as coisas

Essa ponte acha-se no alto, mas não separada dos homens. Sabes quando se ergueu? No momento em que Cristo foi elevado no lenho da cruz. Então, a natureza divina continuava unida à vossa pequenez; meu Filho amalgamara-se com a natureza humana. Antes de ser erguida, ninguém passava por tal ponte. Jesus mesmo disse: "Quando eu for elevado, atrairei a mim todas as coisas" (Jo 12,32). Julguei que não havia outra maneira de vos atrair; enviei, pois,

meu Filho para ser cravado na cruz, bigorna em que seria fabricado o filho do homem 34, livrando-o da morte e restituindo-o à vida. Ao manifestar sua imensa caridade, meu Filho atraiu a si todas as coisas. É sempre o amor que atrai o coração humano. Dando a sua vida por vós, ele revelou o amor maior (Jo 15,13). Quando não existe no homem a oposição maldosa, a força do amor atrai sempre.

Portanto, segundo quanto afirmou, meu Filho atrairia a si todas as coisas ao ser elevado na cruz. Essa verdade pode ser entendida de duas maneiras. Primeiro, no sentido explicado. Porque o coração humano, ao ser atraído pelo amor, leva consigo todas as faculdades da alma: a memória, a inteligência, a vontade. Quando são harmonizadas e reunidas tais faculdades, todas as ações humanas - corporais ou espirituais - ficam-me agradáveis 35, pois unem-se a mim na caridade. Foi exatamente para isso que meu Filho se elevou na cruz, trilhando os caminhos do amor cruciante. Ao dizer, "Quando eu for elevado, atrairei a mim todas as coisas", ele queria significar: quando o coração humano e as faculdades forem atraídas, todas as demais faculdades e suas ações também o serão. Em segundo lugar, há outro significado: que todos os seres foram criados para o homem. Os demais seres devem servir ao homem, não o contrário. Só a mim ele há de servir, com todo o afeto do seu coração. Compreendes, então? Se a humanidade for atraída, todos os demais seres a seguirão, pois para o homem foram criados.

Tal é a finalidade por que a ponte, Cristo, foi colocada no alto, e por que possui três degraus: para ser mais facilmente percorrida.

12.3 - O material da ponte

O pavimento desta fonte é feito de pedras, a fim de que a chuva (da justiça divina) não retenha o caminhante. "Pedras" são as virtudes verdadeiras e reais. Antes da paixão de meu Filho, elas ainda não tinham sido assentadas, motivo pelo qual os antigos não atingiam o céu, mesmo que vivessem piedosamente. O paraíso ainda não fora aberto com a chave do Sangue, e a chuva da justiça divina impedia a caminhada. Quando aquelas pedras foram assentadas no corpo do meu Filho - por mim comparado a uma ponte - foram embebidas, amalgamadas e assentadas com sangue. Em outras palavras: o sangue (humano) foi misturado com a cal da divindade e fortemente queimado no calor da caridade. Tais pedras foram postas em Cristo por mim, mas é nele que toda virtude é comprovada e vivificada. Fora de Jesus ninguém possui a vida da graça. Ocorre estar nele, trilhar suas estradas, viver sua mensagem. Somente ele faz crescer as virtudes, somente ele as constrói como pedras vivas, cimentando-as com o próprio sangue. Nele, todos os fiéis caminham na liberdade, sem o medo da justiça divina, pois vão

cobertos pela misericórdia, descida do céu no dia da encarnação. Foi a chave do sangue de Cristo que abriu o céu.

Portanto, esta ponte é ladrilhada, seu telhado é a misericórdia. Possui também uma despensa, constituída pela hierarquia da santa Igreja, que conserva e distribui o Pão da vida e o Sangue. Assim, minhas criaturas, viandantes e peregrinas, não fraquejam de cansaço na viagem. Para isto ordenei que vos fosse dado o Corpo e o Sangue do meu Filho, Homem-Deus.

12.4 - Os dois caminhos

Para atravessar a ponte, chega-se a uma porta, que é o próprio Cristo; por ela todos os homens devem passar. Disse Jesus: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; quem vai por mim não caminha nas trevas, mas na luz" (Jo 8,12); e em outra passagem afirma que ninguém pode chegar a mim a não ser por meio dele (Jo 14,6). Se ainda bem recordas, foi o que te disse uma vez e fiz ver. Se Jesus diz que ele é o caminho, profere uma verdade. Eu o mostrei a ti na figura de uma ponte; sua afirmação é verdadeira; ele está unido a mim, suma Verdade. Quem o segue caminha na Verdade. Ele é também a Vida; seus seguidores possuem a vida da graça, não padecem fome; ele é o alimento. Nem vivem na escuridão; Jesus é a Luz. Em Cristo não existe mentira. Pela verdade ele confundiu e destruiu a mentira do demônio, enganador de Eva. Aquela mentira destruíra a estrada (do céu); Jesus a reconstruiu no seu sangue. Quem vai por tal caminho é filho da Verdade, atravessa a ponte e chega até mim, Verdade eterna, oceano de paz.

Quem não trilha esse caminho, vai pela estrada inferior, no rio do pecado. É uma estrada sem pedras, feita somente de água, inconsistente; por sobre ela ninguém vai sem se afundar. É o caminho dos prazeres e das altas posições, daqueles cujo amor não repousa em mim e nas virtudes, mas no apego desordenado ao que é humano e passageiro. Tais pessoas são como a água, sempre a escorrer. À semelhança daquelas realidades, vão passando. Eles acham que são as coisas criadas, objeto de seu amor, que se vão; na realidade, também eles caminham continuamente em direção à morte. Bem que gostariam de deter-se, reter na vida, segurar as coisas que amam. Seriam felizes se as coisas não passassem. Perdem-nas todavia, seja por causa da morte, seja pelos acontecimentos com que faço escapar-lhes das mãos os bens deste mundo. Tais pessoas vão pela mentira, por suas estradas; são filhos do demônio, pai da mentira. Entram por essa porta e vão para a condenação eterna.

Mostrei-te, assim, o meu caminho, o da Verdade, e o caminho do demônio, que é o da mentira. São duas estradas. Ambas exigem fadiga. Vê como é enorme a maldade, a cegueira humana. Sendo-lhe preparada a ponte, o homem prefere ir pela correnteza.

A estrada da ponte é muito agradável aos caminhantes. Toda amargura se torna doce; todo peso, leve. Embora na obscuridade dos sentidos, vão na luz; embora mortais, já possuem a vida sem fim. Pelo amor e pela fé, saboreiam meu Filho, Verdade eterna, que prometeu o prêmio para os que por mim se afadigam. Sou grato, reconhecido e justo; pagarei com equidade, segundo o merecimento. Toda ação boa será remunerada, assim como toda culpa será punida. Tua linguagem é insuficiente a descrever o gozo concedido a quem segue este caminho; nem teus ouvidos seriam aptos a escutar e os olhos a ver. Experimentam-se neste caminho coisas reservadas para a outra vida!

Como é louco aquele que despreza tão grandes bens, indo pelo rio, em baixo; prefere alimentar-se, já nesta vida, com aperitivos do inferno. Segue por entre muitos sofrimentos, sem satisfações, na carência de todo bem. Tudo isso, porque se privou de mim, sumo e eterno Bem, pelo pecado. Tens razão em lamentar-te! Quero que outros servidores sintam contínua tristeza porque sou ofendido; que sintam compaixão diante da maldade e ruína dos pecadores.

Tens desse modo a descrição da ponte. Disse todas essas coisas, para revelar-te que meu Filho unigênito é uma ponte, conforme afirmara antes. Agora sabes que de fato ele une as alturas com a pequenez!

12.5 - Cristo é ponte pela sua mensagem

Quando meu Filho retornou a mim, quarenta dias após a ressurreição, aquela ponte se ausentou da terra, isto é, da convivência dos homens, e subiu ao céu pela força da divindade, sentando-se à minha direita. No dia da Ascensão, um anjo disse aos apóstolos, - que ali haviam ficado como mortos, já que seus corações tinham ido para o céu com meu Filho: "Não permaneçam aqui, pois ele está sentado à direita do Pai" (Atos 1,11).

Com o retorno de meu Filho ao céu, enviei o Mestre, o Espírito Santo. Ele veio no meu poder, na sabedoria do Filho e na própria clemência. É uma só coisa comigo e o Filho. Por sua vinda, fortaleceu o caminho-mensagem deixado no mundo por Jesus. Ao afastar-se fisicamente, não retirou sua mensagem e suas virtudes; estas são pedras assentadas na mensagem, que ficou na forma de doce e gloriosa ponte. Inicialmente (na vida oculta), ele se esforçou por construir a estrada mais com ações do que com ensinamentos. Antes de falar, agiu. E Espírito Santo, em sua clemência, veio confirmar a mensagem de Cristo, e fortaleceu os discípulos na confirmação da verdade e no anúncio da mensagem de Cristo crucificado. Por meio deles o Espírito repreendeu o mundo pelas injustiças e falsos julgamentos, do que falarei com mais vagar em outra parte.

Expliquei tais coisas, para que não ficassem dúvidas na mente dos que escutam e viessem a

dizer: "É verdade que o corpo de Cristo se tornou uma ponte pela união (hipostática) da natureza humana com a divina; mas aquela ponte (corporal) subiu ao céu e nos deixou. Cristo foi um caminho, ensinou a Verdade, viram-se os seus exemplos e costumes... Mas agora, que nos restou? Onde encontramos o caminho?" Respondo a ti e àqueles que caírem em semelhante ignorância. O caminho ensinado por meu Filho foi confirmado pelos apóstolos, garantido pelo sangue dos mártires, esclarecido pelos santos doutores, iluminado pelos confessores; dele falam os escritos dos evangelistas. Todos eles foram testemunhas a confirmar tal verdade na hierarquia da santa Igreja. Foram lâmpadas colocadas sobre o candelabro a indicar o caminho da Verdade, o qual sem erro conduz à Vida com iluminação perfeita. Como confirmaram a mensagem de Cristo? Vivendo-a em si mesmos. Assim, todos os homens recebem luzes para conhecer a Verdade. Basta que cada um o queira, que não destrua a luz da razão pelo egoísmo desordenado. A mensagem de Jesus é verdadeira e ficou no mundo qual pequena barca, para retirar os pecadores do rio do pecado e conduzi-los ao porto da salvação. Primeiro, coloquei meu Filho como ponte-pessoa, a conviver com os homens; após sua morte, ficou a ponte-mensagem, possuindo ela meu poder, a sabedoria do Filho e o amor do Espírito. O poder fortifica os caminhantes, a sabedoria ilumina e ajuda a conhecer a Verdade, o Espírito Santo infunde o amor que aperfeiçoa, que destrói o egoísmo e conserva no homem o apego ao bem. Por qualquer forma, como ponte-pessoa ou ponte-mensagem, meu Filho é o caminho, a verdade e a vida, a passagem que conduz às alturas celestiais. Tais coisas queria ele dizer, com as expressões: "Eu vim do Pai e volto ao Pai" (Jo 16,28) e "voltarei a vós" (Jo 14,8); como se afirmasse: "Meu Pai enviou-me até vós, fez de mim uma ponte, pela qual atravessai o rio do pecado e chegais à Vida". Com a sua outra expressão: "Voltarei a vós, não vos deixarei órfãos; vou enviar-vos o Paráclito", é como se dissesse: "Irei para o Pai e voltarei mediante o Espírito Santo, chamado Paráclito; ele indicar-vos-á mais claramente a estrada verdadeira, ou seja, a mensagem que vos dei e que ele confirmará".

Jesus falou que voltaria e voltou. O Espírito Santo não veio sozinho. Veio no poder do Pai, na sabedoria do Filho e na própria clemência. Como vês, meu Filho não retornou no seu corpo, mas no poder que fortalece a estrada-mensagem. Esta nunca será destruída, nunca obstruída para os que a desejam percorrer. É firme, estável, pois procede de mim que sou imutável. Caminhei virilmente por ela, sem nenhuma dúvida e na luz da fé, que vos dei como principal veste no santo batismo.

12.6 - Sumário e exortação

Acabo de falar-te de maneira completa sobre a ponte: a ponte-pessoa e a ponte-mensagem,

que constituem uma só coisa. Mostrei (12.5) quem indica o caminho verdadeiro aos que o desconhecem. São os apóstolos, os evangelistas, os mártires, os confesores, os santos doutores, colocados como luzeiros na santa Igreja. Fiz ver (12.5) que meu Filho retornou a mim e depois voltou a vós, não pessoalmente, mas na força do Espírito, quando este desceu sobre os apóstolos. Meu Filho voltará pessoalmente no juízo final, com majestade e poder divinos, para julgar o mundo. Aos bons, ele dará o prêmio pelas fadigas corporais e espirituais; aos maus, aos que vivem no pecado, dará o castigo eterno.

De agora em diante, vou ocupar-me do que prometera (12.1); vou mostrar-te quem caminha imperfeita, perfeita e perfeitissimamente e a maneira como procedem. Falarei igualmente dos pecadores, que se afogam no rio do pecado, a caminho de horríveis tormentos.

A vós, filhos queridos, eu digo: conservai-vos pela ponte; não vades pelo rio. Este último não é a estrada da verdade, mas da mentira; por ela vão os maus. Por eles quero que rezeis; em favor deles vos peço lágrimas e suor, para que achem em mim a misericórdia!

34 - Esta expressão é aqui aplicada ao homem novo, remido por Cristo.

35 - Mais adiante (16.3), Catarina explicará em que consiste esta reunião ou "congregação" das três faculdades em Deus.

13 . ORAÇÃO À MISERICÓRDIA DIVINA

Então aquela serva, ébria, incapaz de se dominar, como que em pé diante de Deus, dizia:

- Ó misericórdia divina, que disfarças os defeitos humanos! Não me espanto que digas a quem deixa o pecado mortal e volta a ti: "Não me lembrarei mais de que me ofendeste". Não, misericórdia inefável, não me espanto de que fales assim a quem se converte. Surpreende-me que digas sobre os que te combatem; "Quero que oreis por eles, a fim de que eu os perdoe".

Ó misericórdia, Pai, que procede da tua divindade e que, pelo teu poder, governa o mundo inteiro. Tua misericórdia nos criou, tua misericórdia nos recriou no sangue de teu Filho, tua misericórdia nos conserva. Foi ela que levou Jesus a atirar-se aos braços da cruz na batalha da vida contra a morte, da morte contra a vida. Então a vida venceu a morte do pecado, enquanto a morte que vem do pecado destruiu a vida física do Cordeiro sem manchas. Mas quem foi o vencido? A morte! Quem o vencedor? Tua misericórdia.

Tua misericórdia produz a vida, concede a luz, revela o Espírito em todos os homens, santos e pecadores. Reluz nas alturas do céu, em teus santos; e, se me volto para a terra, como ela é abundante aqui! Tua misericórdia brilha mesmo na escuridão do inferno, porque não dá aos condenados todo o castigo que merecem. Com tua misericórdia mitigas a justiça; por tua misericórdia nos lavaste no sangue; por misericórdia vieste conviver com os homens.

Ó louco de amor! Não te foi suficiente nascer, quiseste até morrer; não te foi suficiente

morrer, desceste à mansão dos mortos, de lá retirando os antigos pais, a fim de realizar neles a verdade e a misericórdia. Porque prometes o prêmio a quem te serve com retidão, desceste ao limbo para libertar os que te haviam servido, dando-lhes a recompensa pelos cansaços.

Vejo que a misericórdia te obrigou a conceder mais coisas ainda aos homens: ficaste como alimento! Por sermos fracos, (a eucaristia) nos alimenta; por sermos faltosos e esquecidos, nos recorda os teus benefícios. Eis porque nos dás todo dia esse alimento, fazendo-te presente no sacramento do altar mediante a hierarquia da santa Igreja. Quem faz tudo isso? Tua misericórdia.

Ó misericórdia, afoga-se o meu coração ao pensar em ti! Para qualquer lado que me volte, só encontro misericórdia.

Pai eterno, perdoa a minha insensatez, pois tive a ousadia de falar na tua presença. Que teu misericordioso amor me alcance o perdão diante da tua bondade!

14 . DEUS FALA SOBRE OS PECADORES

14.1 - Os que vão pelo rio do pecado

Após falar com o coração aberto sobre a misericórdia divina, aquela serva esperava humildemente que se realizasse a promessa feita antes (12.1;2.6). Deus Pai retomou então a palavra e disse:

- Filha muito querida, discorreste diante de mim sobre a misericórdia, porque eu te fiz compreender a profundidade daquela afirmação: "Estes (os pecadores) são as pessoas por quem peço que rezeis". Mas procura entender que minha misericórdia é infinitamente maior do que pensas. Tua capacidade é imperfeita, limitada, ao passo que perfeito e infinito é o meu perdão. Impossível fazer comparações, senão aquela da finitude com o Infinito. Quis que experimentasses o que é tal misericórdia, bem como qual seja a dignidade do homem, revelada a ti antes (1.1). Quero que entendas melhor a maldade e crueldade dos pecadores, que vão pelo rio do pecado. Começam por conceber o mal no próprio íntimo, enfermando-se; depois o praticam exteriormente 38 e perdem a graça.

Afogados no rio do falso amor mundano, eles morrem para a graça. Assemelham-se ao cadáver, privado de sensações, que já não se move a não ser carregado por outros. Nos pecadores, assim "mortos", a memória já não retém a recordação da minha misericórdia, a inteligência não compreende minha verdade, preocupada que está com a própria sensualidade e pessoa, a vontade permanece insensível à minha vontade e apega-se às realidades mortas. Com a morte destas três faculdades 39, toda a atividade interna e externa do pecador se esvazia quanto à graça. O pecador já não consegue defender-se dos inimigos 40, já não reage

sem meu auxílio. Sempre é verdade, porém, que este "morto" possui o livre arbítrio durante esta vida mortal no corpo e, ao implorar socorro, sempre o terá de mim. Mas, sozinho, nada fará. O pecador é insuportável a si mesmo; pretendendo ser o dono do mundo, deixa-se dominar pelo nada, o pecado. Sim, o pecado é um nada...., e tais pessoas são seus escravos!

38 - Catarina distingue dois momentos na gênese do pecado: o "mental", no íntimo do coração, o "atual" pela prática do mal contra o próximo. O mesmo se deve dizer da origem das virtudes. Veja 2.5.

39 - A função destas faculdades no processo da vida espiritual será explicado no 16.1.

40 - Trata-se do mundo, do demônio e da sensualidade ou carne.

14.2 - Seus principais defeitos

Os pecadores haviam recebido a graça no santo batismo; deles eu fizera árvores de amor. Transformaram-se em árvores de morte, pois estão mortos, como disse antes. Sabes onde nascem suas raízes? No solo do orgulho. Sua seiva é o egoísmo; medula, a impaciência; rebento, a falta de discernimento. São esses os quatro vícios principais do homem que se tornou árvore de morte com a perda da graça. No seu íntimo vive o verdadeiro remorso, mas é pouco sentida a sua presença devido à cegueira do egoísmo.

Como o alimento desta árvore brota do orgulho, a pobre alma vive cheia de ingratidão, que dá origem a todos os males. Se o pecador tivesse gratidão pelos benefícios recebidos, conhecer-me-ia, conheceria a si mesmo em mim 41, amar-me-ia. Mas ele é um cego que vai tateando pelo rio do pecado, inconsciente de que as águas não o esperam.

Os frutos mortais desta árvore são tão numerosos quanto os tipos de pecado.

Uns são alimentos de animais para os que vivem na imundície, revolvendo o corpo e o espírito na lama da carne, à semelhança do porco no chiqueiro. Ó homem embrutecido! Onde deixaste a tua dignidade? Eras irmão dos anjos e agora não passas de um feio animal!... Tais pessoas vivem em tal baixa, que não somente eu, suma pureza, apenas consigo tolerá-los; até os demônios dos quais se fizeram amigos e escravos, não aguentam diante de pecados tão imundos 42. Nenhum pecado é abominável como este, nem há outro que tanto escureça a inteligência humana. Os filósofos (pagãos), que não possuíam a luz da fé, compreenderam isso através da natureza; para melhor estudar, guardavam a continência 43. Também afastavam de si as riquezas, a fim de que sua preocupação não lhes envolvesse o coração. Não age assim o falso cristão; cheio de maldade, por própria culpa perde a graça.

Outros pecados ficam nos bens materiais, como nos avarentos e gananciosos. Estes fazem como as toupeiras, que se alimentam de terra até a morte. Só que estes pecadores, ao chegar

o dia da morte, já não têm mais cura. Gananciosos, eles negociam o tempo 44 são usurários, cruéis, ladrões. Sua memória se esquece dos meus benefícios. Em caso contrário, deixariam de ser cruéis consigo mesmos e com os outros. De si mesmos teriam pena, praticando as virtudes; dos outros, pelo serviço da caridade. E como são numerosos os males provenientes deste maldito vício! Quantos homicídios, furtos, rapinas, lucros ilícitos, ruindade de coração, injustiças! Ele mata a alma, torna-a escrava dos bens materiais, negligente em observar os meus mandamentos. O ganancioso-avarento não ama ninguém, a não ser por interesse pessoal. A ganância nasce do orgulho e alimenta o orgulho. Um procede do outro, já que ambos a tudo antepõem a fama pessoal. De um mal passa a outro, indo sempre para o pior. O orgulho do homem cheio de si é um fogo: produz a fumaça da vanglória e a vaidade do coração, gloria-se de coisas que nem lhe pertencem! O orgulho é a raiz de todos os vícios. O principal deles é a procura de boa fama; seguem o desejo de suplantar os demais, o fingimento interior, interesseiro e egoísta, a dupla face. Enquanto a boca diz uma coisa, o coração pensa outra; oculta-se a verdade, mente-se para tirar proveito. O orgulho produz ainda a inveja, verme que corrói o homem interiormente e não o deixa ser feliz com o verdadeiro bem pessoal e alheio. Em estado tão infeliz, como poderão estes tais auxiliar os necessitados, se vivem a desfrutar dos outros? Como podem afastar sua alma da lama, quando mais e mais a afundam? Algumas vezes ficam tão embrutecidos, que perdem o respeito pelas próprias filhas e parentes, cometendo com elas muitas ações más. Tolero-os apenas para que se corrijam, sem ordenar à terra que os engula. Como poderiam eles dar a vida pela salvação alheia, quando recusam distribuir os bens materiais? Como poderiam dar amor, se a inveja os martiriza? Ó vícios miseráveis, que materializam o "céu", que é a alma! Chamo a alma de céu, porque a havia mudado em lugar onde habitava a graça; nela me escondia; pelo amor a transformara em minha mansão. Qual mulher adúltera, ela me abandonou. Mais que a mim, ama a si mesma, as pessoas e coisas. Faz de si mesma seu deus e agora me ofende com numerosos e diferentes pecados. Tudo, porque não pensa nos favores do sangue derramado num grande incêndio de amor.

A terceira categoria de vícios é a daqueles que se pavoneiam no poder, tendo como insígnia a injustiça contra Deus 45, contra o próximo, contra si mesmos. Contra si mesmos, porque não cumprem o dever de serem virtuosos; contra mim, por faltarem à obrigação da honra, da glória e do louvor. São ladrões que usurpam o que me pertence, para dá-lo à sensualidade. Desse modo são injustos para comigo. Relativamente a si mesmos, são cegos e maus, não reconhecem minha presença. Tudo por causa do egoísmo. Agem como os judeus e doutores da Lei, os quais, por inveja e egoísmo, nada viam ou entendiam sobre a Verdade, meu Filho. Não reconheceram a vida eterna que estava entre eles. Jesus lhes dizia: "O reino de Deus está

no meio de vós" (Lc 17,21). Eles não entendiam. Por que? Por terem perdido a luz da razão. Devido a isso não me honravam, não me glorificavam; nem a meu Filho. Este o motivo pelo qual, como cegos, foram injustos, perseguindo-o com mil afrontas, até mata-lo na cruz. Além de serem injustos para consigo mesmos e para comigo, estes pecadores o são também para com os outros: vendem a carne dos próprios súditos 46 e de todos os que lhe caíam nas mãos.

41 - Temos aqui uma aplicação concreta da famosa doutrina catariniana da "cela interior" ou autoconhecimento. Veja-se 2.2 e 18.3.

42 - Mais adiante Catarina conta uma visão que teve a respeito deste assunto (28.6).

43 - Os filósofos pagãos são elogiados também no Diálogo por sua pobreza voluntária.

44 - "Negociar o tempo" é exigir lucros proporcionais ao espaço de tempo estipulado nos empréstimos.

46 - A tradução é literal! Os poderosos injustos são apresentados como mercadores de carne humana.

14.3 - Julgamento falso e repreensões divinas

Por causa desses e de outros vícios, os pecadores pronunciam um falso julgamento, como passo a explicar-te. Embora sejam retas as minhas ações e praticadas com amor e justiça, eles continuamente se opõem a elas. Foi com semelhante falso juízo, envenenado ainda pela inveja e orgulho, que (os judeus) injustamente condenaram a atividade de meu Filho. Mentindo, eles diziam: "Ele age na força de Belzebu" (Mt 12,24). Hoje, comportam-se da mesma maneira os pecadores, cheios de egoísmo, impureza, orgulho, ganância e inveja. Baseados em interpretações falsas, impacientes e por outros defeitos, em tudo se opõem a mim e a meus servidores, que chamam fingidos. Donos de um coração corrompido e de uma viciada interpretação dos fatos, julgam más as coisas boas e vice-versa.

Ó cegueira humana que nem respeitas a própria dignidade! Sendo grande, fazes-te pequena; de senhora, tu fazes-te escrava do mais vil patrão, o pecado. Tornas-te semelhante aquele a quem serves e como o pecado é nada, a nada te reduces. Perdeste a vida, encontraste a morte.

O Verbo encarnado, meu Filho único e ponte de glória, deu aos homens vida e grandeza. Eram escravos do demônio e ele os libertou. Para que cumprisse tal missão, tornei-o servo; para cobrir a desobediência de Adão, exigi que obedecesse; para confundir o orgulho, humilhou-se até a morte na cruz. Por sua morte, destruiu o pecado; já ninguém pode dizer: "Restou este ou aquele vício, que não foi remido com seus sofrimentos". No intuito de livrar a

humanidade da morte eterna, fez do seu corpo uma bigorna - como já disse antes (12.2) - e usou todos os remédios. No entanto, os pecadores desprezam o seu sangue, pisoteiam-no com um amor desordenado.

Esta é a injustiça, este o julgamento falso a respeito do qual o mundo é e será repreendido até o dia do juízo final. A esse respeito, dizia meu Filho: "Mandarei o Paráclito; ele repreenderá o mundo da injustiça e do julgamento falso"(Jo 16,8). Tal repreensão começou quando enviei o Espírito Santo sobre os apóstolos. São três as repreensões:

14.3.1 - A voz da Igreja

A primeira repreensão iniciou, como acabei de dizer, com a vinda do Espírito Santo sobre os discípulos. Fortalecidos pelo meu poder, iluminados pela sabedoria do amado Filho, receberam a plenitude do Espírito Santo. Este, que é uma só coisa comigo e com meu Filho, repreendeu então o mundo pela boca dos apóstolos através da mensagem de Cristo. Por tal forma eles, e os sucessores que ouvirem a Verdade, repreendem o mundo. É a mesma perene repreensão, sempre feita ao mundo pelas Escrituras Sagradas e pelos meus servidores. Coloco o Espírito em seus lábios e eles dizem a verdade, da mesma forma como o demônio se põe na boca dos seus asseclas, que pecaminosamente vão pelo rio do pecado. É a mesma doce e contínua repreensão realizada por mim com imenso amor pela salvação humana. Não se pode dizer: "Ninguém me chamou a atenção"! A todos foi mostrada a verdade sobre o vício e a virtude, sobre os frutos da virtude e as consequências do pecado. Para que odiassem o mal e amassem o bem, a todos foi oferecido o amor e o santo temor. Nem foi um anjo a lhes revelar a mensagem da Verdade, de modo que pudessem escusar-se dizendo: "O anjo é um espírito feliz, não padece, não sente as fraquezas da carne como nós ou o peso do corpo". Não, não podem falar assim, pois enviei-lhes o Filho, homem mortal como vós.

E os demais seguidores do meu Filho, como eram? Criaturas mortais e passíveis como vós, sujeitos às lutas da carne contra o espírito. Assim aconteceu com o glorioso apóstoo Paulo, assim com os outros santos. Cada um deles, a seu modo, sofreu as tentações da sensibilidade. Permiti e ainda permito essas dificuldades para o crescimento da graça e das virtudes nas almas. Como vós, os santos nasceram no pecado, nutriram-se do mesmo alimento (eucarístico). Também eu sou o mesmo Deus daquelas épocas; meu poder não diminuiu. Posso, quero e sei socorrer a quem deseja ser por mim socorrido. Assim os pecadores abandonam o rio do pecado e vão pela ponte, vivendo a mensagem de meu Filho.

14.3.2 - O juízo particular

Os pecadores não podem desculpar-se. Continuamente são por mim convidados ao conhecimento da Verdade. Não se corrigindo enquanto podem fazê-lo, uma segunda repreensão os condenará. Ela acontece no último instante da vida, quando meu Filho chamar: "Surgite mortui, venite ad iudicium" (Levantai-vos, ó mortos, vinde para o julgamento)! Tu que morreste para a graça e morto chegas ao fim da vida terrena, levanta-te, aproxima-te do supremo Juiz. Aproxima-te com tua maldade, com teus julgamentos falsos, com a lâmpada da fé apagada. No santo batismo, ela foi-te entregue acesa; tu a apagaste com o sopro do orgulho e da vaidade do coração, usados como velas enfunadas às ventanias contrárias à salvação. O amor da fama soprava teu amor-próprio (egoísmo) e tu corrias alegre pelo rio dos prazeres mundanos; seguias a frágil carne, as incitações do demônio, as tentações. Tua vontade era um pano retesado e o diabo te conduziu pela estrada do mal, junto com ele, para a eterna condenação.

Filha muito querida, esta segunda repreensão se dá no fim da vida, quando não há mais remédio. Ao chegar o instante da morte, o homem sente remorso. Já afirmei que ele é um verme cego por causa do egoísmo. No instante final, quando a pessoa compreende que não pode fugir das minhas mãos, esse verme recupera a visão e atormenta interiormente a pessoa, fazendo ver que por própria culpa chegou a tão triste situação. Se o pecador se deixar iluminar e se arrepender - não por medo dos castigos infernais, mas por ter ofendido a suma e eterna bondade - ainda será perdoado. Mas se ultrapassar o momento da morte nas trevas, no remorso, sem esperança no sangue ou, então, lamentando-se apenas pela infelicidade em que se acha - e não por ter me ofendido - irá para a perdição. Sobrevirá, pois, a repreensão pela injustiça e falso julgamento.

Em primeiro lugar, a repreensão da injustiça e do julgamento falso em geral, praticados no conjunto de suas ações; depois, em particular, do último instante, quando o pecador considera seu pecado maior que minha misericórdia. Este (Mt 12,32) é o pecado que não será perdoado, nem aqui nem no além. O desprezo voluntário da minha misericórdia constitui pecado mais grave que todos os anteriores. Neste sentido, o desespero de Judas desagradou-me e foi mais grave que a sua traição. Também para meu Filho! É por causa deste (último) julgamento falso que o pecador sofre a repreensão, ou seja, porque acha que sua falta é maior que meu perdão. Este é o motivo da punição, indo sofrer eternamente com os demônios.

A repreensão da injustiça acontece porque os pecadores sentem mais tristeza pelos próprios danos que por me terem ofendido. São injustos, no sentido de que não atribuem a mim o que me pertence e a si o que é deles. A mim deveriam oferecer o amor, a tristeza e contrição dos pecados cometidos. Mas agem no sentido oposto, só demonstrando autocompaixão e angústia

pelo castigo que lhe merecem seus pecados. Como vês, são injustos. E por tal motivo são punidos por uma e por outra coisa.. Já que desprezaram meu perdão, com justiça mando-os ao castigo (Mt 25,41), juntamente com a escrava sensualidade e o tirano demônio, a quem na sensualidade serviam. Já que solidariamente me ofenderam, juntos serão punidos e atormentados. Os próprios demônios, encarregados por mim de cumprir a sentença de justiça, atormentá-los-ão.

Filha, a tua linguagem é incapaz de descrever os sofrimentos destes infelizes. Sendo três os seus vícios principais - egoísmo, medo de perder a boa fama e orgulho - aos quais se acrescentam a injustiça, a maldade e vergonhosos pecados, no inferno os pecadores padecem quatro tormentos principais.

Primeiro tormento é a ausência da minha visão. Um sofrimento tão grande que os condenados, se fosse possível, prefeririam sofrer o fogo vendo-me, que ficar fora dele sem me ver.

Segundo tormento, como consequência, é o remorso que corrói interiormente o pecador privado de mim, longe da conversação dos anjos, a conviver com os demônios.

Aliás, a visão do diabo constitui o terceiro tormento. Ao vê-lo, duplica-se o sofrer. No céu, os bem-aventurados exultam com minha visão e sentem rejuvenescer o prêmio recebido pelas fadigas amorosamente suportadas (no mundo); da mesma forma, mas em sentido contrário, os infelizes danados vêem crescer seus padecimentos ao verem os demônios. Nestes, eles se conhecem melhor, entendendo que por sua própria culpa mereceram o castigo. Assim o remorso os martiriza e jamais cessará porque o diabo é visto no próprio ser; tão horrível é a sua fealdade, que a mente humana não consegue imaginar. Se ainda o recordas, já te mostrei o demônio uma vez assim como ele é; foi por um átimo de tempo. Quando retornaste aos sentidos, preferias caminhar por uma estrada de fogo até o juízo final que tornar a vê-lo. No entanto, apesar do que viste, ignoras sua fealdade. Especialmente porque, segundo a justiça divina, ele é visto mais ou menos horrível pelos condenados, segundo a gravidade das culpas.

Quarto tormento é o fogo. Um fogo que arde sem consumir, sem destruir o ser humano. É algo de imaterial, que não destrói a alma incorpórea. Na minha justiça permito que tal fogo queime, que faça padecer, aflija; mas não destrua. É ardente e fere de modo crudelíssimo em muitas maneiras, conforme a diversidade das culpas. A uns mais, a outros menos, segundo a gravidade dos pecados.

Destes quatro tormentos derivam os demais: o frio, o calor, o ranger de dentes (Mt 22,13).

Como vês, repreendo os pecadores nesta vida por seus julgamentos falsos e injustiças; se não se corrigem, faço-lhes uma segunda repreensão na hora da morte; pela ausência de esperança e arrependimento, sobrevivem-lhes a morte eterna em indizível infelicidade.

Falta-me discorrer sobre a terceira repreensão: o juízo final. Já falei das duas primeiras repreensões; passo a tratar do julgamento geral, quando a alma do condenado sentirá renovar-se o seu tormento, e mesmo aumentar, com a recuperação do corpo. Será um padecimento intolerável, acompanhado de muita confusão e vergonha. Quero que entendas quanto se enganam os pecadores (neste mundo).

Por ocasião do juízo final, o Verbo encarnado virá com divina majestade repreender o mundo. Não mais se apresentará pobrezinho, na forma como nasceu da Virgem numa estrebaria, entre animais, para morrer depois no meio de ladrões. Naquela ocasião, ocultei nele o meu poder e permiti que suportasse penas e dores como homem. A natureza divina se unira à humana e foi enquanto homem que sofreu para reparar vossas culpas. No juízo final, não será assim, pois virá com poder a fim de julgar. As criaturas humanas estremecerão e ele a cada um dará a sentença conforme o merecimento. Tua língua não consegue exprimir o que sucederá aos condenados. Para os bons, Jesus será motivo de temor santo e alegria imensa.

Em si mesmo, meu Filho não terá diferenças, pois sendo Deus é imutável. Ele é uma só coisa comigo. Pela glória da ressurreição, até sua natureza humana não padece mudanças. Mas os condenados não o verão assim. Olhá-lo-ão com vista obscurecida e horrível, como lhes é próprio. O olho doentio, mesmo diante do sol, somente vê escuridão, ao passo que o olho sadio vê apenas luz. Não que o sol, em sua luz, transforme-se diante do cego ou daquele que possui bons olhos. O defeito está na cegueira. O mesmo acontece com os condenados. Verão o ressuscitado em escuridão, na confusão, no ódio. Repito: não por imperfeição da majestade divina, que virá julgar o mundo, mas por causa da própria cegueira.

Grande é o ódio dos condenados, pois já não amam o bem. Blasfemam continuamente contra mim! Queres saber porque já não podem desejar o bem? É porque, no fim desta vida, vincula-se o livre arbítrio. Com o cessar do tempo, já não se merece mais. Quem termina esta existência no pecado mortal, por direito divino fica para sempre apegado ao ódio, obstinado no mal, a roer-se interiormente. Seus sofrimentos irão aumentando sempre, especialmente por causa das demais pessoas que por sua causa irão para a condenação.

Tendes a respeito disto o exemplo do rico epulário (Lc 16,27), que suplicava a Lázaro para que fosse até seus irmãos, no mundo, a fim de adverti-los sobre os futuros castigos. Ele não agia assim por amor e compaixão deles. Não tinha mais a virtude da caridade, nem poderia desejar-lhes o bem, seja querendo honrar-me ou salvar os irmãos. Já te disse (14.3.3) que os condenados ao inferno não podem fazer o bem; eles só blasfemam contra mim, uma vez que suas vidas acabaram no ódio a todo bem. Por que então o rico epulário fala daquela maneira? Porque fora o mais velho dos irmãos e dera-lhes maus exemplos durante a vida; pessoalmente era causa de condenação eterna para eles. Se viessem para sua companhia, teria seus próprios

sofrimentos aumentados.

14.4 - A felicidade dos santos

Também o homem justo, ao encerrar sua vida terrena no amor, já não poderá progredir na virtude. Para sempre continuará a amar no grau de caridade que atingiu até chegar até mim. Também será julgado na proporção do amor. Continuamente me deseja, continuamente me possui; suas aspirações não caem no vazio. Ao desejar, será saciado; ao saciar-se, sentirá ainda fome; distanciando-se, assim, do fastio da saciedade e do sofrimento da fome. Os bem-aventurados gozam da minha eterna visão. Cada um no seu grau, de acordo com a capacidade em que vieram participar de tudo o que possuo. Por terem vivido no meu amor e no amor dos homens; por terem praticado a caridade em geral e em particular, qual fruto de um único amor desfrutam - na alegria e gozo - dos bens pessoais e comuns que mereceram. Colocados entre os anjos e santos, com eles se rejubilam na proporção do bem praticado na terra. Entre si congraçados na caridade, os bem-aventurados de modo especial comunicam com aqueles que amaram no mundo. Realizam-no naquele mesmo amor que os fez crescer na graça e nas virtudes. Na terra, ajudavam-se uns aos outros; tal amor continua na eternidade. Conservam-no, partilham-no profundamente entre si; com maior intensidade até, associando-se à felicidade geral.

Não penses que a felicidade celeste seja apenas individual. Não! Ela é participada por todos os cidadãos da pátria, homens e anjos. Quando chega alguém à vida eterna, todos sentem a sua felicidade, da mesma forma como ele participa do prazer de todos. Não no sentido que os bem-aventurados progridam ou se enriqueçam, pois todos são perfeitos e não precisam de acréscimos. É uma felicidade, um prazer, um júbilo, uma alegria que se renova interiormente, ao tomarem eles conhecimento da riqueza espiritual do recém-chegado. Todos compreendem que ele foi elevado da terra à plenitude da graça por minha misericórdia; naquele que chegou todos se alegram, gratos pelos dons de mim recebidos. O novo eleito, igualmente, sente-se feliz em mim e nos bem-aventurados, neles contemplando a doçura do meu amor.

Em seus anseios, os eleitos clamam continuamente diante de mim em favor do mundo inteiro. Suas vidas haviam terminado no amor fraterno; continuam no mesmo amor. Aliás, foi exatamente por tal caridade que passaram pela porta, que é meu Filho, conforme explicarei em seguida. Os bem-aventurados continuam no céu, aquele mesmo amor com que encerraram a vida terrena. Conformam-se inteiramente à minha vontade, só desejam o que eu desejo. Chegando ao momento da morte me estado de graça, seu livre arbítrio fixa-se no amor e eles não pecam mais. Suas vontades identificam-se com a minha. Se um pai, uma mãe vêem

ou, em sentido contrário, se um filho vê os pais no inferno, não se perturbam. Até se alegram por ver tal pessoa punida, como se fosse inimigo seu. Os bem-aventurados em nada se distanciam de mim. Seus desejos estão saciados. Anseiam em ver-me glorificado por vós, viandantes e peregrinos que sois em direção à morte. Aspirando por minha honra, querem vossa salvação e sempre rogam por vós. Da minha parte, escuto seus pedidos naquilo em que vós, por maldade, não opondes resistência à minha bondade.

Os bem-aventurados desejam recuperar seus corpos; todavia não sofrem por sua ausência. Até se alegram, na certeza de que tal aspiração será realizada. A ausência do corpo não lhes diminui o prazer, não é angustiante, não faz sofrer. Nem julgues que a satisfação de ter o corpo após a ressurreição lhes traga maior bem-aventurança. Se isso fosse verdade, seria sinal de que a felicidade anterior era imperfeita enquanto não o reouvessem, e isto não pode ser. De fato, nenhuma perfeição lhes falta. Não é o corpo que faz feliz a alma, mas o contrário. Quando esta recupera o corpo no dia do juízo, participará ele da plenitude e da perfeição da alma. Naquele dia, ela se fixará para sempre em mim, e o corpo - em tal união - ficará imortal, sutil, leve. Deves saber que o corpo ressuscitado pode atravessar uma parede, que o fogo e a água não o ofendem. Tal propriedade lhe advém, não de uma virtude própria, mas por uma força que gratuitamente concedo à alma, que foi criada à minha imagem e semelhança num inefável ato de amor.

Tua inteligência não dispõe da capacidade necessária para entender, nem os ouvidos para escutar, a língua para narrar e o coração para sentir qual é a felicidade dos santos. Que prazer sentem na minha visão, que satisfação ao recuperar o corpo glorificado! Até o juízo final não o possuem, mas sem sofrimento; suas almas já são perfeitas e o corpo apenas virá participar dessa plenitude.

Estava eu falando da perfeição que o corpo ressuscitado receberá da humanidade glorificada de Jesus, a qual vos dá a certeza da ressurreição! No seu corpo brilham as chagas, sempre vivas; conservam-se as cicatrizes a implorar continuamente perdão para vós a mim, Pai eterno. Os bem-aventurados assemelhar-se-ão a Cristo na alegria e no prazer: os olhos dos santos serão como os do Ressuscitado, as mãos como suas mãos, todo o corpo igual ao seu. Unidos a mim estarão unidos a ele, que é uma só coisa comigo.

Serão felizes os vossos olhos ao ver o corpo ressuscitado de meu Filho. Por quê? Porque a vida dos santos ao encerrar-se no amor, não muda mais; como não podem praticar um bem ulterior, gozam daquilo que trouxeram. Já não fazendo obras meritórias - somente nesta vida é possível merecer ou pecar, segundo o livre parecer da vontade - aguardam o juízo final sem temor. Mas também com alegria. Desse modo, a face de Cristo não lhe será um rosto severo e irado. Morreram no meu amor e no amor do próximo. Quando Cristo vier julgar com

majestade divina, não o verão com severidade; tal acontecerá com os que serão condenados. Estes verão o Ressuscitado com rosto severo e justo. Para os santos sua face mostrar-se-á amorosa e cheia de misericórdia.

14.5 - A condenação eterna

Ocupei-me da felicidade dos santos, para que entendesses melhor a infelicidade dos condenados ao inferno. Aliás, outro tormento destes últimos é ver quanto os bem-aventurados são felizes. Tal conhecimento acrescenta-lhes a pena, da mesma forma como a condenação dos maus leva os justos a glorificar minha bondade. A luz é mais evidente na escuridão, e a escuridão na luz. Conhecer a alegria dos santos é dor para os réus do inferno.

Os condenados aguardam com temor o dia do juízo final. Sabem que então seus sofrimentos aumentarão. Ao escutar o terrível convite: "Surgite, mortui, venite ad iudicium", a alma retornará ao corpo. Para os bem-aventurados será um corpo de glória; para os réus, um corpo para sempre obscurecido. Diante do meu Filho, sentirão grande vergonha. Também diante dos santos. O remorso martirizará a profundidade do seu ser, quero dizer, a alma; mas também o corpo. Acusá-los-ão: o sangue de Cristo, por eles derramado; as obras de misericórdia, espirituais e corporais, do meu Filho; o bem que eles mesmos deveriam ter praticado em benefício dos outros, segundo o evangelho. Terá seu castigo a maldade com que trataram os irmãos, pois eu mesmo, compassivo, perdoara-lhes (Mt 18,33). Serão repreendidos pelo orgulho, egoísmo, impureza, ganância; e tudo isso reavivará seus padecimentos.

No instante da morte, somente a alma é repreendida; no juízo final também o corpo, por ter sido instrumento da alma na prática do bem ou do mal conforme a orientação da vontade. Todo bem e todo mal é feito através do corpo. Por esse motivo, minha filha, os justos terão no corpo glorificado uma luz e um amor infinitos; já os réus do inferno sofrerão pena eterna em seus corpos, usados para o pecado. Ao recuperar o corpo diante de Jesus ressuscitado, os réus sentirão tormento renovado e acrescido: a sensualidade sofrerá na sua impureza vendo a natureza humana unida à divindade, contemplando este barro adâmico - vossa natureza - colocada acima de todos os coros angélicos, enquanto eles, os maus, estarão no mais profundo abismo.

Os condenados verão brilhar sobre os eleitos a liberalidade e a misericórdia, quais frutos do sangue de Cristo; saberão das dificuldades suportadas pelos bons e que agora se mostram em seus corpos como frisos de adorno para as vestes. O valor de tais sofrimentos físicos, não provém do corpo, mas da riqueza da alma; e ela que dá ao corpo o merecimento da luta, como a companheira na prática das virtudes. Tal exteriorização se verifica porque o corpo manifesta

o resultado das batalhas da alma, como o espelho reflete a face do homem.

Ao se verem privados de tamanha beleza, os habitantes das trevas verão surgir em seus próprios corpos os sinais dos pecados e terão maiores tormentos e confusão. E ao soar aquela terrível sentença: "Ide, malditos, para o fogo eterno" (Mt 26,41), suas almas e corpos encaminhar-se-ão para a companhia dos demônios, sem mais remédio nem esperança. Cada um a seu modo, se envolverá na podridão em que viveu na terra, de acordo com as ações que praticou: o avarento arderá na sua ganância dos bens que desordenadamente amou; o maldoso, na sua ruindade; o impuro, na imunda e infeliz concupiscência; o injusto, nas suas iniquidades; o rancoroso, no seu ódio pelos outros. Quanto ao egoísmo, fonte de todos os males, arderá como princípio causador de tudo, em sofrimentos insuportáveis. O orgulho terá igual sorte. Assim, corpo e alma serão punidos em todos os vícios.

14.6 - Sumário e exortação

É desse modo que chegam ao próprio fim os homens que vão pela estrada inferior, no rio do pecado, sem refletir e reconhecer as próprias culpas, sem implorar o perdão. Nas pegadas do demônio, pai da mentira, entram pela porta do engano e chegam à condenação eterna.

Vós, como filhos meus escolhidos, ide pela estrada de cima, pela ponte; conservai-vos no caminho da Verdade, entrai pela porta verdadeira. Foi o que ensinou meu Filho: "Ninguém vai ao Pai senão por mim". Ele é a porta e o caminho que conduzem a mim, oceano de paz!

14.7 - Os pecadores e o fim da vida

Aos homens que caminham pela estrada da mentira resta apenas, qual fruto, a água-morta 50 para onde o demônio os convida. Tendo perdido a iluminação fé, quais cegos e loucos sem entendimento seguiram-no, como se ele dissesse: "Quem tem sede de água-morta, venha a mim, que lha darei".

Sirvo-me do demônio qual instrumento de minha justiça para atormentar os que me ofendem. Nesta vida o coloquei qual tentador, molestando os homens. Não para que estes sejam vencidos, mas para que conquistem a vitória e o prêmio pela comprovação das virtudes 51. Ninguém deve temer as possíveis lutas e tentações do demônio. Fortaleci os homens, dei-lhes energia para a vontade no sangue de Cristo. Demônio ou criatura alguma conseguem dobrar a vontade. Ela vos pertence, é livre. Vós, pelo livre-arbítrio, é que escolheis o que querer ou não querer alguma coisa. A vontade, todavia, pode ser entregue como arma nas mãos do diabo, que pode usá-la para vos ferir e matar. Se a pessoa não lhe dá esta arma,

se não consente ante as tentações e lisonjas do maligno, jamais pecará por tentação. Sairá dela até fortalecido e compreenderá que permito as tentações unicamente para vos conduzir ao bem e comprovar vossa virtude.

A caminhada para o bem passa pelo conhecimento de si e de mim. Este duplo conhecimento aumenta no tempo da tentação, no sentido de que o homem toma consciência da própria nulidade, percebe que não consegue evitar as dificuldades indesejáveis, reconhece minha presença a fortalecer sua vontade para não consentir nos maus pensamentos, entende que a tentação é permitida por mim, vê que o demônio é fraco e nada pode além daquilo que lhe é permitido. Aliás, é por amor, não por maldade, que permito as tentações; desejo a vossa vitória, não a derrota. Quero que me conheçais e vos conheçais, atingindo uma virtude provada, pois o bem é comprovado em seu contrário.

Como vês, os demônios são encarregados por mim de atormentar os condenados ao inferno e de provar a virtude nos que se acham nesta existência. Tal não é a intenção dos demônios, pois nada fazem por amor. Desejariam privar-vos da virtude, mas não o conseguem. A menos que o queirais. Vê como é grande a tolice humana, cedendo justamente onde tornei o homem mais forte e consignando-se nas mãos do diabo. Esforça-te por entender: é voluntariamente que os condenados se entregam ao demônio na hora da morte. Disse "voluntariamente", já que ninguém os pode obrigar a isso. Sem aguardar qualquer julgamento, logo depois do último suspiro, os pecadores julgam-se a si mesmos pela própria consciência e se põem sob o perverso domínio do maligno. Desse modo, desesperados, condenam-se. No instante supremo, com muito ódio, encaminham-se para o abismo; e antes mesmo de chegar a ele, voluntariamente o escolhem como paga, junto aos demônios, seus senhores.

Aqueles que morrem na caridade (perfeita), quando atingem o derradeiro instante, após ter vivido na perfeita iluminação da fé 52, na fé e na esperança do sangue do Cordeiro, contemplam o prêmio que lhes preparei; com amor, o acolhem; apertam-me com os laços da afeição, qual Bem sumo e eterno. Antes de deixar o corpo, antes de morrer, já gozam da vida eterna.

Outros, que haviam passado a vida na "caridade comum" 53 e atingem o último momento sem essa perfeição, também acolhem o prêmio eterno com essa fé e esperança, mas de modo imperfeito. Sentem-se culpados, mas reconhecem que minha misericórdia é maior que seus pecados. Os pecadores não agem assim. Ao divisar o lugar que lhes toca, recebem-no com ódio. Uns e outros, nem esperam o julgamento. Logo que deixam esta vida, cada um vai para o seu lugar, pressentido e apreendido antes mesmo de deixar o corpo na morte: os condenados, para o inferno, com ódio e desespero; os perfeitos, com amor, fé e esperança; os imperfeitos, com fé no perdão, vão para o purgatório.

50 - Em analogia com a água-viva de Cristo, Catarina gosta de indicar o pecado como água morta.

51 - Veja-se o parágrafo 2.8.

52 - Veja-se adiante n. 24.3.

53 - Veja-se adiante n. 14.11

14.8 - A ilusão do pecado

Eu disse antes (14.7) que os demônios convidam os homens para a água-morta, a única que lhes pertence, cegando-os com prazeres e satisfações do mundo. Usa o anzol do prazer e fiska-os mediante a aparência de bem. Sabe ele que por outros caminhos nada conseguiria; sem o vislumbre de um bem ou satisfação, os homens não se deixariam aprisionar. Por sua própria natureza, a alma humana tende ao bem. Infelizmente, devido à cegueira do egoísmo, o homem não consegue discernir qual é o bem verdadeiro, realmente útil ao corpo e à alma. Percebendo isso, o demônio, maldoso, apresenta-lhe numerosos atrativos maus, disfarçados porém sob alguma utilidade ou prazer. Adapta-se ele às diversas pessoas, variando atitudes e males conforme crê oportuno. De uma forma tenta o leigo, de outra o religioso, o prelado, os chefes; a cada um, conforme a sua posição social.

Falei dessas coisas porque no presente estou ocupando-me dos pecadores que se afogam pelo rio do pecado. São homens egoístas, que só pensam em si mesmos. Amam a si mesmos, ofendem-me. Já disse (14.5) para onde se encaminham; agora quero mostrar-te como se iludem, pois ao tentar fugir dos sofrimentos, em sofrimentos caem. Julgam que o fato de me seguir através da ponte-Cristo seja causa de muita fadiga, por isso voltam atrás com medo dos espinhos. Na realidade tal atitude procede da cegueira e ignorância da Verdade, como te fiz ver no início de tua vida, quando rogavas misericórdia em favor do mundo, desejosa de que eu o libertasse do pecado mortal.

Naquela ocasião, mostrei-me a ti na figura de uma árvore 54. Não vias onde começava, nem onde terminava; somente percebias sua raiz na terra. A "terra" era vossa natureza humana, unida à natureza divina (em Cristo). No tronco da árvore - se ainda recordas - havia alguns espinhos. Evitavam-nos os amantes da própria sensualidade, os quais corriam para um monte de palha, símbolo dos prazeres humanos. A palha assemelhava-se ao trigo. Vias que muitos ali morriam de fome; outros, ao dar-se conta da ilusão, voltavam à árvore, superavam com decisão os espinhos. Essa decisão, antes de ser tomada, parece difícil a quem deseja seguir a estrada da Verdade. Há sempre luta entre a consciência de um lado e a sensualidade do outro. Mas quando a pessoa virilmente renega a si mesma e se decide dizendo: "Quero seguir Cristo

crucificado", então ela quebra aqueles espinhos e descobre inestimável doçura. Foi o que te fiz ver aquela vez. A doçura será maior ou menor, conforme a boa disposição e o esforço pessoal. Então eu te disse: "Sou o Deus imutável; não me escondo de quem me procura". Embora sendo invisível, mostrei-me visível aos homens em Cristo. Fiz ver o que é amar algo fora de mim. Infelizmente os homens, cegos pela fumaça do egoísmo, não me conhecem, não se conhecem. Vê como se iludem: preferem morrer de fome do que superar um pequeno espinho. Mas não ficarão sem dificuldades. Nesta vida, ninguém vive sem cruz. A não ser aqueles que caminham pela estrada superior; eles também sofrem, mas sua dor não aflige. Pelo pecado, como disse acima, o mundo produziu dificuldades e dores, bem como nasceu o rio do pecado, esse mar tempestuoso; mas para vós eu construí uma ponte, de modo que não vos afogueis.

54 - A visão é narrada por Catarina (Libellus de Suplemento, I, 5); ter-se-ia verificado em 1362, no dia em que Catarina entrou para a Ordem da Penitência de São Domingos.

14.9 - Infelicidade dos pecadores

Expliquei qual é a ilusão dos pecadores no seu desordenado temor e como sou um Deus imutável, livre da acepção de pessoas, unicamente atento ao desejo santo. Foi o que te revelei no simbolismo da árvore. Passo a falar dos que sofrem e dos que não sofrem ante os espinhos e dores que a terra produziu depois do pecado (original). Tendo-me ocupado da situação dos pecadores que se deixam iludir pela própria sensualidade, vou explicar-te em que sentido essas pessoas são feridas por tais espinhos.

Todos os que nascem e vivem neste mundo passam por fadigas corporais e espirituais. Sim, também os meus servidores padecem nos seus corpos; mas em seus espíritos não, porque suas vontades estão identificadas com a minha. O que faz o homem sofrer é a vontade. Quanto aos pecadores, sofrem na alma e no corpo. Eles experimentam no mundo as primícias do Inferno, como os meus servidores já gozam a garantia do Céu.

Sabes qual é a grande felicidade dos santos? É possuir a vontade satisfeita em todas as suas aspirações. Ao desejar-me, possuem-me, tendo deixado o peso do corpo que produzia a lei que luta contra o espírito. Na vida terrena, o corpo impedia o perfeito conhecimento da Verdade e minha visão face a face. Separando-se do corpo, a vontade dos bem-aventurados realiza-se: ao desejo de ver-me corresponde a visão, e com ela, a beatitude. Vendo, conhecem-me; conhecendo, amam-me; amando, saboreiam-me; saboreando, realizam-se quanto ao desejo de me ver e conhecer. Desejando, possuem; possuindo, desejam. Como disse (14.4), o sofrimento está distante do desejo e fastio da saciedade. Como vês, meus servidores são

felizes, especialmente na visão celeste. Ela satisfaz seus desejos, sacia suas vontades. Neste sentido afirmei (14.9) que a vida eterna consiste na posse das coisas que a vontade deseja, isto é, conhecer-me, ver-me.

Já a partir desta vida meus servidores gozam da eternidade, ao saborearem a causa de sua felicidade. E qual é tal causa? Respondo: é a certeza da minha presença em suas vidas, é o conhecimento da minha Verdade. Tal conhecimento se realiza na inteligência, que é o olho da alma; pupila de tal olho é a fé. Pela iluminação da fé, eles distinguem, conhecem e seguem a estrada-mensagem do Verbo encarnado. Sem a fé, ninguém reconhece tal estrada, à semelhança daquele que possuísse o olho, mas coberto por um pano. Sim, a pupila deste olho é a fé; nada verá quem cobrir sua inteligência com o pano da infelicidade, por causa do egoísmo. Tal pessoa terá a inteligência, mas não a luz para conhecer.

Portanto, tais pessoas vendo, conhecem; conhecendo, amam; amando, afogam e destroem a vontade própria; tendo-a destruído, revestem-se da minha vontade, a qual deseja unicamente a vossa santificação (1 Ts 4,3). Com isso, deixam o rio do pecado, sobem para a ponte, superam os espinhos que já não lhes machucam os pés do amor. Já se conformaram à minha vontade. Neste sentido, como disse acima, meus servidores não padecem no espírito, mas somente no corpo. O querer sensível já morreu, ele que é a fonte de sofrimento e dor para o homem. Destruída essa "vontade" sensível, o sofrimento desaparece e meus servidores tudo passam a tolerar com respeito. Consideram como graça as dificuldades que permito, só desejam o que eu desejo. Quando deixo que os demônios os atormentem com tentações para provar suas virtudes, como expliquei antes, eles as superam com a intervenção da vontade, por mim fortalecida. Humilham-se, consideram-se indignos de sossego e merecedores de castigo. Vivem, pois, na alegria, sem sofrer. Nas perseguições e adversidades provenientes dos homens, na pobreza ou rebaixamento social, na morte de filhos e pessoas amadas - espinhos produzidos pela terra depois do pecado de Adão - meus servidores tudo suportam com discernimento e fé. Confiam em mim, Bondade suprema, certos de que somente quero o bem e para o seu bem tudo permito com amor.

Após fixar o pensamento em mim, eles olham para si mesmos e reconhecem os próprios defeitos; na fé, sabem que toda virtude será premiada e todo mal punido. Entendem que a menor culpa merece castigo eterno, porque atenta contra minha bondade infinita. Com gratidão porque aceito de puni-los nesta vida passageira, dão reparação às suas culpas mediante a contrição interior. Obtêm méritos com a perfeita paciência. Tais esforços terão a paga de um prêmio sem medida.

Eles sabem que, devido à transitoriedade do tempo, são de pouca monta os sofrimentos desta vida. O tempo é como a ponta de uma agulha, nada mais. Acabado o tempo, também a

dor cessa. Como vês, é passageira a dor. Pacientemente, e sem prejuízo interior, esses homens superam os acontecimentos adversos. Seus corações estão livres do amor sensível e unidos a mim na caridade. Realmente, já possuem no mundo a garantia do céu: na água, não se molham; sobre espinhos, não se ferem. Tendo-me conhecido, procuram o bem supremo onde de fato ele está, ou seja, no Verbo, meu Filho.

14.10 - A fé morta dos pecadores

Disse tais coisas, para que saibas melhor como os pecadores, pela acenada ilusão (14.8), vivem na certeza do inferno. Agora explico a origem de tal ilusão: a falta de fé proveniente do egoísmo.

Da mesma maneira como a Verdade é conhecida na luz da fé, assim a mentira e a ilusão brotam da falta de fé. Falo da falta de fé dos batizados, pois no batismo ela lhes foi dada. Ao chegar à idade da razão, os batizados que escolhem a vida virtuosa conservam a luz da fé e praticam o bem em benefício dos outros; comportam-se como a mulher que gera um filho e o entrega vivo ao marido (v. 2.10). Fazem o mesmo para comigo, esposo da alma, oferecendo-me virtudes vivas na caridade.

Diverso é o comportamento dos pecadores. Ao atingirem a idade da razão, não exercitam a fé, nem praticam o bem na vida da graça, mas geram obras mortas. Suas ações, praticadas em estado de pecado, sem a iluminação da fé, são obras mortas. Do batismo conservam só a recordação, não a graça. O olhar da fé se obscurece pelo egoísmo e já não podem ver. Deles se diz que possuem a fé, não as obras (Tg 2,26). Com a fé morta e encoberta pelo modo dito acima (14.9), eles não reconhecem o próprio nada, ignoram os seus defeitos, esquecem-se dos benefícios meus, pois de mim receberam o ser e as demais perfeições. Ignorantes de mim e de si, ao invés de odiar, eles amam a sensualidade, realizam suas tendências, cometem muitos pecados mortais. Não me amam, nem amam o próximo a quem quero bem. Não procuram fazer o que me agrada, isto é, não praticam as virtudes verdadeiras e reais. Gosto de ver em vós tais virtudes. Não por interesse, dado que vós não me podeis ser de utilidade. Sou aquele que sou (Ex 3,14). Nada existe sem mim, com exceção do pecado, que é privação. O pecado priva o homem de mim, sumo Bem, ao tirar-lhe a graça. Para interesse vosso agradam-me as virtudes. Possuindo-as, terei modo de vos premiar em mim mesmo, vida duradoura que sou.

Como vês, a fé dos pecadores é uma fé morta. Não possuem as obras, e as que possuem não merecem a vida eterna, devido à ausência da caridade. Assim mesmo, eles devem praticar o bem, com ou sem a graça. Toda obra boa é remunerada, como todo mal terá seu prêmio. Quando praticada no estado de graça, a boa obra merece o céu; quando feita em pecado,

embora sem merecimento, terá sua paga de várias maneiras: umas vezes, concedo vida mais longa ou inspiro a meus servidores contínuas orações em favor, com o qual tais pessoas se convertem, outras vezes, em lugar de vida mais longa e das orações, concedo bens materiais. Neste caso, os pecadores são como animais de engorda para o matadouro. Esses homens que sempre resistem à minha bondade, fazem, no entanto, algum bem, mesmo em seu estado de pecado. Se recusam converter-se através dos meios acima citados, com que os chamo - vida mais longa, preces - recompensando o pouco de bem que fazem; dou-lhes bens temporais, com os quais "engordam". Não havendo mesmo conversão, vão para o suplício eterno.

14.11 - Os pecadores e as riquezas

Enganam-se, pois, os pecadores. Ao se privarem da luz da fé, tornam-se cegos e caminham tateando, agarrando-se a tudo que encontram. Com o olhar obscurecido, afeiçoam-se aos bens materiais e passageiros, iludem-se como tolos que vêem o ouro e não o veneno.

Deves saber que as realidades materiais, com seus prazeres e deleites, quando conseguidas e conservadas sem mim, só por egoísmo desordenado, não passam de escorpiões enganadores. Na tua juventude, depois da visão da árvore (14.8), eu te fiz ver escorpiões com cabeça de ouro e cauda de veneno. O ouro e o veneno confundiam-se, mas o aspecto que primeiro se via era do ouro. Apenas conseguiam escapar do veneno aqueles que estavam iluminados pela fé. Como te disse naquela ocasião, tais pessoas eram as que eliminavam o veneno da própria sensualidade. Os que preferiam possuir bens materiais, eram os que usavam sua inteligência na aquisição, posse e uso do "ouro" deste mundo. As almas desejosas de grande perfeição, desprezavam o ouro, afetiva e efetivamente.

Como te afirmei aquela vez, estes últimos são os que seguem os conselhos (evangélicos) quanto ao desejo e quanto à prática, conforme o legado de Cristo. Outros, na posse de bens, seguem os conselhos somente pelo desejo, não na vida prática. Como os conselhos estão ligados aos mandamentos, ninguém vive estes últimos se não segue os conselhos, senão efetivamente, pelo menos quanto ao desejo. Em outras palavras, o cristão que possui bens, deve fazê-lo na humildade, sem orgulho, como coisa emprestada, não própria. Dou-vos os bens para o uso. Tanto possuís, quanto concedo; tanto conservais, quanto permito; e tanto permito, quanto julgo útil à vossa salvação. Tal há de ser a vossa atitude quanto ao uso dos bens materiais. Assim fazendo, o cristão obedece aos mandamentos - amando-me sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo - e conserva o coração desapegado das riquezas, afetivamente, como nada possuindo. Não se apega aos bens, não os possui em oposição aos meus desígnios. Possui externamente, ao passo que seu íntimo é pobre. Tais pessoas, como

disse (14.11), eliminam o veneno do egoísmo. São os cristãos da "caridade comum".

Os cristãos da "caridade perfeita" já obedecem aos mandamentos e seguem os conselhos afetiva e efetivamente. Com simplicidade, praticam quanto o meu Filho aconselhou na passagem do jovem rico (Mt 19,16ss). Quando este lhe perguntou: "Que poderia eu fazer, Mestre, para alcançar a vida eterna?", Ele respondeu: "Observa os mandamentos da lei". Então o jovem prosseguiu: "Eu já os observo". Jesus retomou: "Bem, se tu queres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá-o aos pobres". O jovem ficou triste, porque amava exageradamente os bens que possuía. Os perfeitos não se comportam assim, ou seja, após ter praticado os mandamentos, deixam o mundo com seus prazeres, mortificam o corpo com penitência, fazem vigílias e preces contínuas e humildes.

Os cristãos da "caridade comum", embora possuam bens, vão também eles para o céu. Não são obrigados a possuir; se querem tê-los, devem comportar-se na maneira explicada. Não é pecado ter bens. Todas as coisas são boas e foram criadas por mim para utilidade dos homens. Mas tais cristãos não devem virar escravos dos prazeres sensíveis. Se querem ter posses, façam-no; mas como dominadores delas, não como dominados. O afeto do coração deve estar em mim, não nas coisas externas; elas não pertencem aos homens, são dadas em empréstimo. Não tenho preferências por pessoas ou posições sociais; somente pelos desejos do coração. Todo homem, qualquer que seja sua condição social, tem possibilidade de agradar-me, caso possua uma vontade reta e santa.

Quem possui bens materiais dessa forma? Os que anularam o "veneno" das riquezas, desprezando a sensualidade e amando a virtude. Quem afastar de si o apego desregrado e se orientar para mim na caridade e no santo temor, tal pessoa poderá escolher o estado de vida que quiser. Em qualquer um deles alcançará a vida eterna. Suponhamos que seja mais perfeito e agradável a mim que o homem viva interior e exteriormente despojado dos bens materiais. Se uma pessoa não sentir a coragem de abraçar tal perfeição devido a alguma fraqueza pessoal, que permaneça na "caridade comum" qualquer que seja seu estado de vida. Em minha bondade dispus que assim fosse, para que nenhuma pessoa viesse a desculpar-se por pecados cometidos em determinadas situações. Ninguém poderá dar desculpas. Sou condescendente com as tendências e fraquezas humanas. Se as pessoas desejam viver no mundo, possuir bens, ocupar altas posições sociais, casar-se, ter filhos, trabalhar por eles, façam-no. É lícito viver em qualquer posição social; contanto que se evite o veneno da sensualidade, o qual pode conduzir à morte perpétua. Não sendo "vomitada" 55 e medicada qual veneno, a sensualidade prejudica e mata. É ela o "escorpião" do amor mundano (v. 14.11). Os bens materiais, como disse antes, são bons em si mesmos; foram criados por mim, Bondade infinita. Os homens hão de usá-los como lhes aprouver, mas no temor e no amor

autênticos. O perigo está na vontade pervertida do homem. É ela que envenena e mata a alma, quando não se purifica pela penitência e caridade. Embora pareça um remédio amargo, a confissão é eficaz para curar o veneno da sensualidade.

Vê onde está o engano dos pecadores; sendo-lhes possível possuir-me, fugir da angústia, viver alegres e consolados, preferem o mal de um bem aparente, correm atrás do "ouro" (v. 14.11) com desordenado amor. Cegos em grande infidelidade, não percebem a ilusão. Envenenam-se, sem medicar-se. Carregam-se com a cruz do diabo e vivem na certeza do inferno.

55 - A palavra "vomitar" quer indicar a acusação dos pecados mortais no sacramento da penitência. Veja-se 14.14.

14.12 - Os pecadores sofrem

Expliquei antes que é a vontade que faz o homem sofrer (14.9). Meus servidores não sofrem, porque se despojaram da vontade própria e se revestiram da minha. Eles vivem contentes, sentem minha presença em suas almas. Mesmo que possuíssem o mundo inteiro, não seriam felizes se eu estivesse ausente. As realidades terrenas são menores que o homem, para ele foram criadas, não vice-versa. Por tal motivo os bens materiais não satisfazem; somente eu sou capaz de saciar o homem. Já os infelizes pecadores, como cegos, afadigam-se continuamente, à procura de uma felicidade fora de mim. E sofrem.

Queres saber como sofrem? Quando alguém perde algo, com o que se identificara, seu apego faz sofrer. É o que acontece com os pecadores, identificados por vários modos com os bens materiais. Eles se materializam. Uns identificam-se com a riqueza, outros com a posição social, outros com os filhos; uns se afastam de mim por apego a uma pessoa; outros transformam o próprio corpo em animal imundo e impuro. Todos eles assim se nutrem de bens terrenos. Gostariam que tais realidades fossem duradouras, mas não o são. São perdidas por ocasião de mortes ou de outros acontecimentos por mim dispostos. Diante de tal perda, os pecadores entram em sofrimento atroz, pois a dor da separação se compara à desordenada afeição a posse.

Se os pecadores usassem os bens materiais enquanto emprestados, sem nenhum sofrimento os perderiam. Angustiam-se, por não mais ter o que amavam. O mundo não dá a felicidade total; não se sentindo inteiramente saciados, os pecadores sofrem. Quanta ilusão produz, por exemplo, o remorso; como se martiriza quem deseja vingar-se! O homem desejoso de vingança se corrói e morre antes mesmo de matar o inimigo. O primeiro morto é ele mesmo. Mata-se com o punhal do ódio. Quantos padecimentos no ganancioso, que multiplica ao

extremo suas necessidades. E o invejoso, a morder-se no próprio coração; jamais se alegra com a felicidade alheia, angustia-se por falsos temores em tudo quanto se apegam. Todos estes carregam-se com a cruz do diabo e experimentam nesta vida a certeza da condenação. Vivem diversamente doentes e, se não se corrigirem, vão depois para a morte eterna.

São homens feridos pelos espinhos das contradições, a torturarem-se interna e externamente. E por cima, sem merecimento algum! Sofrem na alma e no corpo, nada merecem; é sem paciência que padecem esses males. Vivem revoltados, apegando-se aos bens materiais com desordenado amor. Não possuem a graça e a caridade, são árvores mortas (v. 14.2) que produzem frutos mortíferos. Vão se afogando na dor pelo rio do pecado; cheios de ódio entram pela porta do diabo; atingem as águas mortas e chegam à condenação!

14.13 - Sumário

Compreendes assim como se iludem os pecadores (14.11) e com que sofrimentos caminharam para a condenação, quais "mártires" do diabo (14.12). Entendeste qual é a nuvem que os cega, vale dizer, o egoísmo, aquele "pano" que lhes encobre a luz do entendimento, a fé. Venham de onde vierem, as adversidades são instrumentos meus que fazem meus servidores padecerem no corpo; perseguidos pelo mundo, nada sofrem no espírito. Identificaram-se com a minha vontade e até se alegram em tolerar males por mim. Quanto aos pecadores, como disse, sofrem externa e internamente. Sobretudo internamente! Seja pelo medo de perder quanto amam, seja por desejar o que não conseguem adquirir. Relativamente às consequências derivadas destas atitudes, tua linguagem não é apta a descrevê-las.

Como vês, os justos vivem melhor que os pecadores, mesmo aqui na terra! E desse modo tens um quadro geral de como e para onde vão os pecadores.

14.14 - Caminhos da conversão

Passo a falar-te agora dos pecadores que, forçados pelos sofrimentos da vida e medo dos castigos futuros, procuram livrar-se do egoísmo. Envio-lhes contrariedades, para que compreendam que esta vida não constitui a meta final, que as realidades terrenas são imperfeitas e passageiras, que eu sou o fim último. Por medo da punição, tais pessoas saem do rio do pecado, "vomitando" (na confissão) o "veneno" que o "escorpião" neles injetara em forma de "ouro". Haviam sido iludidos, mas ao perceber o engano, aos poucos elas se erguem e, dirigindo-se para a margem, agarram-se à ponte.

Mas o temor servil (medo de castigos), sozinho, não é suficiente para fazer o pecador

progredir, limpar sua casa e afastar-se dos pecados mortais. É preciso encher a alma de virtudes, sob o alicerce da caridade. Por si mesmo o temor servil não dá a vida (da graça); o pecador há de coloca-lo no primeiro degrau da ponte (v. 12.1) os dois pés do amor 58 que conduzem até Cristo. É o primeiro degrau da escada do seu corpo. Tal é o primeiro acordar dos escravos do pecado que se convertem: o medo dos castigos! Muitas vezes, os próprios sofrimentos causados pela vida pecaminosa produzem tédio e repulsa. Quando o temor servil é acompanhado pela iluminação da fé, os pecadores passam do mal para o bem. Infelizmente, muitos deles passam a viver em tal tibieza que com facilidade retrocedem, após ter atingido as margens do rio do pecado; ventos contrários obrigam-nos a retornar às ondas no caudal tenebroso do pecado.

Um das vezes, é o vento da prosperidade. Sem ter atingido o primeiro degrau por negligência, ainda sem amor à virtude, o homem retorna aos prazeres desordenados. Outras vezes, é o vento da adversidade. Então, retrocedem por impaciência. Tendo deixado o pecado só por medo das penas e não porque se trata de uma ofensa contra mim, retorna a ele. Em matéria de virtudes, necessita-se da perseverança. Quem não persevera, jamais realiza seus desejos, levando a termo o que começou. Sem perseverança, nada se faz; a força de vontade no cumprimento de um ideal supõe esta virtude.

Disse antes que os pecadores retornam ao pecado pressionados por diversos fatores. Dentro de si mesmos, por causa da sensualidade, que combate contra o espírito; a partir das criaturas, enquanto se apegam a elas com desordenada atenção e se impacientam diante das ofensas; enfim, por tentações do demônio, em combates variados e numerosos. Neste último caso, às vezes o maligno as despreza, dizendo para confundir: "A obra que começaste para nada serve por causa dos teus pecados". A intenção do diabo é fazer com que volte atrás, abandonando o pouco que já fez. Outras vezes ele procura agradar, insistindo na esperança do meu perdão: "Por que cansas? Goza a vida! No fim, arrepender-te-ás e serás perdoado". Com isto ele quer que o homem perca o medo inicial do castigo.

Devido a esses e muitos outros motivos, os convertidos desanimam, não são constantes, não perseveram. Retrocedem antes de arrancar as raízes do egoísmo; por presunção, erroneamente, firmam-se na esperança de serem perdoados, continuam a ofender-me. Pensam poder contar com a misericórdia. Jamais ofereci ou ofereço minha misericórdia para que me ofendam. A finalidade do meu perdão é que, pela misericórdia, os pecadores se defendam do demônio e da confusão de espírito. Agem diversamente! Ofendem-me porque sou bom! Prova de que não houve a primeira conversão, ao se deixar o pecado por medo de castigos e sob o influxo dos sofrimentos. Faltando a conversão, o pecador não chega ao amor das virtudes, não persevera. A mudança (de vida) é indispensável. Quem não progride, volta

atrás. Assim os pecadores, se não progredirem na virtude, passando do medo ao amor, inevitavelmente retornam ao rio do pecado.

15 . CATARINA PEDE EXPLICAÇÕES SOBRE OS DEGRAUS DA PONTE

Então aquela serva, inflamada de desejo santo, refletia sobre a imperfeição pessoal e alheia. Sofria pelo que escutara (de outros) e vira (pessoalmente) sobre a cegueira humana. De um lado (via) a bondade divina, que nada pusera no mundo como impedimento à santificação dos homens, qualquer que fosse o estado de vida; as criaturas até favorecem e provam as virtudes. De outro lado, via tantos a rodar pelo rio do pecado, cheios de egoísmo e falso amor; sem se converterem, iam para a eterna condenação. Dos pecadores que começavam a deixar o rio do pecado, muitos voltavam atrás, levados pelas razões que Deus Pai bondosamente lhe explicara. Sentia-se amargurada. Fixou o pensamento da fé em Deus e lhe disse:

- Ó Amor sem preço, como é grande a ilusão dos homens! Se fosse do teu agrado, eu ficaria contente de que me falasses com mais detalhes sobre os três degraus do corpo do teu Filho, sobre o que devem fazer os pecadores para sair de uma vez do pélago e se conservarem no caminho da Verdade; enfim, sobre quais são os homens que sobem pela escada do corpo de teu Filho!

16 . DEUS PAI FALA SOBRE A FUNÇÃO DAS FACULDADES NA VIDA ESPIRITUAL

16.1 - As faculdades como degraus comuns

Então Deus Pai, cheio de bondade, olhou para o desejo santo e a fome daquela serva e lhe disse:

- Filha querida, não desprezo os santos desejos dos homens; gosto até de realiza-los. Vou mostrar e explicar quanto pedes. Queres que eu te fale detalhadamente sobre os três degraus e diga-te como hão de agir os pecadores para abandonar o rio do pecado e atingir a ponte. Já me ocupei deste assunto antes quando falei da ilusão e cegueira dos maus, esses "mártires" do demônio que vivem na certeza do inferno. Mostrei que recompensa recebem por suas más ações (14.5) e fiz ver como deveriam comportar-se (14.14). Todavia, para atender ao teu pedido, vou dar maiores explicações.

Já sabes que todos os males procedem do egoísmo (2.7); é ele que obscurece a razão, na qual se encontra a iluminação da fé. Quem perde uma dessas duas luzes, perde ambas. Ao criar o homem à minha imagem e semelhança, dei-lhe a memória, a inteligência e a vontade. Entre elas, a mais nobre é a inteligência. Embora seja movida pela vontade, é a inteligência que alimenta a vontade. Por sua vez, a vontade fornece à memória a recordação de mim e de

meus favores. Essa recordação dará à pessoa solicitude e gratidão. Como vês, uma faculdade reabastece a outra, nutrindo o homem na vida da graça.

Não vive o homem sem amor; ele sempre procura algo para amar. Criei por amor, criei-o no amor. Assim, a vontade move a inteligência, quase dizendo-lhe: "Quero amar; o amor é meu sustento". Desperta-se então a inteligência e responde: " Se queres amar, vou dar-te o bem para que o ames"! Reflete ela sobre a dignidade humana e sobre a indignidade proveniente do pecado. Na dignidade enxerga a bondade e o amor com que criei o homem; na indignidade percebe a misericórdia, graças à qual dou-lhe o tempo (de arrepende-se) e o liberto do mal. Diante dessas realidades, a vontade se alimenta de amor: sente o desejo santo, despreza a sensualidade, torna-se humilde e paciente, concebe interiormente as virtudes, pratica-as mais ou menos perfeitamente no próximo, de acordo com a perfeição atingida. Mas disso falarei depois (18).

Em sentido inverso, se o apetite sensível procura os bens materiais, a eles orienta-se a inteligência; e quando a mesma toma como objeto os bens passageiros, surge o egoísmo, o desprezo pelas virtudes, o apego ao vício e, como consequência, o orgulho e a impaciência. Por sua vez, a memória encher-se-á com tais elementos, fornecidos pelo afeto sensual, obscurecendo-se a inteligência, que não mais vê senão aparências de bem. Tais aparências ficam sendo, então, a única claridade mediante a qual a inteligência olha e a vontade ama todo objeto de prazer. Sem estas aparências, o homem não pecaria, pois, como tendência inata, ele só pode desejar o bem. Peca, porque o mal toma colorações de bem. A inteligência não mais discerne ou reconhece a Verdade; por cegueira, engana-se e procura o bem e a satisfação onde eles não estão. Já afirmei antes (14.11) que os prazeres mundanos são espinhos venenosos; engana-se a inteligência ao considerá-los, a vontade ao amá-los, a memória ao retê-los. Comporta-se a inteligência como uma ladra, apoderando-se do alheio; igualmente a memória, conservando a contínua lembrança de realidades distantes de mim. Com tudo isso, a alma se priva da minha graça.

É muito estreita a união destas três faculdades. Quando uma delas me ofende, as outras também o fazem. Como disse (16.1), uma apresenta à outra o bem ou o mal, conforme agrada ao livre arbítrio. Este se acha na vontade e a move como quer, em conformidade ou não com a razão. Possuís a razão - sempre unida a mim, a menos que o livre arbítrio a afaste mediante um amor desordenado - e tendes em vós uma lei perversa, que luta contra o espírito. Tendes, então, duas partes em vós mesmos: A sensualidade e a razão. A sensualidade foi dada ao homem como servidora, a fim de que as virtudes sejam exercidas e provadas através do corpo. O homem é livre, já que meu Filho o libertou com seu sangue. Ninguém pode dominar a pessoa humana quanto à vontade, pois ela possui o livre arbítrio. Este se identifica com a

vontade, concorda com ela. Fica, pois, o livre arbítrio entre a sensualidade e a razão, e inclina-se ora de um lado, ora de outro, conforme preferir.

Quando a pessoa tenta livremente "congregar" as três faculdades em mim, na maneira explicada, todas as atividades espirituais e corporais humanas ficam unificadas. O livre arbítrio se afasta da sensualidade, tende para o lado da razão e eu me coloco no centro das faculdades, realizando a palavra do meu Filho: "Quando dois ou três se reunirem em meu nome, estarei no meio deles"(Mt 18,20). Realmente, como te disse (10.1) ninguém pode vir a mim senão por meio de Cristo. Esta a razão pela qual fiz dele uma ponte com três degraus. Esses degraus, como declarei (18.), representam três estados (espirituais) do homem.

16.2 - A sede da Água viva.

Acabei de explicar-te a figura dos três degraus comuns, que são as três faculdades da alma. São etapas sucessivas para se chegar à ponte-mensagem do meu Filho. Sem a unificação dessas três faculdades, ninguém conseguirá perseverar. Sobre a perseverança já falei antes (14.14), quando me imploraste sobre como devem agir os pecadores para saírem do rio do pecado e querias mais detalhes. Então eu disse que, sem perseverança, ninguém chega à meta final. Dupla é a meta: o vício e a virtude. Todas as duas pedem perseverança. Se queres chegar à Vida, há de perseverar na prática das virtudes; quem preferir a morte eterna, que persevere no pecado. Pela perseverança chega-se até a mim, que sou a vida, ou ao demônio para beber as águas mortas.

Todos vós, na "caridade comum" ou na "via perfeita", fostes convidados por meu Filho, que inflamado de desejo santo gritava no templo: "Quem tem sede venha a mim e beba, pois eu sou a fonte da água viva (Jo 7,37; 4,10). Ele não disse: "Vá ao Pai e beba", mas "venha a mim". Por que? Porque eu, Pai, não posso sofrer; ele, sim. Também vós, enquanto sois caminhantes e peregrinos nesta vida mortal, sempre tendes dificuldades. Como ficou dito (10.2), depois do pecado original, a terra produziu espinhos. E por que razão afirmou: "Venha a mim e beba"? Porque ao viver na "caridade perfeita", seguindo os mandamentos e conselhos, ou na "caridade comum", seguindo de fato só os mandamentos, conforme sua mensagem, vós bebeis e saboreais o sangue do Verbo encarnado. Quando vos unis a ele, imergis também em mim, oceano de paz. Eu e o Filho somos uma só coisa.

Estais convidados, então, à fonte da água viva! É de vosso interesse que passeis pela ponte com perseverança. Nenhum obstáculo ou vento - próspero ou adverso - vos faça retroceder. Perseverai até me encontrar. Dar-vos-ei água viva em meu doce e amoroso Verbo encarnado, o Filho unigênito. Ele afirmou: "Eu sou a fonte da água viva" porque pela união da natureza

divina com a humana ele me continha, como doador da água viva.

Por que razão disse: "Venha a mim e beba?" Porque vós não viveis sem padecimentos. Ele pode sofrer, eu não! Fiz dele uma ponte; sem passar por ele ninguém consegue chegar até mim. Quando disse: "Ninguém chega ao Pai senão por mim" (Jo 14,6), falava uma verdade.

Conheces agora qual o caminho a ser seguido, sabes como andar, isto é, com perseverança. Por outro modo não se bebe, pois essa é a virtude que alcança a glória e a coroa do triunfo em mim, vida duradoura.

16.3 - Que significa reunir "dois ou três"

Volto a falar dos degraus gerais que deveis percorrer a fim de sair do rio do pecado, atingir a água viva e inserir-me na vossa caminhada.

Pela graça eu repouso em vossas almas. Querendo progredir, é necessário que tenhais sede. Somente os sedentos acolhem aquele convite: "Quem tem sede, venha a mim e beba" (Jo 7,37). Quem não está com sede desanima de caminhar, para por cansaço ou em prazeres, vai de mãos vazias, sem se preocupar em levar consigo um balde para atingir a água. Mas sozinho ninguém progride. Ao apresentar-se o ferrão das contradições, olha-o como a um inimigo e retrocede. O homem solitário teme o encontro do inimigo; quem vai acompanhado, não sente medo. Pois bem, o cristão que ainda não percorreu os três degraus gerais, caminha solitário.

Ocorre, pois, ter sede e reunir dois, três ou mais, na maneira explicada (16.1). Por que eu disse "dois e três"? Porque não existe dois sem três e três sem dois 65. O homem que está só não possibilita minha presença "no meio", por falta de companheiro que me permita estar "entre" eles. O solitário é um vazio, bem como aquele que só possui o egoísmo e vive sem amor pela minha graça e pelo próximo. Um nada, eis o que é a pessoa em quem estou ausente, por causa do pecado. Somente eu "sou aquele que sou" (Ex 3,14). O egoísta, solitário, não conta diante de mim, não me agrada. Eis por que meu Filho diz: Se dois ou três estão reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles" (Mt 18,20). Afirmei antes que não existe dois sem três ou três sem dois. Explico-me.

Sabes que os mandamentos da lei se reduzem a dois; sem eles, nenhum outro é observado. São: amar-me sobre todas as coisas e amar ao próximo como a ti mesma. Eis o começo, o meio e o fim dos mandamentos da lei. Todavia esses "dois" não se "reúnem" em mim sem os "três", isto é, sem a unificação das três faculdades da alma: a memória, a inteligência e a vontade. A memória há de recordar-se dos meus benefícios e da minha bondade; a inteligência pensará no amor inefável revelado em Cristo, pois ele se oferece como objeto de reflexão para manifestar a chama do meu amor; a vontade, unindo-se às duas faculdades anteriores, me

amará e desejará como seu fim. Quando essas três faculdades estão assim reunidas, acho-me presente entre elas pela graça. E, como consequência, a pessoa vê-se repleta de amor por mim e pelo próximo, na "companhia" de verdadeiras e múltiplas virtudes.

Em primeiro lugar, a vontade se dispõe a ter sede. Sede das virtudes, sede da minha glória, sede das almas. As demais sedes se apagam e morrem. Tendo subido o primeiro degrau, da afeição, o homem caminha seguro de si, sem temor servil. Livre do egoísmo, a vontade se põe acima de si mesma e acima dos bens passageiros. Se a pessoa quer possuir tais bens, ama-os e deles se serve em mim, com temor santo e verdadeiro, virtuosamente. Em seguida, passa-se ao segundo degrau, o da inteligência, no qual a pessoa, em cordial amor por mim, medita sobre Cristo crucificado, enquanto mediador. Por fim, a memória enche-se da minha caridade e alcança paz e a tranquilidade.

Um recipiente vazio, ao ser tocado, faz rumor; o recipiente cheio, nenhum som produz. Da mesma forma, quando a memória está tomada pela luz da inteligência e pelo amor, a pessoa já não se perturba diante das adversidades ou atrativos do mundo; está repleta da minha presença, como sumo bem; não sente falsas alegrias, nem impaciência. Quando o homem sobe (os três degraus comuns), suas faculdades unificam-se, colocam-se sob domínio da razão e "congregam-se" em meu nome. Uma vez reunidos os dois amores - por Deus e pelo próximo - com as três faculdades - a memória para reter, a inteligência para refletir e a vontade para amar - encontra-se o homem na minha companhia, forte e seguro; está na companhia das virtudes; caminha seguro de si. Estou presente nele!

Parte, então, o cristão, inflamado de desejo santo, sequioso de ir pelo caminho da verdade, à procura da fonte da água viva. É o desejo da minha glória, da salvação pessoal e da santificação alheia que incentiva a caminhar, pois é o único meio que possibilita alcançar a meta final. Na saída, o coração está vazio de apegos terrenos. Mas enche-se logo! Nenhum recipiente permanece com vácuo; se não contiver objetos materiais, enche-se de ar. O mesmo acontece com o coração humano. Ao se retirar dele o apego dos bens materiais, enche-se com o "ar" celeste do amor divino e com a "água" da graça. Em posse deste dom, o caminhante entra pela porta de Cristo e bebe a água viva em mim, oceano de paz.

16.4 - Sumário e exortação

Acabei de mostrar-te como devem comportar-se as pessoas, em geral, para sair do rio do pecado, evitando o afogamento e a condenação eterna. Fiz ver quais são os três degraus comuns - as três faculdades - que são percorridos juntos. Expliquei aquela palavra de meu Filho: "Se dois ou três estão reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles" e afirmei que

se trata da unificação dessas três faculdades com os dois principais mandamentos da lei, o amor por mim e pelo próximo. Ao realizar tal ascensão ou unificação, a pessoa sente sede da água viva, põe-se a caminho, passa pela ponte seguindo as pegadas de Cristo, o qual é tal ponte. Como disse, Jesus grita como fazia no templo: "Quem tem sede, venha a mim e beba, pois eu sou a fonte da água viva", e vós correis à sua voz que chama. Expliquei o sentido dessas palavras, como devem ser compreendidas. Compreendes melhor, agora, como vos amo e quanto é grande a confusão dos pecadores que vão pela estrada do demônio, convidados por ele às águas mortas.

Foi dado assim resposta à tua pergunta sobre o modo de comportar-se para não morrer no rio do pecado: a solução é subir para a ponte (de Cristo), unificando ou "congregando" (as faculdades) com o amor ao próximo. É preciso levar até minha presença o coração e a vontade qual recipiente, pois dou a beber a quem mo suplica; é necessário encaminhar-se pela estrada de Cristo crucificado com perseverança até a morte! Este modo de comportar-se é igual para todos os homens, qualquer que seja o estado de vida. Ninguém pode desculpar-se dizendo: "Sou casado, tenho filhos e compromissos sociais, por isso me dispenso de seguir tal estrada". Impedimentos não existem e nenhuma pessoa tem razões para falar assim! Já disse que todos os estados de vida são do meu agrado, quando vividos santamente. Todos os seres são bons; todos foram feitos por mim. Não criei as coisas para que vos causassem a morte, mas a vida. E nada existe mais fácil do que amar; nem nada mais agradável. Somente vos peço amor por mim e pelos outros, algo que pode ser feito em qualquer tempo, lugar ou condição. É suficiente amar e possuir os bens (materiais) para louvor e glória do meu nome!

Já expliquei a ilusão dos pecadores. Não seguem a iluminação da fé, são egoístas, amam e possuem os bens materiais esquecidos de mim. Vão sofrendo, insuportáveis a si mesmos. Se não se converterem pela forma explicada (14.14), irão para a condenação eterna. Eis como hão de comportar-se todas as pessoas, em geral. Até eu te falei da vivência própria dos cristãos da "caridade comum", isto é, daqueles que praticam os mandamentos, mas somente seguem os conselhos intencionalmente. Passo a ocupar-me dos que iniciam a escalada (da ponte) e desejam um caminho mais perfeito, obedecendo concretamente seja aos mandamentos como aos conselhos.

Vou mostra-los em três estados, como que em três degraus especiais, dos quais já falei "em comum" ao tratar das faculdades da alma. Um estado é imperfeito, o segundo mais perfeito, o terceiro perfeitíssimo; no primeiro (o homem) se comporta como servo assalariado, no segundo como servo fiel, no terceiro como filho, ou seja, como pessoa que me ama sem interesses pessoais. São três estados que podem acontecer em diversas pessoas ou (sucessivamente) numa única pessoa. Acontecem ou podem acontecer numa mesma pessoa

quando ela progride esforçadamente, aproveitando o tempo, e passa do estado servil ao liberal, e do liberal ao filial.

Eleva-te pela fé e contempla como caminha a humanidade peregrina! Uns com imperfeição, outros obedecendo perfeitamente aos mandamentos, outros ainda vivendo perfeitissimamente os conselhos evangélicos. Verás donde procede a imperfeição, donde a perfeição; entenderás como é grande a ilusão daqueles que não matam a raiz do egoísmo, já que em qualquer estado de vida, urge destruir o amor-próprio.

62 - Repito que o termo "sensualidade" tem um sentido especial em Catarina. Trata-se da parte sensível do homem enquanto perturbada pelo pecado original e fortemente inclinada para o mal.

65 - Catarina resume um ponto de doutrina importante no seu esquema ascético-místico: sem a observância dos "dois" mandamentos (amor de Deus e do próximo) é impossível unificar em Deus as três faculdades (inteligência, memória e vontade) e vice-versa. Para progredir na caminhada do espírito, é preciso por em sintonia a vivência exterior (mandamentos e conselhos) com a psicologia espiritual interior (unificação das faculdades em Deus).

17 . VISÃO DE CATARINA SOBRE A HUMANIDADE PEREGRINA.

Então aquela serva, inflamada de desejo santo, contemplou a si mesma no espelho da divindade e viu a humanidade que caminhava de vários modos e com diversificados interesses na procura do próprio fim. Uns homens, estimulados pelo medo dos castigos (eternos) começavam a subir (do rio para a ponte-Cristo); numerosos atingiam o segundo degrau, após terem atendido ao primeiro apelo de Deus; pouquíssimos iam com grandíssima perfeição.

18 . DEUS PAI EXPLICA COMO ATINGIR A PERFEIÇÃO

18.1 - Os degraus do amor

18.1.1 - O amor servil (1º estado)

Então o bondoso Deus, para satisfazer o desejo daquela serva, dizia:

- Considera estas pessoas, que abandonaram o pecado mortal por causa do temor servil; é necessário que passem ao amor virtuoso. O temor servil, sozinho, não basta para lhes dar a vida eterna.

O medo constituía a lei antiga, que eu dei através de Moisés. Ela se baseava no temor, pois o castigo seguia imediatamente à culpa. A lei nova é a do amor e veio com meu Filho; fundamenta-se na caridade. A nova lei não cancelou a antiga, mas a aperfeiçoou; meu Filho o

disse: "Não vim abolir a lei, mas cumpri-la" (Mt 5,17). Jesus fundiu a lei do temor com a lei do amor; eliminou o imperfeito medo de castigos e deu-lhe o temor santo, isto é, o medo de ofender-me. Assim, a lei imperfeita tornou-se perfeita lei do amor. Por sua vinda, meu Filho - qual carro de fogo - trouxe o fogo da caridade através da natureza humana e a misericórdia em abundância. Ele aboliu o castigo pelas faltas. Na lei mosaica, antigamente, havia a ordem de se punir imediatamente a culpa; hoje não é mais assim. A culpa não é mais castigada nesta vida. Agora ninguém mais deve ter temor servil, pois a culpa não é punida, mas deixa-se para depois, na vida futura, quando a alma estiver separada do corpo. Assim mesmo, só no caso de que o homem não se emende pela contrição perfeita. Enquanto viver (aqui), o homem estará no tempo do perdão; só depois de morto terá o tempo da justiça. É necessário, portanto, abandonar o temor servil e praticar o temor santo, o amor por mim. Em caso contrário, recaí-se no rio do pecado por ocasião das adversidades ou das consolações. Estas últimas, se a pessoa a elas se apegar desordenadamente, tornam-se espinhos que ferem a alma.

Afirmo antes (16.13) que é impossível sair do rio do pecado e subir à ponte, sem escalar os três degraus (comuns); de fato, uns o fazem imperfeitamente; outros, perfeitamente; outros, ainda, perfeitissimamente. As pessoas que agem por temor servil sobem os três degraus unificando imperfeitamente suas faculdades. Conscientizando-se do castigo que segue à culpa, (o pecador) com a memória lembra-se do pecado; pela inteligência considera as penas merecidas; e, na vontade, recusa o castigo. Supondo que ajam assim pela primeira vez, seria preciso que o fizessem debaixo da iluminação da fé, isto é, que não se limitassem apenas a pensar nos castigos, mas que considerassem também as virtudes e o amor que lhes dou. Agindo por esta última forma, escalarão (os degraus comuns) com amor, livres do temor servil.

Necessita-se destruir o egoísmo, ser prudente, constante, perseverante. Infelizmente muitos iniciam a escalada com tamanha vagariedade, amam-me com tal insegurança e negligência, que logo desanimam. Qualquer sopro de vento os faz parar ou retroceder. Tendo atingido o primeiro degrau do Crucificado imperfeitamente, não passam ao segundo, o do Coração.

18.1.2 - O amor interesseiro (2º estado)

Alguns se tornam servidores fiéis, dedicando-se a mim, não por medo de castigo, mas por amor. Mas seu amor ainda é interesseiro: gostam de mim por vantagens pessoais, à procura das consolações que acham em mim. Trata-se de um amor imperfeito. Sabes quando se manifesta essa imperfeição? No momento em que tais pessoas se vêem privadas da consolação experimentada em mim. Do mesmo tipo é o amor que têm pelo próximo: um amor imperfeito, que não basta, que é passageiro, vai diminuindo e muitas vezes se extingue. Chega

a desaparecer, quando retiro destas pessoas as satisfações espirituais e permito dificuldades e oposições, no intuito de provar-lhes a virtude. Minha intenção seria leva-las a um perfeito autoconhecimento, à consciência do próprio nada, a perceber a própria incapacidade frente à graça. Na realidade, no momento da provação, não me procuram, recusam-se a reconhecer-me como benfeitor, não procuram somente a mim com verdadeira humildade. Eis a razão por que concedo e depois retiro as consolações, deixando intacto o estado de graça.

Mas diante disso, estas pessoas desanimam, impacientam-se. Algumas vezes abandonam seus exercícios espirituais; muitas outras, fingindo virtude, dizem a si mesmas: "Esta prática para nada serve" - só porque se vêm carentes de fervor espiritual. Agem imperfeitamente, como pessoa que ainda não se desprende totalmente do egoísmo que lhe venda os olhos da fé. Quem se livra do egoísmo entende que tudo procede de mim, que nenhuma folha da árvore cai sem a minha permissão (Mt 6,28) que tudo concedo ou permito a fim de santificar os homens, isto é, para que atinjam a finalidade para a qual os criei. Seria preciso que vissem e compreendessem o seguinte: nada mais desejo que o seu bem no sangue do meu Filho unigênito, com o qual foram purificados. Em tal sangue podem reconhecer meu plano, ou seja, que para dar-lhes a vida eterna eu os criei à minha imagem e semelhança e, depois, no sangue de Jesus, os recriei como filhos adotivos através da graça. Infelizmente, são imperfeitos e somente procuram seus interesses e deixam de amar os outros.

Os primeiros (18.1.1) arrefecem por medo de sofrimentos; estes, os segundos, deixam de fazer bem aos outros e decaem no seu amor por ausência de interesses pessoais e consolação interior. O motivo é porque o homem, sem amor altruísta, ama a si mesmo segundo a imperfeição com que me ama, isto é, à procura de interesse próprio.

Se tais pessoas não se derem conta de tal imperfeição, se não aspirarem ao amor perfeito, impossível será que não voltem atrás. Para quem deseja chegar à vida eterna, o altruísmo no amor é indispensável. Para se adquirir a vida interminável, não basta evitar o pecado por medo de castigos ou ser virtuoso por interesses; é mister evitar o pecado porque ele me ofende, e praticar a virtude porque ela é amor por mim.

Quanto afirmado constitui a maneira geral da vocação ao amor. Começa-se pela imperfeição. Mas ocorre que haja passagem da imperfeição à perfeição (no amor): seja nesta vida, praticando a virtude com um coração desinteressado e liberal a meu respeito, seja mediante o reconhecimento da própria imperfeição na hora da morte, com o propósito - no caso de que continuasse a viver - de servir-me altruisticamente.

Foi com semelhante amor, imperfeito, que (São) Pedro amou o doce e bondoso Jesus, gozando de sua afável companhia (durante a vida pública); mas quando chegou o tempo da dificuldade, ele esmoreceu, fugiu, renegou, por medo de sofrer. Os que vão por este caminho,

do amor servil e interesseiro, caem em muitos inconvenientes. Seria preciso que se elevassem e se comportassem como filhos, servindo-me desinteressadamente. Todavia, eu remunero os homens por todo esforço e dou a cada um de acordo com seu estado (espiritual) e boa vontade.

18.1.3 - O amor amizade (3º estado)

Os que perseveram na oração e nas boas obras, os que na constância progredem na virtude, estes atingirão o amor-amizade. A estes, eu amarei como amigos, pois correspondo com igual afeição. Quem me quer bem como faz um servo com seu patrão, será amado por mim, o Senhor, na mesma medida; mas não me manifestarei a ele. Os segredos são revelados aos amigos íntimos somente! Sem dúvida alguma, um servo - graças às suas capacidades e afeição - pode progredir e tornar-se amigo caríssimo. E é justamente o que ocorre com estas pessoas. Enquanto permanecem no amor interesseiro, não me manifesto a eles; mas se reconhecem sua imperfeição, procuram as virtudes, destroem a raiz do egoísmo espiritual, renunciam aos sentimentos internos do temor servil e do amor interesseiro através da fé, então sim, serão do meu agrado e chegarão ao amor de amizade. Manifestar-me-ei a eles. Dizia Jesus: "Quem me amar, será um comigo; revelar-me-ei a ele e moraremos juntos" (Jo 14,21.23). A amizade íntima consiste nisto: que são dois corpos, mas uma só alma no amor, pois o amor transforma (o amante) na coisa amada. E quando (os amigos) se tornam uma só alma, entre eles já não haverá segredos. Por isso dizia meu Filho: "Virei e moraremos juntos".

Sabes como é que me manifesto à pessoa que realmente me ama conforme o ensinamento de Cristo? Nela eu revelo meu poder de muitos modos, de acordo com seus desejos. São três as modalidades principais: 1) manifesto minha afeição e caridade por meio do Verbo encarnado, cuja caridade se revelou através do sangue derramado num incêndio de amor. Esta minha manifestação é dupla: de modo geral, naqueles que se encontram na "caridade comum", levando-os a reconhecer meu amor em numerosos favores; e de modo especial, naqueles que se tornaram meus amigos; estes últimos, com acréscimo aos sentimentos íntimos com que saboreiam, conhecem, experimentam e sentem na caridade comum. 2) manifesto minha caridade através das próprias pessoas. Não faço acepção de pessoas, mas olho o desejo santo de cada uma e manifesto-me em conformidade com a perfeição com que a pessoa me procura. Às vezes - e trata-se ainda desta segunda modalidade - concedo o espírito de profecia, com a revelação de acontecimentos futuros. Isso acontece de muitas maneiras, segundo as necessidades que vejo na própria pessoa ou na sociedade. 3) de muitos modos, segundo as aspirações e desejos da pessoa, faço estar presente no seu espírito o meu

Filho unigênito: às vezes, quando procura conhecer meu poder durante a oração e eu atendo, revelando minha força; outras vezes, ao querer a sabedoria do Filho, e eu o ponho como objeto de seus conhecimentos; por fim, ao desejar-me na clemência do Espírito Santo, e isto me possibilita revelar meu amor levando a alma à prática do bem, com grande caridade pelo próximo.

Como vê, meu Filho dizia uma verdade, quando afirmava: "Quem me ama será um comigo". Ao viver sua mensagem, estais unidos a ele e a mim, pois eu e ele somos um. Nele, manifestou-me. Se ele dizia: "Eu manifestar-me-ei a vós", falava com exatidão. Ao se revelar, revela-me.

Qual seria o motivo por que não disse: "Eu revelar-vos-ei meu Pai? A razão principal é tríplice: Em primeiro lugar quis dizer que eu e ele não somos separados um do outro. Quando o apóstolo Filipe lhe pediu: "Mostra-nos o Pai e isto nos basta" (Jo 14,8), respondeu: "Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14,9). Disse assim porque é um comigo. O que ele é, recebeu de mim. Em tal sentido, ensinava aos judeus: "Minha doutrina não é minha, mas do Pai que me enviou" (Jo 7,17). É que o Filho procede de mim; não o contrário! Sou um com ele e ele comigo. Por isso não falou: "Manifestarei o Pai", mas "eu manifestar-me-ei". Em segundo lugar, porque ao manifestar-se a vós nada mais fazia do que mostrar quanto recebera de mim, como que dizendo: "O Pai se manifestou em mim porque sou um com ele; por meio de mim, nós dois nos revelamos". Em terceiro lugar porque, sendo eu invisível, não posso ser visto por vós neste mundo. Quando vossa alma se separar do corpo, espiritualmente vereis a mim e ao Verbo até a ressurreição final. Já o disse ao tratar da ressurreição (14.7). Tal qual sou, não podeis ver-me. Para vos ajudar, escondi a divindade sob o véu na natureza humana em Cristo. Invisível, tornei-me como que acessível aos vossos olhos. Cristo me manifesta. Por isto não dizia: "Eu manifestarei o Pai", mas: "Eu manifestar-me-ei a vós", como que para significar: "Eu manifesto-me a vós de acordo com quanto o Pai me deu". Como percebes, meu Filho se manifesta ao me revelar. Não dizia: "Eu vos manifestarei o Pai", porque vós, no corpo mortal, não sois capazes de ver-me; além disso, porque ele e eu somos uma só coisa.

18.2 - A caminhada para o amor amizade.

Vês assim a que alturas chega o homem que atingiu o amor-amizade. Depois de ultrapassar o primeiro degrau, os pés de Cristo crucificado, atinge o segredo do coração, isto é, o segundo degrau, conforme representei o corpo de meu Filho.

Disse antes (16.1) que os degraus figuravam as três faculdades; agora mostro como significam (também)

as três fases pelas quais passa o homem. Mas antes de ocupar-me do terceiro degrau - que é o da boca de Cristo - quero explicar-te qual a caminhada para o amor-amizade (18.2), como é vivido tal amor (18.3) e quais são os sinais reveladores da sua presença (18.4).

Relativamente ao modo como se chega ao amor-amizade e filial, dá-se da seguinte maneira: inicialmente imperfeito, o homem vive no amor servil; com a perseverança e esforço, chega ao amor interesseiro das consolações (espirituais) no qual se compraz olhando-me como algo útil para si mesmo. Tal é o roteiro para quem quer chegar ao amor-amizade e filial. Este último é o amor perfeito; com ele alcança-se a herança do reino. O amor filial inclui o amor-amizade; nesse sentido se passa do amor-amizade ao amor filial. Mas qual é a estrada? Vou dizê-lo.

Toda perfeição e virtude procede da caridade; a caridade alimenta-se de humildade; a humildade nasce do autoconhecimento e da vitória sobre o egoísmo da sensualidade. Para se atingir o amor filial é necessário pois, perseverar na cela do autoconhecimento. Nesta cela o homem conhecerá o meu perdão através do sangue de Cristo e atrairá sobre si pelo amor a minha caridade, procurará destruir em si toda má vontade espiritual e temporal. Fará como os apóstolos e Pedro que, depois da negação, chorou. Era um pranto imperfeito, que imperfeito permaneceu durante os quarenta dias que precederam a Ascensão. Depois que Jesus subiu ao Céu em sua humanidade, Pedro e os demais (apóstolos) fecharam-se no Cenáculo, esperando a vinda do Espírito Santo segundo a promessa feita por meu Filho. Ali permaneceram com as portas fechadas, cheios de medo, como acontece a todo homem antes de chegar ao verdadeiro amor. Ficaram perseverantes na oração humilde e contínua, até receber a plenitude do Espírito Santo. Então, livres do temor, passaram a seguir e pregar Cristo crucificado.

Também o homem que deseja atingir tal perfeição, por medo do castigo começa a chorar depois de abandonar o pecado mortal pelo arrependimento; em seguida, eleva-se à consideração de minha misericórdia, e nisto encontra consolação e prazer. É algo ainda imperfeito. Para que se encaminhe à perfeição, após os "quarenta dias" - que são os dois primeiros estados - aos poucos vou me afastando da alma quanto às consolações, sem retirar-lhe a graça.

Foi quanto Jesus revelou aos discípulos, ao dizer: "Irei e voltarei a vós" (Jo 14,27). Tudo quanto ele dizia a eles em particular, afirmava-o igualmente para todos os seus contemporâneos e às gerações futuras. "Irei e voltarei a vós", disse ele; e o fez. Voltou, quando o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos. De fato, já te disse (12.5) que o Espírito Santo não vem sozinho, mas com meu poder, com a sabedoria do Filho e com a própria clemência, pois ele procede do Pai e do Filho.

Pois bem, afirmo-te que, para libertar o homem da imperfeição (do amor servil e interesseiro),

afasto-me da alma quanto às consolações. Quando se achava no pecado mortal, o pecador estava longe de mim; por sua culpa, eu me afastara dele quanto à graça. Havia-se fechado a porta do desejo por culpa sua, sem responsabilidade do sol divino. Ao tomar consciência das próprias trevas, ele abre as janelas, "vomita" a podridão do pecado na santa confissão, e então, pela graça, volto à sua alma. Se me afasto, é quanto às consolações, não quanto à graça, no modo explicado acima. Ajo assim para que a pessoa se humilhe, procure-me com empenho, seja provada quanto à fé e se torne prudente. A tais alturas, se o cristão me amar desinteressadamente, com fé viva e desapego de si, alegrar-se-á nas adversidades, achando-se indigno de viver no sossego e descanso da mente. Mas este já é o segundo assunto dos três que falei antes (18.2).

18.3 - Como se vive o amor-amizade

18.3.1 - A vigília de oração

Eis o que faz a pessoa que chegou (ao amor-amizade): Ao perceber que me ausentei quanto às consolações, não cai em desânimo. Persevera humildemente no esforço pelo autoconhecimento, certa de que o Espírito Santo virá. Como o espera? Sem ociosidade, em contínua vigília de oração. Será uma vigília exterior e interna, no sentido de que a inteligência não se feche, mas reflete sob a luz da fé. Assim a pessoa evita as distrações do coração, medita sobre a bondade do meu amor, compreende que nada mais desejo que sua santificação. Disso é garantia o sangue do meu Filho. Como o pensamento está vigilante no conhecimento de mim e de si, a alma ora continuamente. É a "oração contínua", a oração da vontade santa e boa. A pessoa permanece também na oração exterior, feita nos tempos determinados conforme as prescrições da santa Igreja. Tal é o comportamento do homem que da imperfeição chegou à perfeição!

Para que a alma atingisse esse grau, dela me afastara quanto às consolações. Outro motivo da ausência destas consolações é este: para que o homem, vendo-se na secura, sofra, perceba a própria debilidade, instabilidade e falta de perseverança; em outras palavras, veja e conheça o próprio defeito, descubra em si a raiz do egoísmo. É para que a pessoa se conheça e se supere, suba à cadeira da própria consciência, corrija todo sentimento falso, destrua as raízes do egoísmo com o desapego de si e o amor pelo bem.

É bom que compreendas o seguinte: qualquer imperfeição e perfeição são adquiridas e manifestadas, seja em mim como no próximo; compreendem-no os simples, que muito amam as pessoas no espírito. Se acolhem o amor por mim desinteressadamente,,

desinteressadamente também amam o próximo. Pode-se comparar a uma vasilha: retirada cheia de uma fonte, se alguém dela beber, ficará vazia; mas se alguém enquanto bebe a conserva na fonte, jamais se esvaziará, estará sempre cheia. Assim, o amor humano e espiritual pelo próximo, deve realizar-se em mim, sem outros interesses.

Eu vos peço que me ameis com a mesma caridade com que vos amo. Tal coisa não podeis realizar diretamente a meu respeito, pois eu vos amei antes de ser amado. Qualquer ato de amor vosso de amor por mim é devido, não gratuito; sois obrigados a me querer bem. Eu amo-vos espontaneamente, sem qualquer obrigação. Não, relativamente a mim não tendes a possibilidade de cumprir o amor que peço! Por isso, dei-vos um meio: o próximo. Com referência a ele podeis fazer o que é impossível para comigo, podeis amá-lo gratuitamente, sem interesses pessoais. Ora, considero feito a mim o que fazeis para os homens. Foi isso que meu Filho deu a entender a Paulo que perseguia os cristãos, dizendo-lhe: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" (At 9,4); meu Filho considerava realizada contra mim a perseguição feita contra os cristãos.

Há de ser desinteressado o amor pelo próximo; deveis amá-lo com a mesma caridade que me amais. Sabeis como uma pessoa percebe que seu amor espiritual pelos outros é imperfeito? Se fica triste ao notar que aquele que é amado não corresponde com a mesma intensidade de amor, evita sua companhia, não procura agradar, demonstra maior atenção para com outros. Semelhante tristeza evidencia que a caridade por mim ainda é fraca; mostra que o cristão ainda está "bebendo" fora de mim, mesmo que seu amor provenha da minha caridade. Quando o amor para comigo é imperfeito, imperfeita se mostra a caridade para com o próximo espiritualmente amado. A razão de tudo é o egoísmo, cuja raiz ainda não foi arrancada. E eu permito essas coisas, para que o cristão reconheça sua imperfeição.

A ausência de consolações acontece para que o homem se feche na cela do autoconhecimento, lugar onde se adquire a perfeição. quando retorno com as consolações, darei maior luz e conhecimento da verdade, de modo que considerará como uma graça poder destruir o egoísmo; já não cessa de podar a vinha da própria alma, de arrancar os maus espinhos que são os maus pensamentos, de assentar as virtudes no sangue de Cristo, conforme as encontrou ao seguir as pegadas de sua ponte. Acima já ensinei (12.3), se bem recordas, que as pedras da ponte-mensagem de Cristo eram as suas virtudes, cimentadas com sangue, pois é do sangue que elas retiram a vida. Quando o homem penetra e caminha na mensagem de Cristo, passa a amar a virtude e a odiar o pecado com grande perseverança, separa-se inteiramente da mundanidade e fecha-se na cela do autoconhecimento.

Por que se fecha? Porque conhece a própria imperfeição; também pelo desejo de atingir o amor desinteressado e livre, pois sabe perfeitamente que não existe outro modo de consegui-

lo; desse modo espera com fé viva meu retorno com maior infusão de graça.

Em que consiste a fé viva? Consiste na prática perseverante das virtudes, em não voltar atrás por motivo algum, em não deixar a oração jamais - exceto por obediência ou caridade -, pois nenhuma outra razão existe. Digo isto porque muitas vezes, durante o tempo reservado à oração, o demônio se apresenta através de muitas tentações e dificuldades, mais do que acontece em outras ocasiões. Para que o orante sinta tédio na oração, sugere-lhe: "Tua súplica para nada serve, pois quando oras não deverias preocupar-te senão com aquilo que dizes". Sua intenção é cansar a pessoa, confundi-la e fazer com que abandone o exercício da oração. No entanto, a prece é a arma com que o homem se defende de todos os inimigos, se realizada com amor, espontaneidade e fé.

Filha querida, convence-te de que é na oração contínua, fiel e perseverante que todas as virtudes são adquiridas. Mas é preciso perseverar, nunca a deixar: nem por ilusão do diabo, nem por fraqueza pessoal, quais sejam os pensamentos e impulsos íntimos; nem por "conselhos" alheios. O demônio frequentemente se põe nos lábios das pessoas, levando-as a afirmativas que destroem a oração. Tudo isso há de ser vencido perseverantemente. Como é agradável ao orante e a mim a prece feita na cela do autoconhecimento. Ali o homem crê e ama na abundância do meu amor, que em meu Filho tornou-se visível e provada no sangue. Sangue que inebria a alma, reveste-a com chamas do amor divino, eucaristicamente a alimenta. Foi na despensa da hierarquia eclesiástica que eu guardei o corpo e sangue do meu Filho, perfeito homem e perfeito Deus, pois entreguei aos sacerdotes a chave do sangue a fim de que o distribuíssem. Já te falei sobre esta despensa (12.3), construída sobre a ponte-Cristo para alimentar e fortificar os viandantes e peregrinos que caminham segundo a mensagem de meu Filho, impedindo que morram de fome. Tal alimento fortifica de acordo com o amor de quem o recebe, seja sacramentalmente, seja espiritualmente.

Sacramentalmente, na comunhão eucarística; espiritualmente, ao se comungar pelo desejo da eucaristia ou meditando-se a paixão de Cristo crucificado. Esta última é uma comunhão de amor no sangue, que por amor foi derramado; nela a pessoa inebria-se, inflama-se, fica saciada no desejo santo, cheia de amor por mim e pelos homens. Mas, onde se alcança tudo isso? Na cela do autoconhecimento e na oração, quando o homem deixa de ser imperfeito, como aconteceu com os discípulos e Pedro ao atingirem a perfeição. Quais são os meios necessários? A perseverança e a fé.

Não creias que para alcançar tamanho fervor e tal alimento espiritual, baste a oração vocal. Muitos pensam que seja assim. Sua oração é constituída mais de palavras que de amor. Parece que a nada mais aspiram que recitar muitos salmos e pai-nossos! Quando atingem um determinado número, dão-se por satisfeitos. Para eles, a finalidade da oração está na recitação

verbal. Não haveria de ser assim. Nada praticando além disso, tais pessoas pouco aproveitam e pouco me agradam.

Dirás: "É preciso então abandonar tal oração, mesmo que nem todos pareçam atraídos pela oração mental?" Não, mas é preciso progredir. Sei que o homem, antes de chegar à perfeição é imperfeito. É normal que sua oração comece deficiente. Durante tal fase imperfeita, o orante deverá ocupar-se na prece vocal para não cair na inatividade. Mas, mesmo então, sua oração de palavras não deve ser feita sem a oração do espírito. Enquanto pronuncia as palavras, eleve seu pensamento até mim, considere seus defeitos em geral, medite sobre a paixão de meu Filho. No sangue de Cristo encontrará a plenitude do amor e a remissão dos pecados. Ao tomar consciência dos próprios defeitos, reconhecerá minha caridade e será ajudado a perseverar na oração.

18.3.2 - Desapego das consolações.

Deve o cristão entusiasmar-se varonilmente pela oração que é uma verdadeira mãe. Isto acontece quando ele se fecha na cela do autoconhecimento, depois de atingir o amor-amizade e o amor filial. Quem não percorre tais etapas, permanecerá sempre na tibieza e na imperfeição, amando a mim e ao próximo por interesses pessoais, na procura de consolações. Sobre tal amor imperfeito quero discorrer agora, sem ocultar-te uma ilusão decorrente desse apego às consolações.

Desejo que o saibas: o servidor que me ama na imperfeição procura mais as consolações sensíveis que a minha divindade. É a atitude da pessoa que se perturba quando desaparecem o prazer espiritual e a tranquilidade de vida. Muitos vivem virtuosamente quando estão na prosperidade; desorientam-se na prática da virtude se lhes mando alguma dificuldade. Quando alguém lhes pergunta: "Por que está perturbado?", respondem: "Porque estou em tal ou tal contrariedade; parece-me que estou perdendo o pouco de bem que faço. Já não tenho aquele entusiasmo e aquele amor de antes, por causa desta dificuldade. Acho que, na tranquilidade anterior, tirava mais proveito que agora."

Enganam-se tais pessoas relativamente àquela "tranquilidade anterior". Não é a contrariedade que lhes traz menor amor e menor dedicação. Em si mesmas, as ações possuem idêntico valor na aridez de espírito e no fervor. Aliás, com a aridez as ações podem até valer mais, se as pessoas tivessem paciência. Mas elas se perturbam, pelo fato que antes sentiam maior prazer. Na verdade, antes me amavam pouco e viviam com a consciência tranquila na prática de pequenas boas obras. Retirado o ponto de apoio, creem ter perdido o sossego do próprio agir.

Com tais pessoas acontece como ao jardineiro, satisfeito no seu trabalho por causa do prazer que sente. Labutar no jardim parece-lhe um descanso; estar no meio das flores, uma satisfação. De fato, ele se alegra mais com as flores do que com o trabalho. Se lhe retirarem as flores, o prazer acabará. Também aquelas pessoas! Se sua principal alegria se concentrasse na prática do bem, não cairiam na perturbação. Alegrar-se-iam até, pois quem realmente deseja uma coisa jamais poderá ser impedido de realizá-la; mesmo que a privem da satisfação que acompanha sua atividade, como no caso das flores. Enganam-se essas almas colocando o alicerce de suas atividades nas consolações, pois dizem: "Antes de entrar nesta aridez, eu agia melhor e com mais prazer; a prática do bem me ajudava. Agora já não me favorece, não sinto mais gosto".

É errado tal modo de pensar e falar. Nada diminuiria em tais almas, se elas se comprazessem no agir virtuosamente por causa da virtude em si, até cresceriam seus esforços. Na realidade agem por egoísmo e então tudo se acaba. Tal é o engano em que caem muitos na vida virtuosa, proveniente das consolações sensíveis.

Costumo recompensar toda boa ação e com maior ou menor liberalidade conforme a medida do amor de quem a pratica; por isso, concedo consolações espirituais aos meus servidores imperfeitos, durante a oração. Ajo de tal forma, não para que apreciem tais satisfações erroneamente, isto é, atribuindo maior valor ao dom que ao doador, que sou eu. Meu desejo é que tomem consciência do meu amor e da própria indignidade, deixando o prazer em segundo plano. O engano consistirá em agir diversamente.

18.3.2.1 - A rotina das consolações.

Um primeiro engano consiste na procura de determinada satisfação espiritual para nela se comprazer. Tendo-a experimentado antes, a pessoa começa a agir sempre do mesmo jeito para obter idêntico prazer. Na verdade, eu não sigo sempre as mesmas estradas, como se fosse coagido a dar consolações e gostos. Concedo-as diversificadamente segundo meu beneplácito e as necessidades humanas. Mas há gente sem discernimento, que continua a procurar a consolação naquele modo, com a pretensão de impor leis ao Espírito Santo. Atitude errada! Deveriam isto sim, caminhar varonilmente pela ponte-mensagem de Cristo crucificado, aguardando os dons na modalidade, tempo e lugar que eu quisesse enviar. Se nada concedo, faço tal coisa por amor, nunca por maldade. Quero que os homens me procurem por mim mesmo, não por motivo das consolações que propicio; quero que acolham humildemente meu amor sem pensar muito nas satisfações. A atitude contrária produz sofrimento e perturbação no momento em que faltar a consolação, objeto de tanta preocupação. Tais pessoas querem

conforto sob medida; tendo experimentado um prazer espiritual, pretendem repetir a mesma sensação. Alguns são de tal modo ignorantes que, se os visito de um modo diferente, recusam-me! Somente aceitam aquela modalidade costumeira. É um defeito inerente à própria paixão e defeito espiritual em si; é uma ilusão, pois como não pode alguém deter-se num único método, mas haverá de progredir na virtude ou voltar atrás, assim não pode o espírito fixar-se num determinado gozo espiritual por mim concedido, como se minha bondade não pudesse dar outro.

Concedo consolações de diversas maneiras: uma vez será contentamento; outra vez arrependimento que agita interiormente; vezes há que me torno presente na alma sem que ela o perceba, pois faço estar no espírito a pessoa de meu Filho em vários modos: ora sentirá na profundidade da alma grandíssimo prazer, ora nem o perceberá, como se poderia esperar. Realizo todas essas coisas por amor; quero que o homem progrida na humildade, na perseverança; quero ensinar-lhe a não ditar regras (ao Espírito Santo), a não considerar as consolações como uma finalidade. Quero que alicerce em mim sua virtude; que aceite os acontecimentos e meus dons com humildade. Quero que acreditem no seguinte: que concedo as consolações espirituais de acordo com as necessidades da sua santificação e aperfeiçoamento.

18.3.2.2 - O egoísmo espiritual.

Acabo de falar sobre o engano em que caem aqueles que desejam viver interiormente consolados com minha presença. Passo a ocupar-me de uma outra ilusão: a das pessoas que colocam toda sua satisfação na busca das consolações e não socorrem os outros em suas necessidades espirituais ou materiais sob pretexto de virtude. Dizem assim: "Quando vou ajudar os outros, não consigo rezar as preces de horário". Acreditam ofender-me quando não sentem consolação interior. Na realidade enganam-se quanto ao sossego do espírito e ofendem-me muito mais não socorrendo o próximo, de que se de fato perdessem a paz da alma.

É meu desejo que todas as orações, vocais ou mentais, levem a pessoa ao perfeito amor por mim e pelo próximo. Dessa maneira, peca mais quem se descuida do amor pelo outro a fim de orar, do que aquele que, por causa dos outros, deixa de orar. No próximo, o homem sempre me encontra; não, porém, na satisfação pessoal em que me procura. A ausência de ajuda ao irmão, ipso facto faz diminuir a caridade fraterna e o amor por mim. Querendo ganhar, a pessoa sai perdendo. Mas ao "perder", ganha, isto é: ao renunciar ao conforto espiritual no esforço de salvar o próximo, lucra em mim e no próximo; ao prestar serviço ao outro na

caridade, experimenta toda a doçura do meu amor. Pelo contrário, sai-se mal quando recusa auxiliar os demais. De fato, um dia ou outro terá que ajudá-lo, por amor ou por dever, seja nas enfermidades do corpo, seja do espírito. Então falo-á de má vontade, com tristeza íntima e remorso de consciência, tornando-se insuportável a si mesmo e aos demais. Em tal ocasião, se alguém lhe perguntar: "Por que estás tristonho?", responderá: "Porque perdi a paz e a tranquilidade de espírito; deixei de fazer muitos atos a que estava habituado e julgo que ofendi a Deus".

A realidade não é essa. Tal pessoa não sabe discernir onde se encontra realmente seu pecado, pois sua preocupação fixou-se na procura de consolações interiores. Oxalá entendesse que o pecado não está na privação do consolo espiritual, nem na ausência de oração quando alguém precisa de auxílio, mas na ausência de amor pelo outro, a quem é preciso ajudar por meu amor. Como vê, o engano consiste no egoísmo espiritual.

Outro tipo de egoísmo existe, semelhante, que pode causar prejuízos ainda maiores. Costumo dar a meus servidores gáudio espiritual e visões. Se alguém unicamente se preocupar na obtenção de tais favores, acabará por cair na amargura e no tédio no momento que notar sua ausência progressiva; cada vez que eu não o der, julgarão que perderam a graça. Já afirmei que costumo visitar e ausentar-me do homem no tocante às consolações - sem prejuízo do estado de graça - a fim de levar a pessoa à perfeição. Em tais circunstâncias, muitos mergulham na tristeza e sentem-se num inferno, porque não mais experimentam os prazeres da mente, substituídos pelo tormento das tentações.

Ninguém deveria ser tão ignorante assim, deixando-se ludibriar pelo egoísmo sem compreender a realidade. É preciso discernir quando estou presente, compreender que sou o sumo bem, aquele que dá a boa vontade no tempo das batalhas! Que não se fique correndo atrás de consolações! Humilhe-se o homem, considere-se indigno de viver no sossego e quietude de espírito. Aliás, é por isso que me afasto. Desejo que a pessoa seja humilde, que tenha consciência da minha caridade, que note a retidão interior que lhe concedo na hora da dificuldade. Quero que beba o leite espiritual não somente por borrifos na face da alma, mas sugando diretamente no coração do meu Filho. Juntamente com tal leite, quero que coma sua carne; que procure consolações no corpo do crucificado, vivendo sua mensagem, que transformei numa ponte que vos conduza até mim.

Eis as razões por que me afasto durante a aridez do espírito. Se os homens caminharem com prudência, não parando estupidamente na procura de consolações, retornarei depois com imensa delícia, força, luz, ardor de caridade. Os que sentirem rebeldia e tristeza pela ausência de consolações, pouco aproveitarão e continuarão em sua tibieza.

18.3.2.3 - O diabo em forma de luz.

Pode acontecer ainda que alguém caia num quarto engano, quando o demônio se apresenta em forma de luz. Costuma ele tentar os homens de acordo com as disposições espirituais que neles encontra. Por tal motivo, ninguém deve desejar satisfações e visões espirituais; aspire-se somente pela virtude. Na humildade, cada um se julgue indigno de tais coisas; se as receber, comporte-se segundo a caridade. O diabo é capaz de mostrar-se numa figura de luz, por vários modos, na alma de quem gulosamente sonha com visões. Uma vez toma a figura de um anjo, outras vezes a semelhança do meu Filho, outras ainda como se fosse um dos meus santos. Dessa maneira, ele usa o anzol do prazer espiritual para atrair a alma, para prendê-la em suas mãos. A única solução em tais casos, é a humildade, pois o diabo não tolera o homem humilde. Somente a humilde renúncia a qualquer satisfação pessoal evitará que o diabo retenha a alma. Assim mesmo, tal renúncia deve estar acompanhada do amor; não do amor pelo dom, mas pelo doador, que sou eu.

Se me perguntares: "Qual sinal que nos indica que a 'visita' é do diabo e não tua?", respondo: "Se for o demônio em forma de luz, sua presença inicialmente produzirá alegria, mas pouco a pouco ela irá desaparecendo, até transformar-se em tédio, trevas e remorso de consciência. Ao contrário, se for uma visita minha, no começo a pessoa sentirá temor, um temor santo que depois lhe dará alegria, segurança e uma feliz prudência que, refletindo, não duvida. Dir-se-á: "Não sou digno de receber tua visita; como pode ela acontecer?" e projeta-se na imensidade do meu amor, ciente do bem que lhe posso fazer. Não tomo em consideração a indignidade humana, mas a minha bondade. É esta que, pela graça e demais favores, torna o homem apto a receber-me. Não desprezo a afeição com que ele me invoca. Acolhendo-me, diz a alma: "Eis a tua serva; faça-se a tua vontade" (LC 1,38), e ao encerrar a oração em que a visitei, conservará alegria e júbilo espiritual; por humildade sentir-se-á indigna, mas com amor reconhecerá minha presença.

São esses os sinais que ocorre tomar em consideração para distinguir quem visita a alma, se sou eu ou se é o demônio. Na minha visita, o orante começa pelo temor, passando depois à alegria e ao desejo de operar o bem; sendo o demônio, o primeiro impulso será de alegria, mas virão depois perturbação interna e trevas. Quem desejar progredir no amor seja humilde, prudente, não se engane. Perde a rota quem prefere navegar seguindo o amor imperfeito das consolações, e não a minha caridade.

Julguei oportuno tratar de tais enganos, nos quais costumam cair os cristãos da "caridade comum" que vivem com pouco esforço em tempo de consolações, e falar do egoísmo espiritual dos meus servidores diante do prazer espiritual. Estes últimos, com muito amor-

próprio, às vezes se detêm na procura do prazer e não reconhecem seja minha caridade, seja onde estão seus pecados. Por fim, achei bom falar da ilusão do diabo, à qual se pode cair sob a responsabilidade do homem se ele não tiver discernimento. Ocupei-me de tais assuntos unicamente para que tu e meus servidores sejais virtuosos por causa do amor por mim. Estes ditos enganos acontecem com aqueles que me amam imperfeitamente, com aqueles que procuram o dom, não o doador. Quem vive na cela do autoconhecimento e se aplica a ir além do amor imperfeito, acolhe-me com carinho e suga em meu coração o doce alimento da mensagem de Cristo crucificado.

A alma que chegou ao terceiro estado - de amor-amizade e de amor filial - já não me ama interessadamente. Comporta-se como amigo íntimo. O amigo verdadeiro, ao receber um presente, olha primeiro para o coração e o amor do doador; depois examinará o objeto e o conservará como recordação. Esta é a atitude de quem chegou ao terceiro estado, o do amor perfeito; quando lhe concedo favores, não fica a pensar primeiro neles; seu pensamento se fixa na bondade do doador. Querendo evitar que os homens agissem diversamente, providenciei a identificação entre o dom e o doador, unindo a natureza divina com a humana e dando-vos meu Filho, o qual é uma só coisa comigo. Graças a tal união, não podeis deter-vos no dom sem ao mesmo tempo olhar para o doador, que sou eu.

Considera, pois, com que amor deveis desejar o dom e o doador. Fazendo assim, estareis no amor puro, desinteressado, não mercenário; estareis continuamente na cela do autoconhecimento.

18.4 - Os sinais da perfeição.

Até agora eu te fiz ver, por diversos modos, como a alma supera o amor imperfeito e qual é seu comportamento quando chega ao amor-amizade e filial. Afirmei, e torno a repetir, a maneira consiste na perseverança e no autoconhecimento. Esse conhecimento de si, porém, deve ser acompanhado pelo conhecimento da minha bondade, sob pena de cair na perturbação interior. O autoconhecimento produz certo desprezo pelo apetite sensível e pelas consolações; tal desprezo, alicerçado na humildade, gera a paciência; esta, por sua vez, fortifica o homem na luta contra o demônio, as perseguições humanas, e regula seu comportamento para comigo no momento em que eu retirar o fervor espiritual. Tudo isso é tolerado com paciência. Se a sensualidade quiser incomodar, revoltando-se contra a razão, então a consciência agirá como juiz e fará a racionalidade prevalecer, coibindo os impulsos errados. Infelizmente há pessoas que, ao dominar a sensualidade, exageram e são radicais,

tanto no que se refere aos impulsos maus como às inspirações mandadas por mim. Disto falava Gregório, meu servidor, dizendo: "A consciência delicada põe pecado onde ele não ocorre. Quem pretende vencer a imperfeição deverá agir da seguinte forma: sob a luz da fé, enclausura-se no conhecimento do próprio nada, imite os apóstolos que permaneceram no Cenáculo, perseverantes na oração humilde e contínua, até a vinda do Espírito Santo. Como já disse, o comportamento de quem supera o amor imperfeito é o seguinte: fecha-se em casa para dela sair na perfeição; ali permanece em vigília de oração, conservando o pensamento fixo na mensagem do meu Filho, examina-se orando e, com o desejo santo, humilha-se diante das obras que opero em sua pessoa.

18.4.1 - Efusão do Espírito Santo.

Resta-me falar sobre os sinais reveladores de que alguém atingiu o amor perfeito. Pois bem, o sinal é o mesmo que aconteceu aos apóstolos, após terem recebido o Espírito Santo: saíram do Cenáculo pregando a mensagem do meu Filho. Já não temiam os sofrimento, gloriavam-se até de padecer, não se preocupavam ao enfrentar os tiranos deste mundo, dizendo-lhes a verdade e promovendo a minha glória e louvor.

Quando uma pessoa entra para a vigília do autoconhecimento, segundo a maneira que expliquei, retorno a ela com a chama do meu amor. Durante essa amorosa vigília, ela adquire as virtudes na perseverança; participa do meu poder e domina a própria sensualidade; participa da sabedoria do Filho, que lhe permite conhecer a verdade, a falácia das consolações, a maldade enganadora do demônio. Tudo isto a faz superar a imperfeição e aderir ao amor perfeito, participando do próprio Espírito Santo, que é o Amor. Sua vontade é fortalecida para suportar os sofrimentos, com a coragem de sair de si mesma em meu nome e trabalhar em favor do próximo. No apostolado, tal pessoa não abandona a cela do autoconhecimento. Suas virtudes se exteriorizam por diversas formas, reversando-se sobre o próximo necessitado. O temor que retinha os imperfeitos, o medo de perder as consolações sensíveis desaparecem. Ao atingir o perfeito amor, o homem sai de si mesmo, abandona o próprio modo egoísta de viver.

Tal atividade faz passar ao quarto estado. Do terceiro estado - que é o perfeito e no qual a pessoa saboreia e pratica a caridade fraterna - passa ao último, o da perfeita união. Estes dois estados - o terceiro e o quarto - estão intimamente unidos entre si; um não existe sem o outro, tal como acontece com o amor pelo próximo e o amor por mim. É quanto vou demonstrar, falando do terceiro estado.

18.4.2 - Compreensão da caridade de Cristo.

Disse que o sinal de que alguém superou a imperfeição e atingiu o amor perfeito é a "saída de si mesmo". Presta atenção e considera como essas pessoas caminham rápidas pela ponte-mensagem de Cristo crucificado, que foi na terra vossa norma, caminho e verdade. Elas não me olham à maneira dos imperfeitos. Estes, como temem os sofrimentos, amam-me porque em mim não acham a dor. Na realidade não procuram a mim, mas querem as consolações que em mim encontram. Os perfeitos agem de outro modo; como que embriagados e inflamados de caridade, percorrem os três degraus, por mim simbolizados antes (16.1) nas três faculdades da alma, e que agora apresento na figura do corpo de Cristo crucificado: subiram aos pés de Cristo pelo duplo amor da alma e chegaram ao costado, onde descobrem o "segredo" do coração e o valor do batismo na água. Compreendem que este alcança seu valor no sangue de Cristo, pois pela graça batismal a alma fica unida e amalgamada no sangue.

Sim, é no costado de Cristo que o homem entende essa realidade: é aí que ele toma consciência da grandeza do amor divino. Se bem te lembras, foi quanto te mostrou certa vez, meu Filho Jesus. Tu lhe perguntaste: "O Cordeiro bondoso e imaculado, já estavas morto quando te abriram o costado. Por que razão quiseste que teu coração fosse ferido e aberto?" Ele respondeu:

"As razões são muitas. Vou dizer a principal. Meu amor pela humanidade é infinito, mas o sofrimento não o era. Desse modo, o padecimento corporal não era capaz de revelar meu amor sem medidas. Foi para que se manifestasse esse segredo do coração, que o costado foi aberto. Com isso, compreenderíeis mais de quanto dizia o conhecimento externo. Quando permiti que jorrasse sangue e água, fiz ver que o batismo na água recebe sua força na paixão. Existem dois modos de se "batizar" no sangue: o primeiro é o daqueles que derramam o seu sangue por mim; tal batismo vale, mesmo que não seja possível batizar-se na água. O segundo, é o batismo feito no fogo, pelo desejo não realizado de receber o batismo na água; também neste caso só se dá o batismo na virtude do sangue e do amor que se entrelaçam, pois o sangue foi derramado por amor. Um terceiro modo de batizar-se no sangue - mas em sentido figurado - foi providenciado pelo Pai, o qual reconhece a fraqueza humana. Costuma o homem cair em pecado mortal embora nenhuma força externa, graças à sua liberdade, o possa obrigar, incluindo a própria fraqueza. Pelo pecado mortal a pessoa perde a graça batismal; como remédio, o Pai deixou a penitência, que constitui um perene batismo no sangue. Ela é recebida mediante a contrição e confissão dos pecados aos ministros; possuindo a chave do sangue, eles, pela absolvição, o derramam na face da alma. Sendo impossível a confissão, basta a contrição interior, pois com ela o meu Espírito vos dá o perdão. Mas se a confissão for

possível, quero que a façais; não recebe perdão aquele que, podendo fazê-lo, não a procura. É verdade que poderá obter o perdão no último instante da vida aquele que desejar confessar e não o conseguir; mas ninguém será tão louco para confiar nessa possibilidade, deixando para resolver seus problemas na hora da morte. Ninguém pode ter a certeza de não cair na obstinação, de modo que por justiça eu lhe diga: "Não te lembraste de mim durante a vida, no tempo oportuno; também eu não me recordo de ti na hora da morte". Portanto, não se deve deixar para depois. E se algum de vós retardou (a penitência) por imperfeição, não deixe tal batismo para o derradeiro momento. Como vês, a penitência é um "batismo" perene. Nele o homem deve ir se batizando até o fim da vida. A confissão manifesta como a minha morte na cruz foi um ato finito, mas com efeitos infinitos para vós. Qual Verbo encarnado, eu suportei o sofrimento; pela união das duas naturezas, a divindade eterna assumiu tudo o que padeci com imenso amor. Neste sentido, pode-se afirmar que minha dor foi infinita, embora não tenham sido assim a dor corporal e a pena do desejo que eu tinha de remir o mundo, pois cessaram com a morte. Quanto ao perdão, fruto daquele sofrimento, foi infinito, como tal o recebeis. Em caso contrário, a humanidade presente, a passada e a futura ainda estariam no seu pecado, e pecador algum receberia o perdão. Eis quanto eu manifestei na chaga do meu peito, no momento em que compreendeste o segredo do meu coração. Fiz ver que meu amor por vós é mais profundo de quanto possa indicar a dor passageira. Aliás, a minha misericórdia continua a revelar-se através da confissão, este "batismo" no sangue que deveis receber com amor, visto que por amor foi versado. O mesmo acontece com o batismo da água, oferecido a quantos o querem ter, pois a água está unida ao sangue e ao fogo do amor. Por ocasião do batismo de água, a alma reveste-se de sangue; é o que fazem ver o sangue e a água que escorreram do costado aberto".

18.4.3 - Impulso ao apostolado na paciência.

Com tais expressões atendi ao teu pedido (ver 15). O que acabo de dizer foi uma resposta que meu Filho te deu e eu falei na sua pessoa, para compreenderes a dignidade do homem que atinge o segundo degrau - o coração de Cristo - nele adquirindo imenso amor. Tal pessoa passa imediatamente ao terceiro degrau - a boca do Crucificado. Como o faz? Pelo coração! Ela pensa na paixão de Cristo e rebatiza-se no sangue; supera a imperfeição do amor pela caridade cordial; compreende, saboreia, experimenta a chama da minha caridade. Ao atingir a boca de Cristo, tais pessoas revelam-no exercendo a função própria da boca. Vejamos.

A boca fala, saboreia os alimentos, abastece o estômago, tritura com os dentes antes de deglutir. O mesmo acontece com o homem perfeito. Ele fala comigo pelo desejo santo, o qual

constitui uma contínua oração. Em sua "fala" espiritual, apresenta-me amorosos anseios pela salvação dos homens; com o uso da palavra anuncia a mensagem do meu Filho, dá conselhos, professa a fé sem medo algum de perseguições, testemunha a todos conforme a condição de cada um. Tal pessoa conquista muitas almas na mesa da santa cruz, após ter superado todas as dificuldades com as armas do desejo santo, que são o desapego de si mesma e o amor pelo bem. Ela vence todas as contrariedades, isto é, as caçadas, as traições, os aborrecimentos, as acusações falsas, as perseguições; passa fome e sede, frio e calor; terríveis ansiedades, lágrimas e suor - tudo isso pela salvação dos homens. Tais sofrimentos são superados no intuito de louvar-me e sem revoltar-se contra os responsáveis. Após ter triunfado sobre tais contrariedades, o cristão perfeito saboreia os frutos dos seus cansaços, sente o prazer de ter salvado pessoas, goza a felicidade de amar-me e de amar os outros. Assim tudo isso chega ao seu coração, já bem disposto pelo desejo santo. Com amor cordial, a pessoa se alegra e interiormente "rumina" com prazer, esquecida das exigências da vida corporal, toda presa à mensagem de Cristo crucificado. Por fim, o homem perfeito se enriquece pela abundância do alimento, rompe a veste da sensualidade, que é o corpo, o qual envolve a alma, e a destrói. Morre, assim, a "vontade" sensível, morre, porque a vontade ordenada está viva em mim. É o que acontece com o homem que atinge o terceiro degrau atual, a boca do Crucificado. Sinal de que se chegou a esse ponto é o seguinte: ao ter a experiência da minha caridade, desaparece a vontade própria e a pessoa goza de paz e tranquilidade interior. Imensa é a paz adquirida neste terceiro degrau atual; realmente é na boca que se dá a paz. Uma paz tão grande, que nenhum acontecimento a consegue perturbar. A vontade própria afogou-se, morreu; ficam a paz e a quietude. Quem chega a este degrau não sente dificuldades no praticar o bem ao próximo. Continuam dolorosos os seu sofrimentos, mas já não atingem a vontade própria, que morreu. De boa mente suporta dificuldades por minha causa, vive a mensagem de Cristo crucificado, não desanima diante de injúrias, perseguições ou atrativos do mundo. Tudo vence com fortaleza e perseverança; conforma-se à minha vontade, vive de trabalhar pelos outros. Sim, a paciência é o sinal definitivo de que alguém me ama com perfeição, desinteressadamente. Os perfeitos são pacientes, fortes na luta e perseverantes, pois me amam enquanto suma bondade, digna de amor, e amam a si mesmos e ao próximo por minha causa.

Paciência, fortaleza, perseverança - eis as três virtudes, alicerçadas na caridade e iluminadas pela fé, que fazem o homem andar na verdade, sem trevas. O desejo santo eleva os perfeitos; já ninguém os consegue destruir: nem o demônio com suas tentações, nem os homens com seus ataques. O mundo, ao persegui-los, na realidade os teme. Os perfeitos tornaram-se pequeninos pela humildade; costume permitir dificuldades para fortalecê-los e engrandecê-los

diante de mim e do mundo. Podes comprová-lo em meus santos: como se fizeram pequeninos por minha causa, eu os engrandeci em mim e na Igreja, sendo seus nomes sempre lembrados; escrevi seus nomes no livro da vida; respeita-os o próprio mundo, por eles deixado.

O homem que se acha no terceiro degrau atual oculta por humildade, não por temor, as suas virtudes. Se alguém precisa de seus serviços, não se omite por medo de sofrimentos ou temor de deixar as consolações do espírito; ao contrário, serve aos outros, despreocupado de si mesmo. Quaisquer que sejam as condições de vida, tudo faz para me louvar, sempre alegre, na paz, na quietude de espírito. Qual a explicação? É porque não escolhe modalidades para me servir; serve-me na maneira que eu quero. Tanto lhe vale o tempo do fervor como o da aridez, tanto o momento da contrariedade como o das consolações. Para ele, tanto faz; em tudo só vê a minha vontade. Só deseja conformar-se comigo e em tudo encontra meu beneplácito.

O homem perfeito sabe que nada acontece sem eu querer, sem o mistério, sem minha providência. Menos o pecado, que é uma negação. Odeia, então, o pecado e respeita todo o resto. É firme, seguro em sua decisão de caminhar no caminho da verdade. Serve com fidelidade ao próximo, pouco lhe importando a ignorância e ingratidão alheias. Quando um maldoso o injúria e acusa por seu comportamento, logo se dirige a mim, orando por aquela pessoa. Fica mais ofendido porque a pessoa me ofende e se prejudica, do que pela injúria pessoal. Afirmo, com o meu glorioso apóstolo Paulo: "O mundo nos amaldiçoa e nós bendizemos; nos persegue e nós agradecemos; expulsa-nos como lixo e escória do mundo, e nós com paciência suportamos" (1Cor 4,13).

Minha filha, são esses os sinais - sobretudo a paciência - que provam que uma pessoa superou o amor imperfeito e alcançou o perfeito, nas pegadas de meu Filho. Quando meu Filho estava retido na cruz pelos cravos do amor, os judeus lhe diziam: "Desce da cruz e acreditaremos em ti" (Mt 27,40-42), mas ele não cedeu; nem desanima agora pela vossa ingratidão. Cristo perseverou na obediência que lhe fora pedida; sua paciência foi tão grande, que nenhuma murmuração encontramos em suas palavras. Semelhante é o comportamento dos meus queridos filhos, os servidores fiéis, que vivem os ensinamentos e os exemplos de Jesus. Se o mundo procura dissuadi-los com atrativos ou ameaças, não recuam. Apenas querem atingir a meta, a minha verdade! Jamais abandonam o campo de trabalho para voltar à casa em busca da roupa (Mt 24,18), as roupas abandonadas anteriormente, mais própria para agradar às criaturas, que ao criados. Alegrem-se permanecendo no campo da luta, inebriados no sangue de Cristo crucificado.

Foi meu amor que conservou este sangue na despensa jerárquica da santa Igreja, para animar quem deseja ser soldado destemido no combate contra a própria sensualidade, a carne, o mundo, o demônio. Armas dessa luta são o ódio por esses inimigos e o amor pela virtude. Tal

amor servirá de escudo diante dos golpes. Por sua liberdade, o homem pode despojar-se dessas armas ofensivas e defensivas, caindo nas mãos inimigas por rendição voluntária. Inebriados no sangue, os perfeitos não agem assim; perseveram até o dia da morte, até que todos os seus inimigos sejam derrotados.

Ó paciência, virtude gloriosa, como és agradável! Como brilhas ante os olhos assombrados daqueles que desejam impedir que meus servidores participem da cruz. Qual resposta ao ódio deles, resplandece o amor de meus servidores que lutam por salvá-los. Em oposição à sua inveja, reluz a mansidão; diante das injúrias, a paciência impera como rainha. Ela é a medula do amor e domina sobre as demais virtudes. A paciência revela as virtudes do homem, pois mostra que elas se acham alicerçadas em mim, verdade eterna. A paciência sempre vence, jamais é vencida. Como ficou dito acima, ela subsiste ao lado da fortaleza e da perseverança, voltando para casa sempre vencedora! É assim que os perfeitos retornam a mim, Pai eterno, remunerador de todos os cansaços, quando regressam do campo da luta para receber a coroa da glória.

18.5 - Os perfeitíssimos.

Gostaria de falar-te agora do grande prazer que experimentam em mim tais pessoas, mesmo estando no corpo mortal. Ao chegar ao terceiro estado, como expliquei (18.4.1), nele alcançam o quarto. Não se trata de um estado distinto do terceiro, pois ambos são conexos; um não existe sem o outro, como acontece no amor por mim e pelo próximo. O quarto estado é mais uma consequência do terceiro, uma perfeita união comigo.

18.5.1 - Sua humildade.

Nesta união, o homem recebe um vigor extraordinário; não apenas sofre com paciência, mas deseja ardentemente padecer por minha glória e louvor. No quarto estado, ele se gloria nos sofrimentos de Cristo, à semelhança do glorioso apóstolo Paulo, que afirmava: "Eu me comprazo nas fraquezas e opróbrios de Cristo crucificado" (I Cor 12,10). E em outra passagem: "Trago em meu corpo os estigmas de Cristo crucificado" (Gl 6,17). Apaixonados por mim e sedentos da salvação dos homens, estes perfeitíssimos procuram a cruz, aspiram por sofrer muito para serem úteis aos outros. Tendo no corpo os estigmas de Cristo, anseiam por adquirir e conservar as virtudes. Em outras palavras: em seus olhos brilha o amor pelo sofrimento e por causa dele desprezam a si mesmos; alegram-se nas dificuldades; suportam varonilmente as contradições, seja qual for sua origem e modalidade. Para estes filhos queridos, a dor muda

em prazer e os prazeres mundanos em cansaço. Por humildade e desapego, pouco valor atribuem em seus corações às satisfações da vida, quando sucede que os servidores do mundo - obrigados por mim - os respeitam e socorrem nas necessidades pessoais. Nem mesmo se apegam às consolações espirituais dadas por mim; por certo, não desprezam a graça e demais favores meus, mas sim o prazer que trazem. Tudo isto, como efeito da verdadeira humildade! Esta virtude origina-se do desapego de si mesmo e alimenta a caridade; supõe o autoconhecimento e o conhecimento do meu ser. Nos perfeitíssimos reluzem, pois, as virtudes e os estigmas de Cristo.

18.5.2 - Sua contínua união com Deus.

Destes perfeitíssimos não retiro as consolações espirituais, como fazia quando eram imperfeitos. Então, deixava neles a graça e retirava o prazer sensível. Agora, não ajo assim. Já tingiram grande perfeição, morreram inteiramente para si mesmos. Conservam sempre a graça com toda satisfação do espírito. Todas as vezes que desejam unir-se espiritualmente a mim, podem fazê-lo. Suas vontades se encontram num altíssimo grau de união com a minha; nada as consegue separar. Todo lugar é lugar, todo tempo é tempo de oração. Seu modo de viver desprende-se da terra, encontra-se no céu. Afastaram de si as afeições mundanas, bem como o amor sensível; galgaram as alturas na escada das virtudes, por aqueles degraus que figurei o corpo do meu Filho (12.1). No primeiro degrau, eles se libertaram do pecado; no segundo, saborearam o amor cordial, secreto, pelo bem; no terceiro, que é o degrau da paz e quietude do espírito, atingiram o perfeito amor. Neste último, repousam em minha verdade, descobrindo a mesa, o alimento e o servidor na mensagem de Cristo crucificado.

Eu sou a mesa. O Verbo encarnado é o alimento; seja porque nele esses meus filhos perfeitíssimos têm sede de almas, seja porque ele lhes foi dado como sustento. Em seu corpo e sangue, no sacramento eucarístico, recebe-se o perfeito Deus e o perfeito homem. Eu o dei para que vós, peregrinos e viandantes, não pareis de caminhar por fome, nem vos esqueçais do valor do sangue, derramado em vosso favor com imenso amor. Dei-o assim para que sejais fortes e vossa caminhada seja feliz. Servidor é o Espírito Santo, que concede aos perfeitíssimos favores e graça. Este amável servidor traz e leva; traz até mim os amorosos anseios e leva até eles o fruto do meu amor e de seus esforços, no qual se alimentam. Como vês, sou a mesa, meu Filho é o Alimento, o Espírito Santo que de nós procede é o servidor.

18.5.3 - São sofredores e felizes.

Os perfeitíssimos sentem-me continuamente presente em seus espíritos; quanto mais desapegados forem da satisfação pessoal e quanto mais amarem o sofrimento, menos dor e mais contentamento receberão. Por que motivo? Porque, consumidos no meu amor, destruíram a vontade própria. O demônio teme sua força, ataca-os de longe, sem ousar aproximar-se. Os homens podem ferir-lhes o corpo; julgam prejudicá-los, mas terminam por prejudicarem-se. As flechas, não encontrando por onde penetrar, retornam contra quem as desferiu. Isto acontece na sociedade humana, nas perseguições e maledicências; procura-se fazer o mal aos meus servidores, mas não se consegue. O interior de suas almas está protegido; os dardos, envenenados de culpa, voltam-se contra seus atiradores. Fere-se o corpo, não a alma, protegida por todos os lados, invulnerável.

O servidor perseguido sofre, mas é feliz. Sofre pela culpa do ofensor; é feliz pela união amorosa que mantém comigo. Ele imita o imaculado Cordeiro; ao ser crucificado, ele padecia e era feliz. Sofria ao carregar e suportar a cruz da dor e a cruz do desejo santo, querendo satisfazer pelos homens; era feliz, no sentido que a natureza divina não podia sofrer e tornava bem-aventurada a alma de Cristo, que contemplava sem véus. Sofredor e feliz, porque o corpo sofria, mas a divindade e seu espírito, não. A mesma coisa acontece com estes meus diletos filhos, ao atingir o o terceiro e quarto estado. Padecem fisicamente e no espírito, por tolerar dificuldades corporais de um lado, e a cruz do desejo do outro. A cruz do desejo é a dor cruciante causadas pelas ofensas cometidas contra mim e pela condenação eterna dos homens. Mas são felizes por ser impossível arrebatá-los o dom da caridade, verdadeira fonte de alegria e felicidade. Sua dor não é aflitiva, mas nutritiva, no sentido que alimenta a alma no amor. É dor que produz aumento e fortalecimento das virtudes.

Disse que se trata de dor "nutritiva", não "aflitiva". Realmente, já mais nada consegue afastar o servidor da fornalha, como acontece com as brasas incandescentes. É coisa impossível tocar num braseiro vivo. Assim estes filhos! Atirados na fornalha do meu amor, deles nada fica de fora: nenhum desejo. Tudo se inflama. Ninguém os conseguirá tocar, sem distanciar-se de minha graça. Tornaram-se uma só coisa comigo. Eu mesmo, já não me afasto deles pela aridez; fico continuamente presente em seus espíritos. Nos imperfeitos, vou e volto, como já disse (18.1.2), retirando as consolações sensíveis. Faço isso para aperfeiçoá-los. Mas quando chegam à perfeição, paro com esse jogo de amor, esse ir e voltar. Chamo-o "jogo de amor", porque é por amor que retiro as consolações e as dou de novo. Na realidade, não que eu me retire e retorne, pois sou imutável; o que vai e volta é a percepção do prazer que meu amor causa na alma.

18.5.4 - A união extática.

Afirmar que os perfeitíssimos jamais perdem o consolo da minha presença. Afasto-me deles, porém, num outro sentido. Dado que a alma, ainda unida ao corpo, não consegue suportar continuamente a união comigo, afasto-me dos perfeitíssimos quanto a tal união, embora permaneça neles pela graça e pelas consolações do espírito. Impulsionado por grandes desejos de amar, o perfeitíssimo pratica as virtudes e caminha célere na mensagem de Cristo crucificado; elevando-se espiritualmente, atinge na caminhada da ponte aquela porta que é Jesus; inebria-se no sangue, arde no fogo da caridade, experimenta a minha própria divindade. Nesse oceano de paz realiza a união. Já não faz nenhum movimento fora de mim. Morando entre mortais, goza da felicidade dos bem-aventurados; no corpo, adquire a leveza dos espíritos angélicos. Frequentemente o corpo se eleva do chão pela força da união; torna-se leve. Seu peso natural permanece, mas a união da alma comigo fica mais profunda do que com o próprio corpo. Dessa forma, a força do espírito humano, unido a mim, eleva o corpo do chão. Fica imóvel, inteiramente arrebatado no anseio da alma. Algumas vezes chega-se a tal ponto - conforme algumas pessoas o disseram - que o corpo morreria, se não lhes fosse dadas forças para sobreviver. Afirmo-te mesmo que o fato de a pessoa não morrer em tal união é um milagre maior do que ressuscitar um morto!

Costumo fazer cessar durante algum tempo esse estado de união. A alma como que retorna ao corpo e este readquire suas sensações. Na realidade, a alma não estivera fora do corpo; a separação acontece unicamente por ocasião da morte. Foram as faculdades que ficaram alienadas devido ao ímpeto do amor: a memória de tudo se esquecera, menos de mim; a inteligência ganhara novas alturas na meditação sobre a minha divindade; a vontade, nas pegadas da inteligência, unira-se ao objeto da inteligência. Durante a união extática, as faculdades fundem-se, imergem-se, inflamam-se em mim, enquanto o corpo perde as sensações. Vendo, a pessoa (no êxtase) nada enxerga; ouvindo, nada escuta; falando, nada diz. A não ser que alguma vez eu permita que fale da abundância do coração, para desafogar-se e glorificar o meu nome. Tocando, a mão não sente; movendo-se, os pés não caminham. Todos os membros ficam como que ligados pela corrente do amor; tal situação dos sentidos é submetida à razão, que os congrega no amor do espírito. Contrariando a própria tendência natural, os perfeitíssimos clamam diante de mim que os leve, que separe a alma do corpo. Dizem como São Paulo: "Infeliz de mim! Quem me afastará deste corpo? Tenho em mim uma lei perversa que combate contra o espírito" (Rm 7,24.23).

Com tais palavras, Paulo não se referia propriamente a uma oposição entre a sensibilidade e o espírito, pois eu o tranquilizara, afirmando-lhe: "Paulo, basta-te a minha graça"(1Cor 12,9). Por que falava daquele modo, então? Por sentir-se retido no corpo, impedido de ter a minha visão

até à morte. Seu olhar estava cerceado, impossibilitado de ver a Trindade eterna, na visão dos bem-aventurados, que me glorificam continuamente. Via-se, Paulo, entre os mortais que me ofendem, impedido de contemplar a minha essência.

Realmente Paulo e todos os demais servidores meus vêem-me e experimentam-me no amor da caridade. Isto lhes acontece de diversos modos, conforme o quero. Não vêem, porém, a minha essência. Todo conhecimento concedido durante esta vida mortal não passa de escuridão, comparado com a visão da alma separada do corpo. Esta a razão por que Paulo afirmava que a carne combate a visão do espírito. Queria ele dizer que a lentidão dos sentidos impede minha visão face a face. Parecia-lhe que a vontade não consegue amar quanto deseja, uma vez que todo amor é imperfeito antes de atingir sua plenitude.

O que foi dito, não significa que se trate de um amor imperfeito quanto à graça e à perfeição da caridade, seja em Paulo como nos meus servidores. Sob tal ponto de vista era um amor perfeito, faltando apenas a saciedade total do céu. Eis o motivo da sua insatisfação. Não sofreria Paulo, se os seus desejos estivessem saciados. Enquanto se acha no corpo, o amor humano não possui inteiramente o objeto amado; por isso, sofre. Quando a alma se separa do corpo, seus desejos se cumprem e o sofrimento cessa. Sim, separada do corpo, a alma sentir-se-á realizada e sem fastio; continuará desejando, sem padecer falta alguma. Então, estará repleta de minha verdade, possuirá quanto deseja: querendo ver-me, terá a visão da minha face; querendo contemplar a minha glória nos anjos e santos, ser-lhe-á mostrada. Terá um conhecimento perfeitíssimo, seja da minha glória nos bem-aventurados, seja em todas as criaturas da terra, pois todos os homens, queiram ou não, rendem-me glória.

A humanidade não me glorifica como deve, não me dedica um amor superior a todo outro amor. Assim mesmo, dela retiro o louvor que me é devido. Refulge nos homens minha misericórdia e minha caridade, pois sou paciente, concedo-lhes tempo de viver, não ordeno à terra que os devore quando pecadores. Pelo contrário, contemporizo, faço o solo produzir frutos, o sol iluminar e aquecer, o firmamento girar. Sou misericordioso para com todos os seres criados para o homem. Condenando o pecado, não privo os homens dos bens criados; concedo-os ao justo e ao pecador. Algumas vezes, dou-os mais a pecador e privo o justo de bens materiais se o considero preparado para isso, na intenção de dar-lhe mais abundantemente os bens do céu.

O amor misericordioso refulge nos meus servidores na hora das perseguições contra eles movidas pelos seguidores do mundo. Tais perseguições são oportunidades para que demonstrem amor e paciência. Ao sofrer, eles me louvam com orações contínuas e humildes; dessa forma, até os perseguidores, mesmo sem querer, rendem-me glória. Nesta vida, os maus fazem crescer a virtude dos bons. Assim como os demônios, no inferno, atuam minha ação

justiceira sobre os condenados, os perseguidores deste mundo promovem os bons. Também os demônios o fazem mediante lutas e tentações; ao induzir os mesmos a se ofenderem, a furtarem-se uns aos outros, os demônios pretendem levá-los ao pecado, sobretudo privá-los da caridade. Mas acabam por fortalecer meus servidores, pondo à prova sua paciência, fortaleza e perseverança. Desse modo, até os demônios me glorificam, realizando quanto eu planejava. Criei-os para que me louvassem, para que participassem de meu esplendor. Cheios de orgulho, rebelaram-se e decaíram, foram privados da minha visão. Já que não me dão glória pelo amor, aproveito-os como instrumentos para exercitar meus filhos na prática das virtudes; também como promotores da minha justiça no inferno; e ainda entre os que passam pelas penas do purgatório. Glorificam-me, não como cidadãos do céu - privados que estão da vida eterna - mas como executores da justiça junto aos condenados no inferno e aos que estão no purgatório.

Uma vez separada do corpo, a alma humana compreende que todos, mesmo os demônios, me louvam; ao atingir a meta final, vê claramente e entende toda a verdade. Ao ver-me, ama-me, e tal amor lhe dá a plenitude da verdade. Sua vontade une-se à minha e assim não mais padecerá. Já atingiu tudo quanto desejava. Como afirmei acima, a alma separada do corpo vê minha glória nos bem-aventurados, em todos os seres, mesmo nos demônios. Já não lhe produzem sofrimento as ofensas que se cometem contra mim e que antes lhe causavam tristeza. Sente, todavia, compaixão pelos pecadores; ama-os; intercede por eles. Cessou a dor, não o amor. Foi o que se deu com meu Filho quando estava pregado na cruz; com a horrível morte, cessou a dor causada pelo seu ardente desejo de salvar a humanidade. Esse desejo santo acompanhara meu Filho desde a encarnação até o último suspiro. Ao acabar a dor, o desejo santo continuou. Se com a morte de Jesus tivesse cessado o amor que revelei por vós em Cristo, nem existiríeis mais. Fostes criados num ato de amor; se tal amor acabasse, se eu não quisesse mais vossa existência, cairíeis no nada. Meu amor vos criou e vos conserva. Meu Filho e eu somos um. Na sua morte cessou a dor, não o amor por vós. Da mesma forma os bem-aventurados continuam a ter o desejo da salvação da humanidade, mas sem sofrimento. Tendo acabado a dor no instante de sua morte, continuam a amar; inebriados no sangue do Cordeiro imaculado, revestidos de amor pelo próximo, já passaram pela porta estreita; mergulhados no sangue de Cristo, imergiram-se em mim, oceano de paz; libertados da imperfeição insatisfeita, tornaram-se perfeitos na saciedade de todos os bens.

18.5.5 - O exemplo de Paulo.

Quando elevei Paulo ao terceiro céu nas profundezas da Trindade (2Cor 12,2-4), ele teve a

experiência do meu poder, recebeu a plenitude do Espírito Santo e apreendeu a mensagem do Verbo encarnado. Como acontece com os bem-aventurados, sua alma uniu-se intimamente a mim. Mas continuava no corpo. Quis fazer dele um vaso de eleição no abismo da Trindade (At 9,15). Como não mais poderia padecer se fosse revestido da minha paternidade, despojei-o de mim mesmo e pus diante do seu espírito o meu Filho crucificado; infundi nele sua mensagem, acorrentei-o no fogo da caridade mediante a clemência do Espírito Santo. Qual vaso reformado, Paulo não opôs resistência ao ser ferido na estrada de Damasco. Apenas perguntou: "Senhor meu, que desejas que eu faça? Haveréi de realizar teu desejo" (At 22,10). Respondi colocando Jesus crucificado diante dos seus olhos e revelando-lhe sua mensagem. Iluminado, arrependido e repleto de amor, ele desprezou seus pecados e assumiu a mensagem de Cristo crucificado. De tal forma a estreitou a si que, como ele mesmo diria mais tarde, dela ninguém o separaria: nem a tentação, nem os demônios, nem o agulhão na carne, para que progredisse na graça e no merecimento. Como havia experimentado a profundidade da Trindade, ocorria humilha-lo. Assim dificuldade ou acontecimento algum o conseguiam demover de Cristo e sua mensagem; pelo contrário, mais o aproximavam. E Paulo, de tal modo os abraçara, que lhes deu sua vida e, revestido de Cristo, retornou a mim, Pai eterno. Foi desse modo que Paulo fez sua experiência de união no amor, sem a separação da alma com o corpo. Ao voltar a si (do êxtase), revestido de Cristo crucificado, sentia-se imperfeito, comparando com a caridade que vislumbrava em mim e nos santos do céu. Parecia-lhe que o peso do corpo impedia a perfeição do amor e a realização dos desejos próprios do além-morte. Sua memória era débil e incapaz de acolher e recordar naquele grau que acontece aos santos. Vivendo no corpo, sentia a lei perversa que lutava contra o espírito; tal combate não o levava ao pecado, como expliquei naquelas palavras: "Paulo, basta-te a minha graça", mas impedia a suma perfeição de ver a minha essência. Por isso ele exclamava: "Infeliz de mim, quem me livrará deste corpo? Trago nos ombros uma lei perversa, que luta contra o espírito". E tinha razão! Devido à imperfeição do corpo, a memória fica diminuída, a inteligência não consegue ver minha essência, a vontade permanece retida sem experimentar-me - Deus eterno que sou - isenta de dor. Falava com exatidão Paulo ao afirmar que existe no corpo uma lei perversa a lutar contra o espírito. Aliás, essa é a mesma razão por que meus servidores do terceiro e quarto estado, perfeitamente unidos a mim, também clamam desejando libertar-se do corpo.

18.5.6 - O desejo da morte.

Os perfeitíssimos não temem a morte; até a desejam. Desprezam o próprio corpo, fazem-lhe

guerra, renunciam ao natural cuidado com ele; têm pouco amor à vida física e muito amor por mim. Eles suspiram pela morte, dizendo: "Quem me separará deste corpo (Rm 7,24)? "Desejo partir e ir estar com Cristo" (Fl 1,23). Ou então: "A morte é minha aspiração e, a vida, eu a suporto com paciência" (Fl 1,21; Rm 8,23). Sublimada na união, a alma deseja ver-me e glorificar-me. Quando volta a si, readquirindo suas sensações, fica impaciente fora do êxtase, distante da convivência com os santos que me glorificam, em meio a pecadores que tanto me ofendem. A pessoa retorna às sensações corporais, porque antes elas haviam sido arrebatadas no ímpeto do amor, quando o espírito se vê mais unido a mim que ao corpo. Disse que o corpo não aguenta uma união extática contínua. Por esta razão afasto-me da pessoa. Ela não perde a graça; continua a sentir as consolações sensíveis e espirituais, o que não acontecia no segundo e terceiro estados. Agora retiro-me somente quanto à união; mas volto depois com maior intensidade de graça e união, com maior conhecimento da minha verdade, que se revela à pessoa. É justamente quando me afasto para que o corpo volte ao seu normal, que o perfeito sentirá a impaciência. Ao ver os pecados que me ofendem, sua dor é cruel. Por tal motivo e pelo desejo de rever-me, a vida lhe parece insuportável. Mas como sua vontade se identificou com a minha, conforma-se ao que desejo. Embora suspirando por mim, permanece no corpo ao mesmo tempo alegre e sofredor, porque tal é a minha vontade. Tudo aceita por minha glória e pela salvação dos homens.

Com tal modo de se comportar, em nada se afasta de mim. Inflamados de amor, transformados em Cristo crucificado, correm céleres pela porta-mensagem do meu Filho, alegres nos sofrimento e dificuldades. Equilibram-se neles a alegria e a dor: tanto se rejubilam quanto sofrem! A presença de grandes lutas constitui até um lenitivo para o desejo de morrer. Realmente, muitas vezes a vontade de sofrer mitiga a dor proveniente da espera da morte. Estes, que estão no quarto estado, além de tolerar os sofrimentos com paciência - como ocorria no terceiro estado - alegram-se nas contradições. Se sofrem, ficam contentes; se não sofrem, ficam tristes. Neste último caso, temem que eu os esteja recompensando nesta vida por suas boas obras ou que não me seja agradável o ímpeto de seus desejos. Rejubilam-se quando permito grandes dificuldades, pois acreditam-se participantes dos sofrimentos de Cristo. Caso lhes fosse permitido praticar as virtudes na tranquilidade, não o aceitariam; acham melhor alegrar-se na cruz com Cristo, adquirir as virtudes na luta, do que alcançar o céu por outras formas. Por que razão? Por que se afogaram no sangue e nele acharam o amor, essa chama que procede mim e que arrebatava o coração e espírito no sacrifício dos desejos. Eleva-se a inteligência na contemplação da minha divindade, a vontade a segue, alimenta-se de mim, une-se a mim. É o conhecimento infuso, que concedo àqueles que realmente me amam e servem.

18.5.7 - O conhecimento infuso.

Foi com essa iluminação que Tomás 85 adquiriu grande sabedoria. iluminados por meu Filho, Agostinho, Jerônimo e outros santos doutores compreenderam a verdade nas trevas. Naqueles tempos a Escritura parecia obscurecida; não por deficiência sua, mas pela incapacidade dos leitores, que não a compreendiam. Então eu os enviei como lâmpadas para iluminar os homens de vista curta e inteligência fraca. Nas trevas, eles aplicaram suas inteligências na procura da minha verdade. Vendo seus esforços, eu iluminei-os com a luz sobrenatural e eles compreenderam. O que parecia obscuro, tornou-se claro para todos, cultos e incultos. Cada pessoa recebe tal luz conforme suas aptidões e disposições. Respeito as pessoas. Como acréscimo à luz da razão, a inteligência é iluminada por uma luz infusa, proveniente da graça. Foi com essa segunda luz infusa e sobrenatural que os doutores da Igreja e demais santos conheceram a verdade, transformando a escuridão em claridade.

Como a inteligência é anterior à Escritura, é dela que provém a sabedoria necessária para sua compreensão. Foi tal modo que os santos profetas entenderam e falaram sobre a encarnação e morte de meu Filho; que os apóstolos foram sobrenaturalmente iluminados com a vinda do Espírito Santo em pentecostes; que os evangelistas, doutores, confessores, virgens e mártires acolheram brilhante luz. A seu modo, cada um deles a recebeu de acordo com as necessidades da salvação - pessoal e dos outros -, e da interpretação das Escrituras: os doutores esclareceram a mensagem de Cristo pela sabedoria; os apóstolos pela pregação; os evangelistas, escrevendo-a; os mártires testemunhando, com seu sangue, a luz da fé e a riqueza da paixão de Cristo; as virgens obedecendo. Pela obediência, amor e pureza, estas últimas revelaram a perfeita humildade do meu Filho, que por obediência correu para a terrível morte na cruz.

Toda revelação, contida nos oráculos dos profetas do Antigo Testamento e nos escritos do Novo, for compreendida mediante essa luz infusa, sobrenatural. Sim, também no Novo Testamento a vivência evangélica foi dessa forma revelada aos cristãos. Sendo uma só a fonte, isto é, provindo da mesma iluminação, a Nova Lei não suprimiu a Antiga, mas acrescentou-se a ela. Retirou-lhe a imperfeição. A Antiga fundamentava-se no temor do amor. Em lugar do temor servil, do medo dos castigos, inseriu o amor filial. Disse ele que não viera anular a lei de Moisés. Quando disse: "Eu não vim abrogar a lei, mas levá-la à perfeição" (Mt 5-17), queria significar: "A lei de Moisés é imperfeita; eu a aperfeiçoo no meu sangue. Vou retirar-lhe o temor servil e dar-lhe o que não possui, o amor, o temor filial".

Quem manifesta isso? A luz sobrenatural da graça, algo superior à luz da razão, que é

concedida a quem o deseja. Toda claridade proveniente das Sagradas Escrituras sempre procedeu e ainda procede dessa luz. Em sua presença cegam-se os sabichões ignorantes, pois o orgulho e o egoísmo constituem uma nuvem de fumaça que esconde e afasta o saber infuso. Esses tais compreendem a Escritura literalmente, não no seu sentido profundo. Apreciam-lhe a letra após longos estudos, mas não penetram seu espírito. O motivo é este: eles desprezam a luz com que a Bíblia foi escrita e explicada. Maravilham-se mesmo, e põem-se a murmurar quando vêem pessoas sem estudo e rudes, extremamente iluminadas no conhecimento das Escrituras, como se tivessem estudado muito. Na realidade, não há maravilha nisso. Tais pessoas rudes possuem a fonte principal donde brota a sabedoria, enquanto aqueles soberbos, por desprezar a luz descrita acima, ignoram minha bondade e a iluminação infusa pela graça nos meus servidores.

Por esse motivo eu te digo que, nos assuntos da santificação da alma, é melhor aconselhar-se com uma pessoa rude, mas dotada de uma consciência reta e santa, do que com um literato orgulhoso. Cada um dá o que possui. Vivendo no pecado, os literatos orgulhosos apresentam a luz das Escrituras envolta em trevas, ao passo que meus servidores, devido à luz que possuem, falam do que têm, com autêntico desejo da salvação.

Falei-te a respeito de tudo isso, minha filha querida, para mostrar-te como é a perfeição do estado de união.

Nele a inteligência é sublimada pelo fogo do amor e iluminada sobrenaturalmente; como a vontade segue a inteligência, a pessoa me ama. Quanto maior o conhecimento, maior o amor, e vive-versa. Uma coisa alimenta a outra. Com tal luz, a alma chega à visão eterna, quando me conhecerá e gozará em mim. Isso acontece, com expliquei ao tratar da felicidade dos santos, quando a alma separar-se do corpo. Este é um estado de vida extraordinário. Embora sujeito à morte, o homem já vive entre os bem-aventurados. Frequentemente entra em êxtase. Sem saber se está no corpo ou fora dele, a alma experimenta a certeza do céu, seja devido à união que mantém comigo, seja pela morte da vontade própria. Aliás, foi essa "morte" da vontade que possibilitou a união. Livre desse "inferno" que é a vontade própria - certeza de condenação para quem vive segundo a sensualidade - o homem saboreia a vida eterna.

18.6 - Sumário e exortação.

Desta maneira teu espírito compreendeu e o ouvido interior escutou de mim, verdade eterna, como deves agir para utilidade tua e do próximo relativamente à verdadeira mensagem.

Inicialmente afirmei (2.2) que é pelo autoconhecimento; não um conhecimento somente de ti mesma, mas também da minha presença em ti. Mediante este duplo conhecimento, ficas

humilde, desprezas a ti mesma, descobres o fogo do amor por mim e pelos homens, começas a trabalhar pelos outros ensinando e dando bons exemplos. Em seguida eu te falei ponte, como ela é. Discorri sobre os três degraus nas faculdades da alma (16.1) e expliquei como é impossível conseguir a vida da graça sem percorrer os três degraus "unificando" (16.3) em mim as faculdades. Também falei (18) sobre os três estados da alma, simbolizando-os no corpo de meu Filho. Disse que ele fez do seu corpo uma escada com os pés cravados, o costado aberto, a boca onde está a quietude e a paz. Falei sobre as imperfeições do amor servil e interesseiro, sobre a perfeição do terceiro estado próprio daqueles que atingem a boca de Cristo, após ter percorrido com desejo santo a ponte-mensagem de Cristo crucificado; galgaram os três degraus gerais, unificando as três faculdades da alma e, por conseguinte, todas as suas atividades, em mim, como foi explicado (16.1). Também discorri sobre os três degraus particulares (ou atuais), percorridos na passagem do estado imperfeito ao perfeito. Viste como os perfeitos correm no bem; sentiste a perfeição da alma adornada de virtudes; os enganados pelos quais passa antes de aperfeiçoar-se, caso não pratique o autoconhecimento no momento oportuno. Também falei dos infelizes que se afogam no rio do pecado (14), fora da ponte-mensagem de meu Filho, construída por mim para salvar-vos; como loucos eles preferem envolver-se nas misérias e sujeiras do mundo.

Expliquei tudo isso para aumentar a chama do teu desejo santo, tua compaixão e dor por causa da condenação eterna dos homens; desejo que a caridade te obrigue a abraçar-te comigo em lágrimas e suor. Naquelas lágrimas que brotam da oração humilde e contínua, e que me são oferecidas com ardentíssimo desejo. Quero que além de ti, muitas outras pessoas - ao ouvir tais coisas sejam levados a orar obrigando-me a usar de misericórdia para com o mundo e para com a hierarquia da santa Igreja pela qual tanto suplicas. Como deves recordar, afirmei (2.11) que escutaria vossos pedidos, confortar-vos-ia nas lutas, faria frutificar vossos desejos, enviando pastores bons e santos para a reforma da santa Igreja. Disse (4.4) que não é pela guerra, pela espada e pela crueldade que isso acontecerá, mas com a paz, a tranquilidade, as lágrimas e os suores dos meus servidores. Eis a razão por que vos coloquei a trabalhar por vós mesmos, pelos demais cristãos e pela hierarquia da santa Igreja. Quanto a vós mesmos, deveis praticar as virtudes; quanto aos outros e à hierarquia, dareis bons exemplos, ensinareis, oferecereis orações contínuas e praticareis o bem segundo o modo como expliquei (2.7), já que todo ato bom ou mal se realiza no próximo. Quero que sejais úteis aos outros; tal é a maneira de produzirdes frutos em vossa vinha pessoal.

Não cesseis de oferecer-me o incenso perfumado de vossas preces pela salvação da humanidade! Quero perdoar ao mundo, quero lavar a face da santa Igreja com vossas orações, suores e lágrimas. Mostrei-te minha Esposa na figura de uma jovem com o rosto conspurcado,

como que leprosa, por causa dos defeitos da hierarquia e de todos os cristãos. Mas sobre tais pecados falarei depois.

19 . Catarina pede explicações sobre as lágrimas

Então aquela serva viu-se inflamada de grandíssimo desejo, como que embriagada pela união com Deus e por tudo quanto vira e ouvira, dolorosa ante a maldade das pessoas que não reconhecem o próprio benfeitor divino e sua amorosa bondade. Ao mesmo tempo sentia-se alegre na esperança, por causa da promessa divina que lhe ensinara o modo como ela e os demais servidores alcançariam perdão para o mundo. Desejosa de conhecer mais sobre os estados da alma, sobre os quais Deus lhe falara, elevou seu pensamento à verdade suprema.

Notara que aqueles estados são percorridos em lágrimas; queria saber quais são as espécies de lágrimas, qual sua natureza, sua origem, suas características. Sabendo que toda verdade das coisas encontra-se em Deus, interrogou-o sobre tudo isso. Nada se conhece em Deus sem a aplicação da inteligência, mas é necessário também o desejo de saber na luz da fé. Ela não se esquecera dos ensinamentos anteriormente dados por Deus e bem sabia que não existe outro modo de se instruir sobre as lágrimas, os estados correspondentes e seus frutos. Num ardor imenso, como nunca lhe acontecera antes, sobrelevou-se toda inflamada de amor. Com fé olhou para Deus e nele entendeu o que desejava. A verdade divina manifestou-se a ela e atendeu a seus anseios e pedidos.

20. AS LÁGRIMAS, SUAS ESPÉCIES E FRUTOS.

20.1 - As lágrimas nascem do coração.

Então Deus disse àquela serva: - Filha querida, queres que eu te fale sobre as lágrimas e seus frutos. Não vou desprezar o teu pedido.

Presta bem atenção, que passo a explicar em analogia com os estados da alma descritos acima.

Há lágrimas imperfeitas, que se fundamentam no temor servil. Em primeiro lugar, as lágrimas de condenação, próprias dos pecadores; em seguida, as lágrimas de medo, encontradas naqueles que deixam o pecado mortal por medo de castigo e choram; em terceiro lugar, as lágrimas de autoconsolação, derramadas pelas almas livres do pecado mortal que começam a

servir-Me. Estas últimas também são imperfeitas, pois imperfeito ainda é o amor de onde procedem.

Lágrimas perfeitas são as que procedem do homem que atingiu a perfeição do amor pelo próximo e que me ama desinteressadamente. Unidas a estas últimas estão as lágrimas de prazer, espirituais, versadas em grande suavidade, como direi mais longamente depois. Há, enfim, as lágrimas de fogo, espirituais, concedidas àqueles que desejam chorar e não conseguem.

Todas essas lágrimas podem ocorrer numa única pessoa em sua caminhada do temor servil ao amor imperfeito e, depois, do amor perfeito à união. É nessa ordem que passo a falar-te agora.

Deves saber que toda lágrima nasce do coração. Nenhum membro corporal é tão sensível aos impulsos do coração como os olhos; se o coração sofre, logo eles o revelam. Também quando o sofrimento do coração é causado pelos pecados, os olhos derramam lágrimas, que são de morte. São lágrimas de quem vive longe de Mim, no amor dissoluto. Como o coração Me ofende, sua dor produz morte, gera lágrimas mortais. A gravidade da culpa será maior ou menor, conforme a desordem no amor. Assim, os pecadores choram lágrimas mortais. Delas falarei ainda

20.2 - As lágrimas de vida.

§ 1 - Ao reconhecer os próprios pecados, o homem chora por medo de castigo; são lágrimas fundamentadas no apetite sensível e procedem da dor íntima causada pelo temor da pena. Sofrendo assim Começo falando das lágrimas que produzem a vida.

o coração, os olhos choram.

§ 2 - Com a prática das virtudes, a pessoa vai perdendo esse medo. Vê que o medo, em si, não lhe concede a vida eterna - como já ficou dito ao se tratar do segundo estado da alma. Esforça-se, pois, em conhecer-se e conhecer-Me. Aos poucos vai aumentando sua esperança na Minha misericórdia. Arrependimento e esperança alternam-se. Então os olhos choram, com lágrimas a brotar da fonte do coração. Tais lágrimas freqüentemente ainda são de ordem sensível, pois o amor continua imperfeito. Se Me perguntares por que razão, respondo: porque sua raiz é o egoísmo. Não é mais um amor puramente sensível, já superado; é espiritual, mas apegado às consolações espirituais, de cuja imperfeição te falei longamente, ou apegado a alguma criatura. As consolações podem desaparecer por motivos internos ou externos; internos, quando cessa algum conforto concedido por Mim; externos, quando, por exemplo, morre uma pessoa amiga. Desaparecem igualmente pela presença de tentações e dificuldades. Em todos esses casos, a pessoa sofre e o coração, ressentido, chora.

Será um choro de autocompaixão, causado pelo egoísmo. A vontade própria ainda não morreu; são lágrimas sensíveis de autocompaixão espiritual.

§ 3 - Prosseguindo na prática das virtudes e em maior autoconhecimento, a pessoa começa a desprezar-se, a tomar consciência amorosamente dos Meus favores, a unir-se a Mim, a conformar-se à Minha vontade.

Sente, então, alegria e compaixão: alegria interior produzida pela caridade e compaixão pelos outros. Já Me ocupei do assunto ao tratar: do terceiro estado.

O coração acompanha e os olhos derramam lágrimas por Mim e pelo próximo. Sente tristeza a pessoa ante as ofensas cometidas contra Mim e o prejuízo dos ofensores; já não pensa em si mesma; preocupa-se em louvar-Me, deseja sofrer à semelhança do Cordeiro humilde, paciente e imaculado, do qual fiz uma ponte na maneira explicada.

§ 4 - Ao percorrer a ponte-mensagem do meu Filho, a alma passa pela porta que é Cristo (Jo 10,7).

Repleta da verdadeira paciência, dispõe-se a tolerar todas as dificuldades que eu Lhe enviar. Aceita-as com virilidade, sem preferências, do modo que vierem. Mais ainda! Como já afirmei,

não apenas sofre com paciência, mas com alegria. Considera uma honra padecer por Minha causa; deseja mesmo sofrer. Por tais caminhos, alcança uma satisfação e paz de espírito tais, que as palavras não conseguem exprimir. Vivendo a mensagem do Meu Filho, o homem fixa o pensamento em Mim, conhece-Me, ama-Me; nas pegadas do pensamento que contempla a natureza divina unida à humana em Cristo, a vontade saboreia Minha divindade, repousa em Mim, oceano de paz. No amor, permanece unida a Mim. Mas de tudo isso já tratei ao ocupar-Me do quarto estado da alma. Pois bem, ao experimentar Minha divindade, os olhos derramam lágrimas de suavidade, verdadeiro alimento que nutre a alma na paciência. Qual perfume, estas lágrimas exalam odor de grande suavidade. Como é feliz, filha querida, o homem que ultrapassou o mar proceloso do pecado e chegou ao oceano da paz, o homem que encheu seu coração com a minha divindade. Qual aqueduto, os olhos satisfarão o coração derramando lágrimas. Este é o último estado, no qual o homem é ao mesmo tempo feliz e sofredor.

Feliz por achar-se unido a Mim, gozando do amor divino; sofredor ao ver que Me ofendem. Age de tal forma por causa do autoconhecimento; foi conhecendo-se e conhecendo-me, que chegou a tal estado.

Este estado de união, fonte das lágrimas de suavidade, não é prejudicado pelo conhecimento de si, proveniente do amor ao próximo, donde recebeu a lágrima do perdão amoroso de Deus e a tristeza pelos pecados alheios; quando chorou com os que choram e sorriu com os que sorriem (Rm 12,15). Estes últimos são as pessoas que vivem no amor; o perfeitíssimo alegra-se ao vê-los dar-Me glória e louvor. Estas segundas lágrimas do terceiro estado perfeito, são as "lágrimas de união" do quarto estado. Estes dois estados (terceiro e quarto) se completam mutuamente. Se o último pranto, causador da união com Deus, não incluísse o terceiro estado - de amor pelos homens - nem seria perfeito. Necessariamente um estado inclui o outro. Em caso contrário, cair-se-ia na presunção pela sutil preocupação da própria fama; das alturas, o homem cairia para a antiga situação de pecado.

Diante desse perigo, ocorre amar o próximo sempre com autêntico autoconhecimento; esse esforço aumentará a consciência do meu amor por si mesmo. A caridade para com o próximo deriva desse amor. Com o mesmo amor que se sente amado, o perfeitíssimo ama o outro; percebendo qual é o objetivo do meu amor, ama-o também. Num segundo instante a alma compreende sua incapacidade de ser-me útil, retribuindo-Me o puro amor ("Puro amor", para

Catarina, é amar sem ser amado antes, coisa impossível de realizar-se para com Deus, que desde sempre nos amou.) que de Mim recebe. Reage, amando-Me naquele "meio" que vos dei, o próximo; nele todas as virtudes são praticadas. Todas as qualidades que vos dei, destinam-se ao benefício dos outros, em geral e em particular. É vossa obrigação amar com o mesmo puro amor que eu Vos amo. Não sois capazes de praticá-lo para comigo, já que Vos amei antes de ser por vós amado. Meu amor não tem justificação; amo antes. Foi tal dileção que levou a criar-vos a Minha imagem e semelhança. Sim, amor igual não podeis manifestar relativamente a Mim; praticai-o para com os homens. Amando-os sem serdes amados, amando-os sem interesses espirituais e materiais; amando-os unicamente para o louvor do Meu nome; amando-os porque são amados por Mim. É desse modo que cumprireis o mandamento de "amar-Me sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos".

A tais alturas não se chega sem atingir o estado de união, que segue o terceiro. Mas seria impossível conservar tal união Comigo, se se abandona aquele amor das lágrimas do terceiro estado, da mesma forma que não é possível cumprir o mandamento de amar-Me sem cumprir o mandamento de amar o próximo. Eles, (os dois amores) são os dois pés que levam a vivência dos mandamentos e dos conselhos dados por Meu Filho crucificado. Estes dois estados (terceiro e quarto) reduzem-se a um e nutrem o homem na prática das virtudes e na união Comigo. Realmente, não se trata de um novo estado; é o terceiro que se aperfeiçoa em novas, numerosas e admiráveis elevações do espírito, conforme expliquei. Dá-se uma compreensão da verdade que, embora realizada na terra, parece celeste. Em tal união, a sensualidade é dominada e a vontade própria morre.

Como é agradável essa união para quem a desfruta; ao experimentá-la, o homem conhece Meus segredos e chega mesmo a profetizar acontecimentos futuros. São coisas que dependem de Mim, e a pessoa interessada não deve dar-lhes grande valor. Explico-Me: valorize, sim, o que realizo; mas evite comprazer-se por apego pessoal. Que a pessoa se julgue indigna de qualquer sossego e tranqüilidade espirituais. A fim de nutrir sua alma, não se julgue um perfeitíssimo, mas desça ao vale do autoconhecimento. Esta volta ao conhecimento de si é uma graça, destinada a iluminar a alma e fazê-la progredir. Durante esta vida, ninguém é tão perfeito que não possa aperfeiçoar-se no amor. Somente meu Filho, que é vossa cabeça (I Cor 11,3), não podia progredir na perfeição, pois Eu e Ele somos um. Por causa da união com a natureza divina, Sua alma era compreensiva. (No sentido de que gozava a visão beatífica)

Vós, ainda peregrinos, sempre podeis crescer. Não que atinjais um estado ulterior, pois o estado de união é o último. Por Minha graça podeis aperfeiçoá-lo segundo vosso desejo.

20.3 - As lágrimas e as fases da vida espiritual.

Conforme teu pedido, expliquei-te as espécies de lágrimas com suas características.

As primeiras são próprias das pessoas que vivem em pecado mortal. As lágrimas brotam do coração; como aqui a fonte está corrompida, o pranto é pecaminoso e mau, bem como todas as demais atividades.

As segundas lágrimas pertencem àqueles que começam a ter consciência dos próprios males e temem os castigos consequentes. Constitui o comum início de conversão, misericordiosamente concedido por Mim aos homens fracos e desorientados que vão se afogando pelo rio do pecado e desprezando a mensagem do Meu Filho. Infelizmente são numerosíssimos os pecadores que conscientes, sem nenhum temor, continuam no pecado. Alguns repentinamente sentem grande descontentamento de si mesmos e passam a considerarem-se dignos de castigos; outros, arrependem-se por terem Me ofendido e com bonomia se põem a servir-Me. De todos eles, certamente têm maior possibilidade de atingir a perfeição aqueles que se convertem com grande ardor; mas esforçando-se todos o conseguirão. Os primeiros terão de preocupar-se em não ficar no temor servil; os segundos, em não cair na tibieza. Trata-se de um acordar geral à santidade. As terceiras lágrimas estão nas pessoas que superaram o temor servil e atingiram o amor e a esperança.

Percebem que lhes perdoei, sentem favores e consolações. Para concordar com o coração, choram. Como são imperfeitas, conforme expliquei, trata-se de um pranto ao mesmo tempo sensível e espiritual.

As quartas lágrimas acontecem com a prática das virtudes. Crescendo o desejo da alma, a pessoa se une e se conforma à Minha vontade; quer o que Eu quero, ama profundamente o

próximo. É um pranto de amor por Mim e de dor pelos pecados e prejuízos sofridos pelo próximo.

As quintas lágrimas, próprias da última perfeição, completam as anteriores. Em união com a verdade eterna, estes progridem muito no desejo santo.

Por esse motivo, o demônio os teme e não consegue prejudicar-lhes a alma, seja com ofensas, pois são pacientes na caridade, seja com atrativos espirituais e materiais, por eles humildemente desprezados.

Na verdade, o demônio não dorme jamais. Nisto ele até vos dá lições, vós que sois negligentes e dormis no tempo da messe.

Mas sua vigilância não consegue prejudicar as pessoas que se acham no estado de união, pois ele não tolera o ardor da caridade e a união da alma Comigo. Quem vive em Mim, não pode ser enganado. O diabo evita os perfeitíssimos como o mosquito se afasta da panela que ferve, por medo do calor. Quando a panela se acha fria, o mosquito se engana e cai dentro, encontrando às vezes mais calor do que percebia. O mesmo acontece com os homens. Antes que eles cheguem à perfeição, o demônio os julga frios e atormenta com muitas tentações. Mas se neles houver um pouquinho de entendimento, de fervor e de desprezo pelo pecado, a vontade não consentirá. Alegrem-se aqueles que sofrem; esse é o caminho para se ir até o estado de união.

Já afirmei que o meio de se conquistar a perfeição está no conhecer-se e no conhecer-Me. Ora, se eu estiver na alma, não há ocasião mais oportuna para conhecer-se do que no tempo das contradições. Em que sentido? Vou explicar.

Nas dificuldades, o homem tem mais consciência das próprias forças; compreende que somente conseguirá resistir e libertar-se das tentações se sua vontade for reta; vê que de si mesmo nada é, pois em caso contrário afastaria as tentações indesejáveis. O

autoconhecimento, portanto, conduz à humildade e faz recorrer a Mim, Deus eterno, mediante a fé. A pessoa compreende que somente Eu dou a vontade reta, que não consente nas tentações e evita as insinuações más.

Estais certos quando procurais vos fortalecer mediante a mensagem do Meu Filho, o amoroso Verbo encarnado, durante as provações, sofrimentos, adversidades e tentações. Tal atitude aumenta vossa virtude e vos ajuda a chegar à perfeição.

20.4 - As lágrimas de fogo.

Falei sobre as lágrimas imperfeitas e perfeitas, dizendo que brotam do coração. Qualquer que seja o motivo pelo qual se chore, é do coração que todas as lágrimas nascem. Neste sentido, indistintamente podem ser chamadas "lágrimas cordiais". A diferença entre elas encontra-se na qualidade do amor, bom ou mau, perfeito ou imperfeito. Falta-Me responder sobre o caso daqueles que, desejosos de possuir a perfeição das lágrimas, não conseguem chorar. Existe alguma lágrima que não saia dos olhos?

Sim, existe um pranto de fogo, procedente do desejo santo e que faz consumir-se no amor por Mim. Há pessoas que gostariam de chorar na renúncia de si mesmas e no desejo de salvar os outros, mas não conseguem. Relativamente a tais pessoas, afirmo que já possuem a lágrima de fogo, com que chora o Espírito Santo. Sem lágrimas exteriores, elas Me oferecem as aspirações da vontade que deseja chorar. Aliás, se prestares atenção, verás que o Espírito Santo chora em cada servidor Meu que possui o desejo santo e faz orações contínuas e humildes na Minha presença. Ao que parece, foi quanto pretendia afirmar o glorioso apóstolo Paulo, ao dizer que o Espírito Santo chora em Mim "com gemidos inenarráveis" (Rm 8,26), a vosso favor.

O fruto da lágrima de fogo não é menor que o das demais. Muitas vezes, até maior, dependendo da intensidade do amor. Ninguém deve perturbar-se, pois, e julgar-se distante de Mim, só porque não derrama as lágrimas que deseja. Ao desejar lágrimas, ocorre conformar-se à Minha vontade, humilhar-se diante do "sim" e do "não" por Mim pronunciados. Às vezes, deixo uma pessoa sem lágrimas, a fim de que permaneça numa atitude humilde, em oração

continua, desejosa de chegar a Mim. Almas existem que, se conseguissem o que almejam, nem tirariam proveito; sentir-se-iam satisfeitas com a obtenção das lágrimas desejadas e cairiam no egoísmo. É para vosso crescimento que não dou lágrimas exteriores, mas unicamente as do espírito, as do coração, inflamadas na chama da divina caridade. Em todo estado de vida e ocasião, tais pessoas podem agradar-Me. A menos que seu espírito se afaste de Mim por falta de fé e amor. Sou o médico, vós sois os doentes; dou a todos o que é necessário para a salvação e o crescimento de vossas almas.

20.5 - As lágrimas são infinitas.

Conforme acabo de explicar, filha querida, essa é a doutrina sobre as cinco lágrimas. Afoga-te, pois, no sangue de Cristo crucificado, o Cordeiro humilde, sofredor e puro. Esforça-te por crescer nas virtudes, aumenta em ti a chama da Minha caridade. Os cinco tipos de lágrimas são como que canais: quatro deles derramam infinitas espécies de lágrimas, as quais produzem a vida se forem usadas de acordo com a virtude. Infinitas, repito, não no sentido de que tendes de chorar sem fim nesta vida, mas relativamente ao desejo da alma. Já afirmei que a lágrima brota do coração. É ele que a recolhe no desejo santo e oferece aos olhos.

Como a madeira verde atirada ao fogo; por causa do calor, sua umidade ferve, geme. Com a madeira seca não acontece assim. Igualmente sucede com o coração, quando a graça divina o renova, destruindo a sequeidão do egoísmo que enrijece a alma. Amor e lágrimas unem-se no desejo santo. Mas este último, durante esta vida, não tem limites. Quanto mais o homem ama menos acredita estar amando. Dessa forma: o desejo ulterior de amar provoca o pranto.

Quando a alma se separa do corpo e chega até Mim, seu fim último, não deixa o desejo santo; continua a querer-Me e a amar o próximo. A caridade penetrou em si como rainha, levando consigo o merecimento de todas as virtudes. Como já disse, cessa todo sofrimento; ao desejar-Me, a alma Me possui, sem temor de vir a perder o que tanto sonhara. Todavia suas aspirações crescem: ao desejar, é atendida; e ao ser atendida deseja mais, sem ameaça de qualquer fastio. Nem sofre ao desejar ainda. A perfeição é total.

É desse modo que vosso desejo é infinito. Nem poderia ser diferentemente. Se Me servísseis apenas com atitudes finitas, nenhuma virtude vossa alcançaria a vida. Sou o Deus infinito e quero serviço infinito de vossa parte. Mas de infinito só tendes o desejo da alma. Por isso dizia antes que as lágrimas são infinitas; infinitas, por estarem associadas ao desejo santo, infinito.

Depois da morte, a lágrima sensível não acompanha o homem. Mas ele leva consigo os merecimentos do pranto terreno e os consome. Sucede tal como a água que se atira numa fôrnalha; ela não fica de lado, mas é pelo fogo absorvida e vaporizada. Sim, é quanto acontece com o homem que chega ao céu, para experimentar o fogo da caridade divina, cheio de amor na união Comigo e o próximo, causa de suas lágrimas. Ele não pára de Me oferecer suas aspirações, felizes e lacrimosas; só que não serão mais lágrimas dos olhos, mas lágrimas de fogo do Espírito Santo.

20.6 - Frutos das cinco lágrimas.

Compreendeste agora como as lágrimas são infinitas. Mesmo durante esta vida há tantas maneiras de chorar no estado da união, que tua língua é insuficiente para declará-las. Depois de explicar-te como são as lágrimas nos quatro estados da vida espiritual, falta-Me discorrer sobre os frutos que elas e o desejo santo produzem.

20.6. 1 - Efeitos das lágrimas de condenação.

Começo por aquela lágrima, a que Me referi no começo, a lágrima dos homens que vivem pecaminosamente no mundo, que consideram seu deus as pessoas, as coisas, a própria sensualidade. Essa atitude é para eles a fonte de todos os males na alma e no corpo.

Disse acima que as lágrimas nascem do coração. De fato, o coração chora de acordo com seu amor.

O pecador, por exemplo, chora quando o coração sofre com a perda de um objeto amado. Suas lágrimas são numerosíssimas, conforme a variedade do amor. Achando-se corrompida a raiz interior, que é o egoísmo, tudo nasce corrompido. É como uma árvore, cujos frutos fossem venenosos, as flores pobres, as folhas manchadas e os ramos voltados para o chão, vergastados pelos ventos. Tal é a árvore interior dos pecadores. Vós, porém, deveis ser árvores de amor. Por amor vos criei, sem amor não podeis viver. O homem virtuoso planta sua árvore no vale da humildade; o orgulhoso, na montanha da soberba. Mal plantada, a árvore deste último só produz frutos mortais.

§ 1 - As más ações

Frutos desta árvore são as más ações, carregadas de veneno por muitos e diferentes pecados. Mesmo quando o pecador pratica uma boa ação, não merece para a vida eterna, uma vez que a raiz do egoísmo prejudica tudo. Sua alma, em pecado mortal, não possui a graça.

Mesmo assim, o homem pecador não deve deixar de praticar o bem, pois toda boa obra terá sua recompensa. A boa ação praticada em pecado mortal não merece o céu, mas é paga por Minha justiça. Às vezes, darei bens materiais; outras vezes, como já disse antes ao tratar deste assunto, dou uma vida mais longa para que possa o pecador emendar-se; outras ainda, concedo a vida da graça pelos merecimentos de algum Meu servidor. Foi o que fiz no glorioso apóstolo Paulo, que abandonou a infidelidade e as perseguições ao cristianismo devido às preces de santo Estêvão (At 7,60). Como vês, qualquer que seja seu estado de vida, ninguém deve deixar de fazer o bem.

§ 2 - Os sentimentos maus

Dizia que as folhas desta árvore de morte são podres. Referia-Me aos maus sentimentos do coração. Tais sentimentos internos ofendem-Me e levam a pessoa ao ódio e desprezo pelos outros. Qual ladrão, o pecador rouba-Me a honra, para atribuí-la a si mesmo. São flores apodrecidas, causadoras de náusea pelas duas espécies de julgamento que causam. Primeiro, a Meu respeito. O homem pecador pronuncia-se iniquamente sobre Meus ocultos juízos e mistérios; despreza tudo quanto realizei por amor; nega quanto revelei em Meu Filho; destrói

os meios por Mim oferecidos para se alcançar a vida. Tais pessoas tudo julgam e condenam em sintonia com seu parecer enfermigo. O egoísmo cegou-lhes a inteligência, vendou o olhar da fé, impediu-lhes de reconhecer a verdade. Segundo, relativamente ao próximo. Uma fonte de numerosos males. Sem autoconhecimento, o infeliz pecador pretende pronunciar-se sobre o segredo íntimo dos outros. Baseado em comportamentos exteriores, julga os sentimentos do coração. Meus servidores julgam sempre retamente, pois fundamentam-se na Minha bondade; os pecadores, sempre mal, alicerçados que estão na maldade. De seus juízos nascem muitas vezes o ódio, homicídios, desprezo pelos demais, distanciamento de Meus servidores devido ao seu amor pela virtude.

§ 3 - As más palavras

Aos poucos vão aparecendo as folhas, que são as palavras: os pronunciamentos ofensivos a Mim, ao sangue de Meu Filho, prejudiciais aos outros homens. A preocupação dos pecadores é falar mal, blasfemar contra Minhas obras, murmurar contra todo mundo. Consideram como realidade tudo o que seu julgamento sugere. Pobres infelizes, não sabem que a língua foi feita unicamente para Me louvar, para a confissão dos pecados, para a promoção da virtude na salvação dos homens.

Folhas manchadas pela culpa! Tudo isso, porque está sujo o coração donde nascem; cheio de duplicidade e mal. Além de prejudicar o homem com a perda da graça, as palavras suscitam desavenças na vida social. Já ouviste falar que, devido às palavras, aconteceram revoltas nos estados, ruína de cidades, homicídios e muitos outros males. A palavra pronunciada penetra fundo no coração do homem a quem é dirigida, atinge regiões que nenhum punhal alcança.

§ 4 - Os vícios capitais

A árvore de morte possui sete galhos, inclinados para a terra, que produzem flores e folhas. São os sete vícios capitais, responsáveis por numerosos e diferentes pecados, todos eles enraizados no egoísmo e no orgulho. Os frutos são as más ações. Esses galhos - os vícios capitais - inclinam-se para a terra, enquanto tendem unicamente para a frágil e desordenada realidade deste mundo. Inclinam-se para nutrirem-se, incansavelmente, da terra. Os

pecadores são insaciáveis e insuportáveis a si mesmos, sempre inquietos a procurar justamente o que não os pode saciar. O motivo por que são insaciáveis é o seguinte: Como pecadores, desejam só as realidades finitas, ao passo que eles, no que se refere ao ser, são infinitos, isto é, jamais deixarão de existir. No máximo perderão a vida da graça por causa do pecado mortal. O homem é maior que as realidades criadas, não vice-versa. Somente estará satisfeito, quando atingir um bem superior a si. Como somente Eu sou maior que o homem, disto decorre que somente Eu, Deus eterno, consigo saciá-lo. Separado de Mim pelo pecado, o homem vive perenemente atormentado e sofrido.

§ 5 - Os vendavais da vida

Ao sofrimento segue o pranto; sobrevêm então os vendavais que açoitam esta árvore de quem ama a sensualidade como razão da própria vida. Os vendavais são quatro: da prosperidade, da adversidade, do temor servil e do remorso.

A prosperidade material alimenta o orgulho, a presunção; leva o pecador a valorizar-se excessivamente e a desprezar os outros. Se for patrão, oprimirá o súdito com muitas injustiças. A prosperidade é ainda causa de vaidade pessoal, de impureza do corpo e do espírito, de desejo de fama, e de muitos outros defeitos. Tua linguagem nem seria capaz de enumerá-los. Seria, então, má em si mesma a riqueza? Não, assim como as outras três realidades de que falo. O que está apodrecido é a raiz da árvore, ruína de todo o resto. Eu, autor de todos os acontecimentos, sou imensamente bom! À prosperidade material pode sobrevir o choro, quando o coração, insaciável, não realiza seus desejos; ante essa impotência, o pecador sofre e chora porque as lágrimas, como disse, nascem do coração.

Segue-se o vendaval do temor servil. Quando um homem tem medo de perder quanto ama, até sua sombra causa-lhe temor. Por exemplo, o medo de morrer, de perder um dos filhos ou qualquer outra pessoa, o medo de ser humilhado, de decair na posição social, de perder a boa fama, a riqueza. Semelhantes temores não permitem ao homem nem conservar em tranqüilidade os bens que possui desordenadamente. Escravo de suas posses, o pecador vive temendo; e como o pecado é privação, a pessoa termina no nada.

Além do medo, os pecadores costumam sofrer adversidades, quais sejam perdas de bens em geral e em particular. Em geral, por ocasião da morte; em particular, pela privação de uma coisa ou outra: saúde, filhos, riquezas, posição social, honras. Tais perdas acontecem quando eu, médico bondoso, julgo proveitoso permiti-las, da mesma forma como concedera aqueles bens antes.

Por terem o coração corrompido, muitos pecadores impacientam-se, sem procurar compreender. Surgem os protestos, a murmuração, o ódio, o desprezo por Mim e pelos outros. Consideram mal aquilo que Eu dera como bem; apenas lhes conta a dor pelo objeto amado. Diante disso, o pecador costuma cair num pranto angustiado e impaciente, que lhe arruína e mata a alma, privando-a a vida da graça; um choro que cega a pessoa, corporal e espiritualmente: que lhe retira toda alegria, toda esperança. Chora o pecador, porque privado daquilo que constituía seu prazer e o objeto de sua afeição, de sua esperança, de sua fé. Além da lágrima, há outras causas desses grandes inconvenientes; são a afeição desordenada e a angústia do coração, donde a lágrima procede. De fato, não é a lágrima exterior que causa a morte espiritual e o sofrimento, mas sim a raiz donde ela nasce, isto é, o egoísmo do coração desregrado. Quando o coração é bom e possui a graça, o pranto também é santo e alcança de Mim a misericórdia. Dei o nome de "lágrima de condenação" a este pranto, porque manifesta que o coração está morto.

Disse acima que existe também o vendaval do remorso! Como Sou bondoso, sirvo-Me da prosperidade material para atrair amorosamente os homens; do temor servil, a fim de que orientem o coração para a prática das virtudes; da adversidade, para que o homem tome consciência da fragilidade e incerteza das realidades deste mundo. Acontece, porém, que para alguns todos esses meios não produzem efeito; dado que os amo demais, envio então o remorso da consciência. Quero que confessem seus pecados no sacramento da penitência! Quando se obstinam no mal e recusam tal graça, os pecadores acabam na reprovação. Iludem as reprovações da própria consciência, distraem-se com prazeres ilícitos, ofendem a Mim e ao próximo. Com a raiz da árvore apodrecida, tudo secou e a pessoa recai na tristeza íntima, entre lágrimas e angústias. Não havendo conversão enquanto para isso dispõem da liberdade, tais pessoas passarão do pranto da terra para o choro do inferno. Então o finito se mudará em infinito, pois a causa deste último pranto é o ódio infinito pelo bem, em que se fundamentara o pecador.

Os réprobos do inferno, se quisessem, teriam escapado da perdição durante esta vida, através do Meu perdão. Eram livres, mesmo tendo-se dito que seu ódio pelo bem era infinito. A infinitude não se refere à intensidade do amor ou do ódio, mas à duração no tempo. Enquanto estais neste mundo, sois livres de amar ou odiar como quereis; quem encerra esta vida no amor, terá um bem infinito e quem a terminar no ódio, encontrar-se-á num mal interminável, na condenação eterna. Desta já Me ocupei ao tratar daqueles que vão afogando-se pelo rio do pecado. Longe da Minha misericórdia e do amor dos homens, já não poderão querer o bem.

Os bem-aventurados, ao contrário, gozam da Minha misericórdia, amam-se mutuamente e têm o vosso amor de caminhantes desta vida. Aliás, foi para que também vós venhais a Mim que vos coloquei no mundo. Para os condenados de nada servem vossas esmolas e boas obras. São membros separados do corpo que eu constituí na caridade. Recusaram obedecer aos santos preceitos da hierarquia, de quem recebeis nesta vida o sangue do Cordeiro imaculado. Condenaram-se, assim, eternamente em choro e ranger de dentes (Mt 8,12), quais mártires do demônio. Ali recebem do demônio os frutos que para si recolheram. Desse modo, as lágrimas de condenação fazem sofrer nesta vida e dão a companhia interminável dos demônios na outra.

20.6.2 - Efeitos das lágrimas de temor.

Passo a falar dos frutos colhidos por aqueles que, por medo dos castigos, abandonam o pecado para viver em estado de graça. São numerosos os que, pelo temor da pena, param de pecar. É o acordar geral, de que falei. Quais são os efeitos em tais pessoas?

O medo de ser castigado age sobre o livre arbítrio e este procede à limpeza da casa da alma. Tendo-se purificado (na confissão) o homem sente paz em sua consciência, põe ordem nas suas afeições, abre a inteligência para o autoconhecimento. Antes de tal purificação, a inteligência apenas pensava nos pecados; surgem agora as primeiras consolações espirituais. Livre dos remorsos, a alma espera o alimento das virtudes. Acontece-lhe como para o doente após a cura: volta-lhe o apetite. Tocarà à vontade preparar-lhe o alimento espiritual.

20.6.3 - Efeitos das lágrimas de autocompaixão.

Livre do medo dos castigos, a alma colhe as segundas lágrimas de vida, com as quais busca o amor e a prática das virtudes. Embora ainda seja imperfeita, a pessoa já não teme; como verdade suma, Eu lhe dou consolações e amor. Por causa de tal consolação e amor, ama-Me docemente a Mim e as demais pessoas. A vivência desse amor na alma purificada pelo temor servil infunde numerosas e variadas consolações. Se perseverar, chegará a sentar-se à mesa do Crucificado, passando do medo ao amor.

20.6.4 - Efeitos das lágrimas de amor.

Ao chegar às terceiras lágrimas de vida, o homem se põe à mesa da santa cruz, nela saboreando o amoroso Verbo encarnado. Meu Filho deseja Minha honra e vossa salvação; por isso, Seu coração foi aberto e se fez vosso alimento. Nesta "mesa" o homem começa a alimentar-se do desejo da Minha glória e da salvação dos homens, bem como a renunciar a si mesmo e ao pecado.

Que frutos recolhe o homem destas lágrimas do terceiro estado? São os seguintes: grandes forças em dominar a sensualidade, verdadeira humildade, muita paciência.

Esta paciência vence toda oposição e liberta o homem dos sofrimentos. Quem faz sofrer é a vontade própria, que é destruída pela renúncia a si mesmo. A paciência domina a sensualidade, que se revolta diante das ofensas, perseguições, ausência de consolações espirituais e sensíveis, tornando o homem sofrido. Com a morte da vontade própria, a pessoa experimenta os frutos da paciência em desejo amoroso e lacrimejante.

Um fruto suavíssimo, como és agradável a quem te possui! Como tu Me agradas! Quem te possui é feliz mesmo na amargura. Nas injúrias, vive em paz. Ao navegar por mares procelosos, quando perigosas ventanias erguem terríveis ondas contra a barquinha da alma, tu vais tranqüila e serena sem danos. Minha vontade eterna te protege, pois te revestiu com a couraça da caridade e impede que a água do pecado penetre em ti!

Filha querida, a paciência é uma rainha encastelada numa fortaleza de rocha; vence e jamais é vencida. Nunca está sozinha, pois a constância lhe faz companhia! Ela é o cerne da caridade, é o sinal de que alguém possui a veste nupcial do amor. De fato, logo que tal "veste" é rasgada, o homem se torna impaciente. Todas as virtudes podem ser falsificadas, parecendo verdadeiras sem o ser diante de Mim. A paciência, aliás, mostra quando uma virtude é viva e verdadeira, enquanto o homem impaciente manifesta a imperfeição dos seus atos, revelando que ainda não se assentou à mesa de cruz. É junto à cruz que se adquire a paciência; quem se conhece e me conhece, conseguirá praticá-la depois com desejo santo e humildade. O homem paciente nunca deixa de Me honrar e de trabalhar pela salvação dos outros, dedicando a isso o próprio tempo.

Ó filha querida, a paciência encontrava-se nos mártires, que mediante os sofrimentos salvaram outros; suas mortes foram fonte de vida, ressuscitando mortos e expulsando as trevas do pecado mortal. Na força desta virtude rainha, eles venceram o mundo com seus atrativos; com seus recursos, os poderosos não conseguiram derrotá-los. A paciência é uma lâmpada sobre o candelabro.

Tal é o fruto produzido pela "lágrima de amor", na pessoa que conseguiu sentar-se à mesa do Crucificado, cheio de desejo santo e com intolerável dor pelas ofensas cometidas contra Mim, seu Criador. Mas não é uma dor angustiante. A angústia já cessara, quando o amor paciente destruiu o temor servil e o egoísmo, únicos fatores que fazem sofrer. A dor sentida é uma dor que conforta, pois nasce da caridade e é causada pelo conhecimento de pecados contra Mim e de danos sofridos pelos pecadores. É um sentimento que brota do amor e enriquece o homem; algo que alegra, algo que revela Minha presença na graça.

20.6.5 - Efeitos das lágrimas de união.

Tendo-Me ocupado sobre os frutos das terceiras lágrimas de vida, resta-Me o quarto e último estado, o da união. Este, como já disse, não existe como que separado do anterior. Ambos coexistem, como acontece com o amor pelo próximo e o amor por Mim; um reforça o outro.

Neste quarto estado, aumenta tanto a caridade, que o homem não somente suporta as dificuldades pacientemente, mas deseja-as com alegria, como ficou explicado acima. Desejoso de configurar-se a Cristo crucificado, renuncia a toda satisfação pessoal, de qualquer tipo que seja.

Fruto desta lágrima de união é a quietude do espírito, uma comunhão contínua Comigo em grande prazer. Qual criança no colo da mãe, com a boca colada ao seio sugando o leite, assim a alma, neste estado, descansa no seio do Meu amor e, pelo desejo santo, alimenta-se do Crucificado pelos Seus exemplos e mensagens. Durante o terceiro estado a alma aprendera que não devia fixar-se unicamente em Mim, Pai eterno, porque em Mim não há sofrimento; que devia imitar Meu Filho, o doce e amoroso Verbo encarnado.

Vós não deveis viver sem a dor; é tolerando muita dificuldade que atingis o aprimoramento da virtude. Esse aprimoramento é alcançado no Coração de Cristo, sede do amor. É ali que as almas buscam a força da graça, experimentando a divindade. Antes disso, as virtudes não possuem suavidade; ela chega com a união no Meu amor, ou seja, quando o homem deixa de preocupar-se com os próprios interesses, visando apenas Minha glória e salvação alheia. Filha querida, como é agradável e grandioso este estado da alma! Nele o homem se une muito estreitamente ao amor divino. Como está a boca da criança para o seio materno, e o seio materno para o leite que sustenta, assim está a alma para com Cristo crucificado e para Comigo, onde acha o alimento da divindade. Oxalá se entendesse como aqui as faculdades se enriquecem. A memória lembra-se de Mim permanentemente, atenta aos Meus benefícios; mas ela se fixa menos sobre os benefícios, do que no amor com que os dei. De maneira particular a memória considera o dom da criação, pelo qual o homem surgiu do nada à Minha imagem e semelhança. Quando estava no primeiro estado, a consciência de tal favor levava a alma a reconhecer a ingratidão em que vivia e a abandonar o pecado por graça do sangue de Cristo. Em tal sangue Eu vos recriei, Eu vos lavei da lepra do mal. Ao passar para o segundo estado a alma recebera grande consolação no amor, bem como o desgosto pela culpa com que Me ofendera, pois foi por esse motivo que fiz sofrer Meu Filho. Continuando, a memória se lembra da efusão do Espírito Santo, que a iluminara - e ilumina ainda - na verdade. Quando isso aconteceu? Após ter reconhecido os dons divinos concedidos durante o primeiro e segundo estados. É no terceiro que se dá a iluminação completa, mediante a qual vê que por amor criei o homem no intuito de dar-lhe a vida eterna. Revelei-vos tal verdade no sangue de Cristo. Consciente disso tudo, o homem ama-Me, gostando do que Eu gosto, desprezando o

que desprezo. Descobre assim no próximo o "meio" para amar. É no coração de Cristo que a memória supera toda imperfeição e enche-se da recordação dos Meus favores. Com a perfeita iluminação, a inteligência perscruta tudo o que a memória retém, conhecendo a verdade. Uma vez superada a cegueira do egoísmo, ela contempla o sol que é Cristo crucificado e O reconhece como Deus e Homem. Por ocasião da união Comigo, recebera uma ulterior iluminação infusa, dom gratuito Meu, que não desprezo os ardentes desejos e esforços da alma. A vontade segue a inteligência, une-se à sabedoria infusa com um amor perfeitíssimo, muito ardente. Se Me perguntassem o que aconteceu numa pessoa assim, eu responderia: tornou-se um outro eu na caridade!

Que língua seria capaz de narrar a excelência deste último estado - a união -, e descrever os efeitos produzidos nas três faculdades humanas, inteiramente realizadas? Aqui acontece aquela "unificação" das faculdades por Mim mencionadas ao falar dos três graus (gerais), comentando uma expressão bíblica. Não, a linguagem humana não é capaz de a descrever! Dela falaram os santos doutores, quando a iluminação infusa os fez explicar a Sagrada Escritura. São Tomás de Aquino, por exemplo, adquiriu sua sabedoria mais na oração, no êxtase e na iluminação da mente do que no estudo humano. Foi uma lâmpada por Mim colocada na hierarquia da santa Igreja a dissipar as trevas do erro. São João evangelista, quanta luz recebeu ao reclinar-se sobre o peito de Cristo (Jo 13,25). Com essa luz desde então, e durante muitos anos, pregou o evangelho. E se considerares um por um os santos doutores, todos eles revelaram tal luz, cada um a seu modo. Mas ser-te-ia impossível descrever o sentimento profundo, a suavidade inefável, a perfeita comunhão!

É a isto que Paulo se referia quando afirmava: "Os olhos não podem ver, nem os ouvidos escutar, nem a mente pensar quão grande prazer e que perfeição estão preparados, no final, para aquele que realmente me serve" (1Cor 2,9). Como é agradável, acima de todo outro prazer, a permanência do homem em Mim pelo amor! A vontade própria já não põe empecilhos, pois se tornou uma coisa Comigo. Essa pessoa espalha seu perfume pelo mundo inteiro, qual efeito de suas orações contínuas e humildes. É o perfume do amor, a clamar pelos irmãos diante de Minha divina majestade na voz do próprio silêncio!

São esses os frutos da união nesta vida, entre lágrimas e suores, no último estado da vida espiritual.

Se a pessoa perseverar, passará, um dia, dessa união imperfeita como união, mas perfeita quanto à graça, à perfeita união celeste. Enquanto se encontra no corpo, o homem não atinge tudo o que deseja; estará preso a uma "lei perversa", cuja força as virtudes adormecem, mas não destroem. Essa lei poderá até acordar, caso seja retirado o controle que a mantém dormindo. Eis a razão por que disse que a união presente é "imperfeita". Mas é ela que conduz a pessoa à vida eterna, à vida impossível de se perder, como já disse ao falar dos bem-aventurados, junto aos quais o homem gozará da comunhão Comigo na vida sem fim. As almas que forem para o céu, terão a vida eterna; os demais terão a condenação como punição de seu pranto pecaminoso.

Os primeiros, dos sofrimentos desta vida passarão à alegria; a vida eterna será a recompensa de suas lágrimas de amor. No céu, como já afirmei, continuarão a oferecer-me lágrimas de fogo em vosso favor.

Concluo assim Minhas palavras sobre as lágrimas, suas qualidades e seus efeitos. Umaz conduzem os perfeitos ao céu, outras levam os maus à perdição!

21 . CATARINA PEDE ESCLARECIMENTOS A DEUS.

Então aquela serva, inflamada de amor diante da bondosa explicação recebida de Deus sobre os estados da vida espiritual, disse-lhe:

-Agradeço-te, agradeço-te, ó Pai eterno, que realizas as santas aspirações, zeloso autor da nossa salvação, que nos amaste em teu Filho unigênito quando ainda éramos teus inimigos. Por esse teu ardente abismo de amor, imploro tua graça e o perdão. Graças a eles, consiga eu chegar livremente à tua luz, isenta de toda escuridão. Que eu progrida rapidamente na mensagem de teu Filho; que eu consiga superar as dificuldades, diante das quais estou insegura. Gostaria, Pai eterno, que me desses as devidas explicações antes de passares a outros assuntos além dos estados da alma.

A primeira dificuldade é a seguinte: se alguém me procurar, ou dirigir-se a outro servidor teu, pedindo conselhos, desejoso de servir-te, que conselhos devo dar? Lembro-me, ó Deus eterno,

de que me disseste: "Sou aquele que gosta de poucas palavras e muitas ações", mas ficaria muito satisfeita se me falasses ainda. Pode acontecer, quando estou orando por todos os homens ou por um teu servidor, ver a alma deles bem disposta, parecendo-me que ela é do teu agrado, e ver a alma de um outro nas trevas. Em tais casos, Pai eterno, posso pensar que o primeiro se acha na luz e o outro na escuridão? Além disso, se notar que uma pessoa vive mortificando-se, e uma outra não, devo concluir que é mais perfeito aquele que se penitencia? Rogo-te; não seja eu enganada por minha limitada compreensão. Explica-me no caso particular, quanto disseste no geral.

A segunda dificuldade sobre a qual peço esclarecimentos é esta: quais são os sinais reveladores de tua presença ou "visita" na alma, para que eu possa discernir se és tu ou não? Se bem me lembro, disseste que a pessoa sente alegria e fervor na prática das virtudes. Gostaria de saber: tal alegria não pode confundir-se com a satisfação pessoal? Se assim for, então devo limitar-me a olhar a prática das virtudes?

São estas as perguntas que te faço, verdade eterna, para que eu possa servir ao próximo e a ti sem cair em falsos julgamentos contra as pessoas, contra os servidores teus. De fato, creio que o julgamento falso afasta o homem de ti. Prefiro não incidir nesse inconveniente.

22. PEDIDO DE ATENÇÃO A CATARINA.

Então Deus Pai, satisfeito com as intenções daquela serva pela sinceridade do seu coração e pelo desejo de servi-lo, olhou para ela com piedade e misericórdia, dizendo:

- Ó filha e esposa, tão querida e amada! Eleva-te e esforça-te por compreender o inefável amor que sinto por ti e pelos meus servidores. Aplica o ouvido interior dos teus anseios. Quando me escutas, precisas de entendimento. Quero que te eleves acima da sensibilidade. Alegro-me com o teu pedido e vou responder-te. Certamente vós não aumentais a minha felicidade, pois sou aquele que sou! Apenas alegro-me em mim mesmo pelas coisas que criei.

23 . CATARINA OBEDECE À ORDEM DIVINA.

Então aquela serva obedeceu a Deus.

Elevou seu espírito para compreender a verdade sobre os assuntos que perguntara.

24 . A TRÍPLICE ILUMINAÇÃO DO HOMEM.

Então o eterno Deus lhe disse:

- Para melhor compreenderes o que vou dizer, começo por falar de algo que é pressuposto às tuas perguntas, ou seja, quais são as três iluminações que procedem de mim, luz verdadeira. A primeira é dada de modo geral, para as pessoas que vivem na "caridade comum" (v. 14.11).

Mas já falei dela, bem como das duas outras. Vou repetir assuntos abordados, para que consigas entender bem as respostas ao que perguntaste. As duas iluminações seguintes encontram-se nas pessoas que tendem à perfeição. Falarei das três, descendo aos particulares daquilo que expliquei no geral.

24.1 - Iluminação da "caridade comum"

Como afirmei antes (14.10), ninguém consegue seguir o caminho da verdade sem a luz da razão - recebida de mim com a inteligência - e sem a luz da fé, infundida na hora do santo batismo, supondo que não destruais esta última com vossos pecados. No batismo, a luz da fé vos é dada na força do sangue de meu Filho. Associada à luz da razão, ela vos alcança a vida e ajuda na caminhada para a verdade. Sem a fé iríeis nas trevas. Desta iluminação da fé derivam as duas outras, e até uma terceira, que vos são necessárias.

A primeira iluminação revela ao homem a transitoriedade das realidades terrenas, que passam como o vento. Tal atitude supõe, todavia, que tenhais consciência da própria fraqueza, tão inclinada a rebelar-se, já que existe nos vossos membros uma lei perversa (Rm 7,23), que vos leva a revoltar-se contra mim, vosso criador. Tal "lei" não obriga ninguém a pecar contra sua vontade, todavia combate contra o espírito. Permiti semelhante lei, não para serdes vencidos, mas a fim de provar vossas virtudes. É nas situações adversas que as virtudes são experimentadas. A sensualidade opõe-se ao espírito; é através dela que o homem comprova seu amor por mim, o criador. De que modo? Opondo-se às suas tendências, derrotando-as. Quis eu ainda, essa perversa lei para que o homem fosse humilde. Criei-o à minha imagem e semelhança, dei-lhe grande dignidade e beleza. Unindo a alma a um corpo, dei-lhe aquela lei como companheira. Era minha intenção que a alma não se orgulhasse diante da própria beleza. Para quem tem fé, portanto, o corpo é instrumento de humildade. O corpo é frágil, nada possui que seja razão de orgulho, pelo contrário, deve ser motivo de verdadeira e perfeita humildade. De si mesma a sensualidade não conduz ninguém ao pecado, mas apenas induz ao reconhecimento do próprio nada; revela a fragilidade do que é terreno.

É preciso que a inteligência humana, sob a luz da fé, reconheça tal coisa; trata-se justamente daquela iluminação "geral" de que falei, indispensável para todos os que desejam participar da vida da graça, aproveitando os efeitos da morte do Cordeiro imaculado. Ela é necessária para todos, qualquer que seja o estado de vida; é a iluminação da "caridade comum", universal. Todos (os cristãos) devem possuí-la, sob pena de serem condenados; quem não a tem, não está na graça divina; desconhece o pecado, suas causas; por isso não o odeia, não o evita. Ora, a pessoa que ignora o bem e a virtude não pode reconhecer-me, não pode ser virtuosa, não

adquire a graça, único meio que a mim conduz. Percebes quanto é importante esta iluminação?

Vossos pecados consistem no amor por realidades que abomino; consistem em abominar coisas que eu amo. Pois bem! Amo a virtude, detesto o vício. Quem ama o vício, ofende-me; é um cego a caminhar, sem saber o que é o pecado, o que é o egoísmo, quais são as consequências do pecado. O pecador ignora o que seja a virtude, ignora que sou a fonte da vida, desconhece a dignidade da graça na prática das virtudes. Bem vêes, a ignorância é a raiz de seus males. Donde a necessidade desta iluminação.

24.2 - Iluminação dos imperfeitos

Após ter recebido a precedente iluminação geral, o cristão não deve dar-se por satisfeito.

Enquanto viveis neste mundo, podeis e deveis progredir. Se alguém estaciona, por isso mesmo retrocede. É necessário crescer naquela iluminação recebida com a graça, ou superar o que é imperfeito para atingir a perfeição. De fato, existe uma segunda iluminação para quem aspira à perfeição. Ela é dupla para aqueles que se elevaram do comum comportamento no mundo.

O primeiro é dos que se põem a castigar o corpo com grandes penitências, com a intenção de sujeitar a sensibilidade ao controle da razão. Estes dedicam mais esforço em dominar o corpo, que em destruir a vontade própria como já disse antes. São homens que vivem de penitências. Conseguirão ser bons, até perfeitos, se agirem com discernimento, se possuírem um humilde conhecimento de si mesmos e da minha divindade, se julgarem a respeito de si mesmos como eu o faço e não à maneira dos homens. Se a estes penitentes faltar humildade e conformação à minha vontade, regredirão na virtude. Estes últimos costumam condenar quem caminha por outras estradas; empenham-se unicamente na mortificação do corpo, não da vontade; gostam de escolher para si, de acordo com as próprias preferências, ocasiões, situações e confortos espirituais, bem como os sofrimentos e lutas contra o demônio. De tudo isso já falei quando me ocupei do estado próprio dos imperfeitos (18.1.2). Enganados por aquilo que denominei "egoísmo espiritual", tais pessoas se iludem, dizendo: "Gostaria de sentir estas e estas consolações, ao invés de sofrer as presentes impugnações e tentações do demônio. Não por mim mesmo, mas para poder agradar mais a Deus, para possuí-lo mais intensamente através da graça. Penso que nas consolações eu o experimentaria e o possuiria melhor!".

Com semelhante atitude, o homem termina muitas vezes na angústia e no desânimo, desespera-se, prejudica o próprio aperfeiçoamento, sem perceber que na base de tudo está o orgulho. Se em lugar do orgulho houvesse humildade, compreenderia que eu, bondade primeira bondosíssima, dou tudo - estado da alma, acontecimentos, acontecimentos,

situações, consolações, sofrimentos - em conformidade com as exigências da vossa santificação, visando vosso aperfeiçoamento; entenderia que tudo faço por amor. É no amor que a pessoa há de aceitar todos os eventos, como o fazem aqueles que estão no terceiro e quarto estados dos quais passo a falar.

24.3 - Iluminação dos perfeitos

O segundo modo de caminhar no aperfeiçoamento encontra-se no terceiro estado; os que chegam a esta iluminação comportam-se bem em tudo que fazem, respeitando devidamente tudo quanto lhes sucede. Disto já falei brevemente ao tratar do terceiro e quarto estados (18.4 e 18.5). Julgam-se merecedores das contrariedades provocadas pelo mundo, indignos de qualquer consolação, de qualquer conforto depois do sofrimento. Nesta iluminação eles compreendem que minha vontade eterna apenas deseja seu bem; tudo quero ou permito para que sejais santos. Com esse conhecimento, o homem se conforma ao meu querer e se preocupa unicamente em achar os meios necessários para santificar-se. Deseja louvar-me e glorificar-me. Fixa então o olhar da fé em Jesus crucificado e nele encontra a norma de todos, perfeitos e imperfeitos. A descoberta dessa mensagem de perfeição do Verbo encarnado leva-os a se apaixonarem por ela. Eis em que consiste tal mensagem de perfeição: que Cristo, repleto de desejo santo, vivia sedento da minha glória e salvação dos homens; que em força desse desejo santo, ele correu ao encontro da terrível morte na cruz, cumprindo a obediência que eu lhe impusera; que não procurou evitar as dificuldades e injúrias, nem desanimou diante da ingratidão e má vontade humana em reconhecer o grande dom aos homens oferecido; que não fugiu das perseguições dos judeus, das caçadas, críticas e vociferações do povo, mas pelo contrário, tudo venceu, como autêntico general, como bom soldado colocado por mim no campo da luta a fim de libertar-vos das mãos do diabo. Sim, Cristo vos libertou da pior escravidão! Ao versar seu sangue num imenso ato de caridade, ensinou-vos a estrada que conduz até mim e disse: "Eu construí o caminho, com minha paixão abri a porta; não sejais negligentes em caminhar, permanecendo sentados no egoísmo, de má vontade, com a presunção de servir-me a vosso modo. Eu, Verbo eterno, fiz a estrada em mim mesmo e a percorri no sangue".

Levantai-vos, pois, e imitai o Verbo encarnado! Ninguém pode vir a mim, senão por meio dele (Jo 14,6). Ele é o caminho e a porta, pelos quais deveis passar antes de atingir-me, oceano de paz.

Quem recebe esta iluminação, alegremente procura a mesa do desejo santo, sem pensar em si mesmo quanto a consolações espirituais e materiais. Tendo imergido sua vontade nessa luz,

aceita todos os cansaços, venham de onde vierem; suporta as tentações do demônio e as oposições dos homens; junto à cruz, arde no desejo de minha glória e da salvação humana. Nenhuma recompensa procura, seja da minha parte como da parte dos homens. O perfeito despojou-se do amor interesseiro (18.1.2), pelo qual me amava pensando em si mesmo. Agora, uma luz sem defeito o envolve. Ama-me desinteressadamente, sem aspirar por consolações; ama o próximo sem esperar compensações pessoais. Ama simplesmente por amar! Tais pessoas já não mais se pertencem. Despojaram-se do homem velho - a sensibilidade - e revestiram-se do novo, Jesus Cristo, a quem seguem virilmente. Tomados pelo desejo santo, procuram dominar a própria vontade, mortificar o corpo. Fazem penitências, mas não como se fossem a sua meta principal; fazem-nas apenas par eliminar a vontade própria, na maneira que expliquei ao falar daquela minha expressão: "Gosto de poucas palavras e de muitas ações". Tal deve ser também vosso modo de agir. O maior esforço oriente-se para a destruição do egoísmo; imite-se o Cristo crucificado, com o desejo de glorificar-me e de salvar a humanidade. É o modo de agir daqueles que se encontram nesta iluminação. Vivem em paz, tranquilos. Uma vez eliminado o fundamento de todo o mal, que é a vontade própria, já não se perturbam. Eles sabem que as perseguições do mundo e do demônio, são permitidas por mim. Mesmo num mar de contradições, saem ilesos. São ramos enxertados no tronco do amor.

Alegram-se em todos os acontecimentos. Os perfeitos e perfeitíssimos nada julgam sobre os meus servidores; nem a respeito de ninguém. Tudo os leva a exclaimar: "Agradeço-te, Pai eterno, porque em tua casa existem muitas moradas". Notando diversos modos de agir, alegram-se mais do que se vissem todos caminhar por uma mesma estrada; compreendem que dessa maneira meu ser é mais bem revelado. Sempre otimistas, de todas as coisas extraem o perfume da rosa, e não apenas aquilo que é bom. No que se refere às ações que parecem pecado, preferem não omitir juízos. Unicamente sentem compaixão. Oram pelos pecadores e com humildade refletem: "Hoje toca a ti, amanhã a mim, se a graça divina não me proteger".

Ó filha querida, apaixonar-te por este excelente estado de perfeição. Vê como esses progredem sob tão grande iluminação. Como são grandes! Têm o espírito santificado, estão sedentos pelo desejo santo, preocupam-se com a salvação dos outros, porque me amam. Revestiram-se de meu Filho, vivem sua mensagem com inflamado amor. Não perdem tempo a julgar falsamente meus servidores, nem a condenar os que seguem o mundo; não se preocupam com as maledicências contra si e contra os outros: se forem contra si mesmos, suportam-nas alegremente por meu amor; se forem contra o próximo, sentem compaixão e não ficam a murmurar contra o ofensor ou o ofendido; sua caridade para com os outros é reta, sem

distorções. Assim sendo, filha caríssima, não se escandalizam, nem pelas pessoas amadas nem por ninguém. Tendo morrido sua vontade própria, nunca julgam a vontade alheia; apenas consideram os desejos da minha clemência 89.

(89 - Nos escritos de Catarina a "clemência do Pai é o Espírito Santo).

Os perfeitos e perfeitíssimos vivem aqueles ensinamentos que te foram dados no princípio de tua vida, quando fervorosamente suplicavas atingir a pureza total. Refletias, então, sobre o que fazer para consegui-la e te adormentaste. Quando voltaste aos sentidos, a voz do meu Filho ressoou nos teus ouvidos, dizendo:

"Desejas chegar à pureza completa? Desejas livrar-te das preocupações, de modo que teu espírito em nada se escandalize? Procura estar sempre unida a mim no amor, pois sou eu a pureza suma e eterna; sou o fogo que purifica o homem. Quanto mais alguém se avizinhar de mim, mais puro será; quanto mais distante, mais impuro. Quem se une diretamente a mim participará da minha pureza. Há uma segunda coisa que deves fazer para atingir tal união e pureza: ao veres ou ouvires de quem quer que seja, afirmações referentes a mim ou aos homens, não pronuncies julgamentos. Diante de um pecado evidente, procura extrair uma rosa do espinheiro. Em outras palavras: oferece tudo a mim com santa compaixão!

Relativamente às ofensas cometidas contra ti mesma, lembra-te de mim, pois sou eu que permito tais coisas para experimentar tua virtude. Para experimentar em ti e nos demais servidores. Recorda-te de que o ofensor foi mero instrumento meu, e que ele age muitas vezes com reta intenção. Ninguém tem o direito de julgar o segredo do coração humano. Se uma ação não te parecer pecado mortal claro, evidente, não julgues interiormente além de quanto faço eu, que estou presente naquelas pessoas; se notares um pecado certo, não condenes; procura apenas compadecer-te. Comportando-te deste modo, chegarás à pureza perfeita. Teu espírito não se escandalizará, nem por minha causa nem por causa dos homens. Quando julgais iníqua a vontade de alguém, como contrária a vós, sem perceber no acontecido um desígnio meu, nasce em vós uma certa raiva contra aquela pessoa; tal raiva vos afasta de mim e prejudica vosso aperfeiçoamento. Em certos casos, chega a eliminar a graça, conforme a maior ou menor gravidade do rancor concebido contra o irmão no momento de condená-lo. Tal é a minha vontade, para vosso bem! Tudo quanto quero ou permito tem uma finalidade: que atinjais a meta para a qual vos criei! Quem ama o próximo, sempre me ama; quem me ama, acha-se unido a mim. Portanto, se desejas a pureza que suplicas, deves realizar três coisas principais: unir-te a mim no amor com a lembrança dos favores recebidos; entender o inestimável amor que vos dedico; não julgar má a vontade alheia, procurando ver nela a minha vontade. Eu sou o juiz; vós não! Assim agindo, muito aproveitaráis".

Se bem recordas, foram esses os ensinamentos do meu Filho. Afirmo-te, querida filha, o

seguinte: as pessoas que aprenderam a viver tal mensagem, possuem desde este mundo a garantia do céu. Conservando esta mensagem no espírito, escaparás das tentações do demônio e da dificuldade sobre a qual me interrogaste, pois estarás preparada para isso. Mas para ficar mais claro, descerei a maiores detalhes, respondendo aquele teu pedido; vou mostrar-te que vossos julgamentos não devem ser de condenação, mas de compaixão. Eu disse acima que os perfeitos e perfeitíssimos já possuem a certeza do céu; mas não o possuem ainda. Esperam recebê-lo como recompensa de mim, que sou a verdadeira vida: vida sem morte, saciedade sem fastio, fome sem carência; hão de receber o que desejam, porque o alimento sou eu. Sim, nesta vida já têm a garantia de ir para o céu e experimentam-na. Aqui a alma começa a ter sede da minha glória e da salvação dos homens; sacia tal sede operando no amor pelo próximo. É uma sede insaciável, um desejo que cresce cada vez mais. Todo penhor constitui um início de segurança dado a um homem, em força do qual ele espera receber o pagamento. Em si o penhor não é algo perfeito e supõe a fé, que causa a certeza de receber a paga. O mesmo acontece com a pessoa apaixonada pela mensagem de meu Filho; desde esta vida recebeu a certeza do amor por mim e pelo próximo. Em si mesma, não é uma garantia total, mas prenuncia a perfeição da vida imortal. Tal penhor não é, ainda, a perfeição. Quem o experimenta não saboreia o todo e sente dores em si e por causa dos outros. Em si, por ofender-me devido à lei perversa que faz o corpo combater contra o espírito; nos outros, por causa dos pecados alheios. No entanto, tal penhora é algo de perfeito na realidade da graça, embora não atinja - como disse - o grau dos bem-aventurados que já chegaram até mim. Vida que não mais termina. As aspirações dos santos não contêm sofrimentos; as vossas, sim! Como disse antes (18.5.3), os perfeitíssimos são sofredores e felizes, à semelhança do meu Filho quando se achava pregado na cruz. Então o corpo de Jesus achava-se doloroso e atormentado, mas sua alma era feliz na união com a divindade. Também os perfeitos e perfeitíssimos, revestidos da minha vontade, são felizes na união de desejos comigo; de outro lado sofrem, porque sentem compaixão pelos outros e afligem a própria sensibilidade, privando-se dos prazeres e gozos da mesma.

24.4 - Deus solicita atenção a Catarina

Filha querida, presta atenção agora, para que fiques esclarecida a respeito do que me perguntaste. Falei-te (24.2) da iluminação comum, necessária a todos, qualquer que seja a vossa condição. Trata-se da iluminação das pessoas que vivem na "caridade comum". Depois expliquei sobre a iluminação da caridade em aperfeiçoamento, que dividi em duas: a daqueles que deixam a vida no pecado mortal e procuram mortificar o corpo e a iluminação de quem

eliminou inteiramente o egoísmo. Estes últimos são homens perfeitos, que se alimentam na mesa do desejo santo. Agora, passo a responder às tuas perguntas. Falo diretamente a ti, e por intermédio, aos demais.

24.5 - Três atitudes fundamentais

Desejo de ti três atitudes, a fim de não impedires o aperfeiçoamento a que te chamo e para que o demônio, sob a aparência de virtude, não instile em teu coração a semente da presunção, que poderia levar-te àqueles falsos julgamentos, que te desaconselhei. Pensando estar na verdade, errarias. Às vezes, o demônio até faz conhecer exatamente a realidade, mas para conduzir depois ao erro. A intenção do maligno é transformar-te em juiz dos pensamentos e intenções dos outros. Mas o julgamento, como disse, só a mim pertence.

24.5.1 - Não corrigir o próximo

A primeira coisa que te peço, é que retenhas tua opinião e não julgues os outros imprudentemente. Eis como deves agir: Se eu não te manifestar expressamente, não digo uma ou duas vezes, mas diversas vezes, o defeito de uma pessoa, jamais deves fazer referências sobre tal coisa diretamente à pessoa, que julgas possuí-lo. Quanto aos que te visitam, corrigirás os defeitos genericamente, mediante conselhos sobre as virtudes, e isto com amor e bondade. Em caso de necessidade, usarás de firmeza, mas com mansidão. No caso de que eu te revele por diversas vezes os defeitos alheios, mas não tiveres certeza de que é uma revelação expressa, não fales diretamente sobre o caso. A fim de evitar a ilusão do demônio, segue o caminho mais seguro. O diabo pode enganar-te sob a aparência de caridade, fazendo-te condenar os outros em assuntos não verdadeiros, com escândalo mesmo. Nesses casos, esteja na tua boca o silêncio.

Ao perceberes defeitos nos outros, reconhece-os primeiramente em ti com muita humildade. No caso de existir realmente o pecado em alguém, mais facilmente ele corrigir-se-á se for compreendido bondosamente. A correção que não ofende, obrigá-lo-á a emendar-se. Aquela pessoa confirmará quanto querias dizer e tu mesma te sentirás mais segura, impedindo a intervenção do demônio, o qual não conseguirá enganar-te, prejudicando teu aperfeiçoamento. Convence-te de que não deves acreditar em opiniões. Ao escutá-las, atira-as para trás, nas costas; não as leve em consideração. Procura ir examinando apenas tua própria pessoa e minha bondade, tão generosa. Esta é a atitude de quem alcançou o último grau da perfeição e que, como já disse, sempre retorna ao vale do autoconhecimento. Atitude que, no

entanto, não lhe impede o elevado estado de união comigo.

Esta é a primeira coisa que deves praticar, a fim de me servires na verdade.

24.5.2 - Não julgar o interior do homem

Passo a falar da segunda atitude.

Quando estiveres orando diante de mim por alguém e acontecer de perceberes a luz da graça numa pessoa e em outra não, parecendo-te que esta última está envolta em trevas, não deves concluir que a segunda se acha em pecado mortal. Teu julgamento seria muitas vezes errado. Outras vezes, ao pedires por uma mesma pessoa, de uma feita a verás luminosa e tua alma sentir-se-á fortalecida naquele amor de caridade pelo qual o homem participa do bem do outro; numa outra vez, o espírito daquela pessoa parecerá distante de mim, como que em trevas e pecado, fato que tornará penosa tua oração em seu favor, ao queres conservá-la diante de mim.

Este último fato pode acontecer, às vezes, devido à presença de pecados naquele por quem oras; mas, na maioria dos casos será por outras razões. Fui eu, Deus eterno, que me afastei da pessoa. Conforme expliquei ao tratar dos estados da alma (18.1.2), retiro-me das almas a fim de que elas progridam no amor. Embora a alma continue em estado de graça, ausento-me quanto às consolações e deixo o espírito na aridez, tristonho e vazio. Quando alguém ora por tal pessoa, costumo transmitir-lhe esses mesmos sentimentos. Quero que ambos, unidos, se entrem no afastamento da nuvem que pesa sobre aquela alma.

Como vês, filha querida, seria iníquo e digno de repreensão, se alguém julgasse que a alma está em pecado mortal somente porque a fiz ver envolta em dificuldades, privada de consolações espirituais que possuía antes. Tu e meus servidores deveis esforçar-vos por conhecer-vos melhor, bem como, por conhecer-me. Quanto a julgamentos semelhantes, deixai-os para mim. A mim, o que me pertence; vós, sede compassivos e desejosos de minha glória e salvação dos outros homens. Manifestai as virtudes e repreendei os vícios, tanto em vós como nos outros, segundo a maneira como indiquei acima (24.5.1). Desse modo chegareis até mim, após entender e viver a mensagem do meu Filho, a qual consiste na preocupação consigo mesmo, não com os demais. É assim que deveis agir, se pretendeis praticar a virtude desinteressadamente e perseverar na última e perfeitíssima iluminação (24.3), repleta de desejo santo, isto é, de zelo pela minha glória e pela salvação do próximo.

24.5.3 - Respeitar a espiritualidade alheia

Após discorrer sobre as duas primeiras atitudes, ocupo-me da terceira. Quero que me prestes muita atenção, a fim de que o demônio e tua fraca inteligência não te façam obrigar outras pessoas a viver como tu vives. Tal ensinamento seria contrário à mensagem do meu Filho. Ao ver que a maioria das almas segue pela estrada da mortificação, alguém poderia querer orientar todos os outros a seguirem pelo mesmo caminho. Ao notar que uma pessoa não concorda, aquele conselheiro se entristece, fica intimamente contrariado, convencido de que o fulano age mal.

Grande engano! Na realidade está mais certo quem pareceria andar errado, fazendo menos penitência. Pelo menos será mais virtuoso, sem grandes macerações, do que aquele que o fica a criticar. Já te disse que devem ser humildes aqueles que se mortificam. Considerem as penitência meros instrumentos, não como a meta. Normalmente, as murmurações prejudicam o aperfeiçoamento no amor. Quem se penitencia, não seja mau, não ponha a sua santidade unicamente no macerar o corpo. O aperfeiçoamento encontra-se na eliminação da vontade própria. A atitude desejável para todos é que submetam a má vontade pessoal à minha vontade, tão amorosa. É isso o que eu desejo. É esse o ensinamento do meu Filho. Quem o seguir estará na verdade.

Não desprezo a penitência. Ela é útil para reprimir o corpo, quando ele se opõe ao espírito. Mas, filha querida, não a deves impor como norma. Nem todos os corpos são iguais, nem todos possuem a mesma resistência física. Um é mais forte que o outro. Como afirmei, muitas vezes motivos fortuitos aconselham a interrupção de alguma mortificação iniciada. Ora, seria falsa tal afirmação, se a penitência fosse algo de essencial para ti ou para outra pessoa. Se a perfeição estivesse na mortificação, ao deixá-la, julgaríeis estar sem minha presença, cairíeis no tédio, na tristeza, na amargura e na confusão. Deixaríeis o exercício da oração, realizando ao mortificar-se. Interrompida assim, com tantos inconvenientes, a mortificação nem seria mais agradável ao ser retomada.

Eis o que aconteceria, se a essência da perfeição consistisse na mortificação exterior e não no amor pela virtude. Grande é o mal causado pela mentalidade, que põe na penitência o fundamento da vida espiritual. Tal mentalidade deixa a pessoa sem compreensão para com os outros, murmuradora, desanimada e cheia de angústias. Além disso, todo vosso esforço para honrar se basearia em ações finitas, ao passo que exijo de vós um amor infinito. É indispensável que considereis como elemento básico de vosso aperfeiçoamento a eliminação da vontade própria; submetendo-a a mim, fareis um ato de desejo agradável, inflamado, infinito para minha honra e para a salvação dos homens. Será um ato de desejo santo, que em nada se escandaliza, que em tudo se alegra, qualquer seja a situação que eu permita para vosso proveito.

Não se comportam desse modo os infelizes que seguem por estradas diferentes daquela, reta e suave, ensinada por meu Filho. Comportam-se de outro jeito: julgam os acontecimentos de acordo com a própria cegueira e com o errado ponto de vista; caminham como louco sem tirar proveito dos bens terrenos nem gozar dos celestes. Como afirmei antes, já possuem a garantia do inferno.

24.5.4 - Resumo das três atitudes anteriores

Essa é a resposta às tuas perguntas, filha querida, sobre a maneira de corrigir o próximo sem ser enganada pelo demônio e sem conformar-te ao teu fraco modo de pensar. Disse (24.5.1) que deves corrigir o próximo genericamente, sem descer aos casos pessoais. A não ser que eu te revele expressamente a situação de pecado; mas assim mesmo, com muita humildade. Disse também (24.5.1), e torno a repetir, que jamais deves julgar o próximo, em geral ou em particular, pronunciando-te sobre o estado da sua alma, seja para o bem como para o mal. Expliquei o motivo: o julgamento pessoal é sempre enganador. Tu e os outros servidores meus, deixai para mim todo julgamento.

enfim, expus a doutrina relativa ao fundamento verdadeiro da perfeição (24.5.3), o qual deves ensinar a quem te procurar desejoso de abandonar o pecado e praticar a virtude. Ensinei que deves apresentar como atitude básica o amor à virtude, o autoconhecimento e o conhecimento do meu ser. Ensinarás a tais pessoas, que destruam a vontade própria, que jamais se revoltem contra mim, que considerem a penitência como um meio, não como finalidade principal. Afirmei ainda que não deves aconselhar a mortificação em grau igual para todos, mas de acordo com a capacidade de cada um, em seu estado de vida. A uns pedirás pouco, a outros mais, segundo a capacidade corporal.

Pelo fato de dizer-te que só deves corrigir genericamente, não pretendo afirmar que jamais hás de corrigir pessoalmente. Serás até obrigada a fazê-lo. Quando alguém se obstina em não emendar-se, podes recorrer a duas ou mais pessoas; e se isso for inútil, apresenta o caso à hierarquia da santa Igreja. Ensinei que não deves corrigir tomando como norma teu modo pessoal de ver, teu sentimento interior; baseando-te nele, não podes mudar de opinião sobre as pessoas. Sem prova evidente ou revelação expressa, não repreendas ninguém. Tal modo de agir é o mais seguro para ti, pois ele evita que o demônio te engane com aparências de amor fraterno.

24.6 - Visão e alegria espiritual

Filha querida, expliquei-te o que é necessário fazer para o aperfeiçoamento da alma; vou atender agora àquele teu pedido, relativo à minha presença durante as visões ou demais manifestações, que alguém julgue ter. Disse que o sinal distintivo de que estou visitando a alma é a alegria, o desejo das virtudes e, sobretudo, grande humildade e amor. Tu me perguntaste, porém, se a alegria não pode iludir a alma. Desejas estar do lado mais seguro, queres um sinal definitivo de que não padeça engano. Vou falar-te de uma possível ilusão e sobre o modo de saber quando a alegria é autêntica ou não.

A ilusão possível é esta: alegra-se uma pessoa, quando obtém aquilo que desejava. E quanto maior for seu desejo, menor atenção prestará à causa da alegria. A posse do objeto desejado, o prazer sentido, impedem que sua consideração seja clara e distinta. Isto acontece com almas que gostam de consolações espirituais e vivem à procura de visões, depositando maior interesse nelas que em mim. Já te disse (18.1.2) que essa é a atitude daqueles que estão no estado do amor imperfeito. Eles se aplicam mais em obter consolações, do que em amar. Pois bem, é exatamente neste ponto que se acha a ilusão relativa à alegria. Outros enganos existem, mas deles já falei longamente (18.3.2). No caso presente, como acontece?

Quem ama as consolações espirituais, alegra-se grandemente ao recebê-las. Contente em possuir quanto desejava, muitas vezes se rejubila por artifícios do demônio. Já ensinei (18.3.2.3) que as visões ou consolações provocadas pelo demônio começam causando alegria, mas que depois se transformam em sofrimento e remorso, num vazio da caridade e das virtudes que leva a pessoa ao abandono da oração. Portanto, se a satisfação e a alegria não estiverem acompanhadas de amor pela virtude; se a pessoa não for humilde e muito caridosa, é sinal de que tal visita ou consolação não procede de mim, mas do diabo. Como disse, todo prazer espiritual não acompanhado de virtude, revela claramente que sua origem provém do apego à auto-consolação.

Todo homem se alegra ao conseguir o que ama; esta é a própria condição do amor. Disto decorre, pois, que não podes confiar somente no contentamento interior, mesmo quando ele persevera depois da visão. Por si mesma, sem outro recurso à prudência humana, a alegria é insuficiente para dizer se se trata de engano do demônio. É preciso agir com discernimento, examinando se o contentamento está acompanhado ou não pelo amor à virtude. Isso dirá se a visita interior é minha ou do diabo. O sinal de que falava, portanto, é o seguinte: o que prova minha presença na alma é a alegria interior com as virtudes. É um sinal que demonstra a verdade: diz se há ilusão ou não, indica se o contentamento vem de mim, do egoísmo ou do demônio. A alegria causada por mim contém amor à virtude; aquela causada pelo diabo limita-se unicamente ao contentamento. Um exame atento fará ver que a virtude da pessoa, após a consolação, continua a mesma de antes; o contentamento em si é somente indício do amor

por si mesmo.

Quero dizer-te, porém, que somente os imperfeitos caem nesta ilusão do enlevo pelo prazer espiritual, dando mais valor ao dom que ao doador. Os homens inflamados de caridade não pensam em si mesmos, mas em mim, o doador. Por atribuírem pouco valor ao tempo presente, colocam sua felicidade espiritual em mim e não se deixam enganar. Se o diabo os tenta iludir, manifestando seus pensamentos em forma de luz, dando-lhes alegria, eles sabem distinguir. Desapegados das consolações, usam de discernimento e percebem a ilusão. Por tratar-se de uma alegria passageira, sentem-se no escuro; humilham-se, então, mediante o autoconhecimento, deixam de lado aquela consolação e apegam-se fortemente à mensagem do meu Filho. O demônio, confundido, não mais voltará, ou somente raras vezes.

As pessoas apegadas às consolações costumam receber muitas visitas do diabo em forma de luz. Que tais pessoas procurem entender, pela maneira explicada, se se trata de uma ilusão: investigue se a alegria interior está acompanhada pelas virtudes; se a alma sai dessa visão com maior humildade, caridade, desejo santo, ou seja, com mais amor por mim e pela salvação dos outros. Bondosamente providenciei que todos vós, perfeitos e imperfeitos, qualquer que seja vossa situação, não sejais enganados. Basta ter a mente iluminada pela fé e impedir que o diabo vos obscureça. Se vós mesmos não afastais o egoísmo, ninguém o conseguirá destruir em vosso lugar.

24.7 - Exortação à prece

Filha querida, disse todas essas coisas com clareza; esclareci teu espírito sobre as possíveis ilusões do demônio. Atendi aos teus pedidos, porque não desprezo os desejos dos meus servidores e costumo dar atenção a quem me implora. Até desagradam-me aqueles que, por não viver a mensagem de meu Filho, deixam de bater à porta da sabedoria. Quem realiza sua mensagem, bate à minha porta, chama-me na voz do amor e das orações humildes e contínuas. Sou o Pai que vos dá como alimento a graça do meu Filho. Ele é a porta, ele é a verdade.

Às vezes, para experimentar vosso amor e perseverança, finjo não escutar. Na realidade, escuto e concedo tudo quanto precisais. Dou-vos o desejo e a voz para pedi-lo. Se noto que sois perseverante, bondosos e que estais voltados para mim, atendo aos vossos anseios. Meu Filho vos ensinou a clamar diante de mim quando disse: "Chamai e sereis atendidos, batei e ser-vos-á aberto, pedi e receberéis". Desejo que seja esse teu modo de agir. Nunca desanimes de pedir meu auxílio; não abaixes a voz ao suplicar que eu use de misericórdia para com o mundo. Não deixes de bater à porta, que é meu Filho, mediante a vivência de sua mensagem.

Alegra-te com ele na cruz, dedica-te aos outros e ao louvor do meu nome. Chora angustiadamente sobre o homem morto, quando o vês carregado para o cemitério em grandíssima miséria espiritual, impossível de ser descrita. Quero ser misericordioso ante esse clamor e pranto. É quanto exijo dos meus servidores; tal será a prova de que me amam. Como disse acima (24.8), não desprezo seus desejos!